scott blum



O SEGREDO DA LIBÉLULA

A BUSCA DE UM HOMEM PELO SENTIDO DA VIDA

Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Net*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Scott Blum

O Segredo da Libélula

A Busca de um Homem Pelo Sentido da Vida

Tradução:

Mirian Ibanez

2009

PREFÁCIO

Muitas pessoas me perguntam se esta historia é real ou ficção, e essa pergunta é sempre difícil responder. A verdade, para mim, não se limita ao mundo físico; em vez disso, representa uma energia que circula nos intervalos entre o tempo e o espaço, num furtivo rio de intenções. E a energia contida nestas páginas é tão real como qualquer luz que vejo, canção que ouço ou fruto que já provei. É verdade que usei um artifício de ficção para entrelaçar as palavras em uma trama que seja fácil apreciar, assim como também é verdade que muitos dos eventos descritos aqui aconteceram de fato, de modo que muitas pessoas podem se identificar com eles. Para mim, porém, isso é irrelevante, porque a energia subjacente -

e ela sempre está ali - é a minha verdade.

Que você se divirta lendo a minha verdade e que ela o inspire a ouvir a sua!

Capítulo 1

Ele era o sem-teto mais feliz que conheci. Seu sorriso era caloroso e amigável. Os cabelos, compridos até os ombros, eram iguais à emaranhada barba ruiva. Embora parecesse estar usando as mesmas roupas marrons maltrapilhas desde o dia anterior e cheirasse como se não tomasse banho havia uma semana, algo em seus olhos azul-claros me deixou à vontade.

Enquanto carregava minhas compras pelo estacionamento até minha vaga, li o cartão que ele estava segurando: Receba sempre com gratidão.

Seu sorriso expandiu-se intencionalmente quando passei por ele, e assim que olhei para baixo percebi que havia um pequeno cachorro negro dormindo a seus pés. Quando estava bem próximo do homem, sussurrei para mim mesmo: Isso é irônico.

- O que é irônico? - ele perguntou.

Surpreso, dei mais um passo, esperando dar a impressão de não ter ouvido o que ele dissera.

- O que é irônico? - ele repetiu.

Parei e virei-me devagar. Embaraçado, respondi:

- É irônico que você esteja dando um conselho sobre como 2

receber, quando está pedindo dinheiro.

- Não estou pedindo nada - ele sorriu com satisfação. - Agora mesmo, estou dando.

Mordi a isca, sem pensar.

- Então, quando é que vai me dar alguma coisa?

- Já lhe dei, mas você não aceitou da maneira como lhe foi oferecido.

- Ah... acho que se enganou. Você não me deu nada. Talvez esteja me confundindo com outra pessoa.

- Não, não o confundi com ninguém! - ele estava visivelmente irritado. - Por favor, vá embora. Estou muito ocupado - ele disse.

Olhei ao redor e não havia ninguém nas proximidades.

- Por favor, vá embora agora mesmo - ele repetiu e virou para o outro lado.

Sem graça, carreguei minhas compras ladeira acima, até meu apartamento. Não sabia o que podia ter dito para ofendê-lo, mas ele não deixou nenhuma dúvida de que não ficara satisfeito com meu comportamento.

Quando cheguei em casa, ainda estava bastante perturbado com o acontecido. Tentei me livrar daquela sensação, convencendo-me de que ele provavelmente me confundira com outra pessoa. Queria esquecer tudo e voltar ao meu cotidiano normal, mas não conseguia. Em geral, não me importo com o que as pessoas pensam de mim, mas tive uma estranha conexão com aquele homem e não queria perder aquilo.

Menos de uma hora depois, peguei minha carteira e voltei ladeira abaixo. Não sabia muito bem o que ia dizer, mas tinha 3

de tentar.

Fiquei aliviado ao ver seu cabelo ruivo emaranhado e o cachorrinho assim que me aproximei da cooperativa em que havia feito as compras. Quando cheguei perto, vi que ele tinha um novo cartaz, no qual li:

Quero uma laranja.

O que você quer?

Sorri e pensei que se tratava de uma boa idéia para um gesto de paz. Fui até a loja e comprei a melhor laranja-baía que encontrei e ainda peguei umas miudezas que não havia tido condições de carregar da vez anterior.

Tão logo atravessei as portas duplas de vidro em direção ao exterior, atirei a laranja para ele, decidido a ter uma nova chance.

- Aqui está - falei, quando a fruta saiu da minha mão.

- Obrigado! - Ele sorriu, e parecia genuinamente agradecido pela laranja. - Essa foi a melhor coisa que me aconteceu durante todo o dia.

Na mesma hora, suas palavras fizeram com que eu me sentisse melhor, e assim decidi ser um pouco brincalhão.

- Então você pode me ajudar a conseguir o que quero? - Dei uma risadinha de satisfação.

- Claro que posso!

- E como pode fazer isso?

- Você pode tornar real qualquer coisa que queira.

- Ah... mesmo? Então por que você não faz isso?

- Faço todos os dias.

- Então por que continua sendo um sem-teto?

- Por que você pensa que sou um sem-teto?

Minha nossa!, pensei. Definitivamente teria de prestar muita atenção ao que ia dizer se tivesse mesmo a intenção de ficar mais tempo com ele.

- O que você concretiza - perguntei, tentando arduamente mudar de assunto.

- Hoje concretizei uma laranja.

Dei risada.

- Tudo que você fez foi escrever um aviso dizendo que queria uma laranja.

- E você me deu uma. Portanto, claramente tive êxito na concretização. - Ele sorriu com orgulho.

- Então, se eu quiser um milhão de dólares, tudo que tenho de fazer é um aviso dizendo "Dê-me um milhão de dólares" e alguém simplesmente vai me oferecer essa quantia?

- Você acredita que vai acontecer?

- Claro que não! Não há nenhuma chance de alguém ler um aviso desses e resolver me dar toda essa grana!

- Então você já respondeu à própria pergunta.

- Ou seja... você concorda... que não pode fazer com que qualquer coisa que queira apareça, de repente, de algum lugar.

- Não. Apenas concordo que você não acredita que essa seja a maneira correta de tornar real a quantia de um milhão de dólares. Na verdade, fazer com que algo se manifeste não tem nada a ver com fazer um esforcinho à toa e falhar. Tem que ver, isso sim, com alinhar as metas ao destino para que ambos se tornem uma coisa só. É preciso acreditar sem nenhuma 5

dúvida e agir de imediato, senão será apenas perda de tempo.

Você realmente quer um milhão de dólares?

- Claro que quero!

- Eu não acredito.

- Por que não?

- Porque tenho uma laranja e não parece que você esteja sequer próximo de ter um milhão de dólares no bolso.

Talvez ele tivesse razão.

- O que você realmente quer? - Os olhos dele me fixavam penetrantes à procura das profundezas.

- Ser feliz - respondi, após longa pausa.

- Agora, sim, trata-se de uma coisa em que posso ajudá-lo.

Desde que você seja honesto consigo mesmo, já estará a meio caminho de lá.

- Sou Robert - ele disse, estendendo a mão.

- E eu, Scott. - Apertei a mão dele.

- Prazer em conhecê-lo, Scott. E esse é meu cachorrinho, Don. Volte aqui amanhã, mais ou menos nessa mesma hora, e terei algo para você.

Assim que fui embora, notei que estava ao mesmo tempo intrigado e temeroso da maneira como me sentia atraído por Robert. Para mim, havia algo estranho no modo como as pessoas de Ashland são abertas e calorosas, e ainda estava me habituando a isso. Em Los Angeles, eu me sentia confortável com o véu de anonimato propiciado pelas multidões. E, quando comecei a descobrir como é amistoso o povo de uma pequena cidade como esta, no sul do Oregon, senti-me envergonhado de como me tornei tão fechado ao longo dos anos e prometi mudar essa conduta. Aqui, ninguém sabia 6

como eu era desconfiado e entediado em Los Angeles, e eu queria me reinventar como uma pessoa amigável que só podia ver o que existe de bom nos outros. Era

um tremendo exercício mental que quase imediatamente começou a me oferecer de volta algum traço do otimismo que eu tinha na infância. Decidi abraçar esse ideal quando fiz o caminho de volta na ladeira e continuei a desempacotar mais caixas.

Eu adorava meu novo apartamento, e ele tinha uma ótima localização, somente a três pequenos quarteirões do Lithia Park, nas colinas ao norte, no topo do centro da cidade de Ashland. Encravado entre antigos carvalhos numa rua arborizada, o duplex amarelo-claro era maior do que aqueles nos quais eu estava habituado a morar e parecia mais uma casa que um apartamento - em especial por causa do enorme quintal. O quarto tinha uma vista bela e era alugado mês a mês, portanto, se não desse certo permanecer em Ashland, eu sempre poderia continuar minha jornada para o norte e não teria de permanecer ali por muito mais tempo que o necessário.

Alguns dias antes eu estava viajando em direção a Portland, para recomeçar minha vida após ter perdido meu emprego na insensível indústria do entretenimento. Desde o momento em que me mudei para Los Angeles, uma onda de má sorte me impediu de manter cada emprego por muito tempo. Sempre eram mencionadas razões de orçamento, mas a verdade era que eu nunca fora capaz de encontrar um nicho em nenhuma daquelas companhias em que trabalhei. E era sempre o primeiro a ser demitido se a situação ficasse difícil. Porque 7

tinha inclinação a aceitar o emprego errado, permanecia mais sem que com trabalho.

Finalmente, prometi a mim mesmo que, se perdesse o emprego outra vez, deixaria a cidade antes que minhas economias minguassem a um ponto crítico. Por sorte, uma das primeiras pessoas que conheci em Los Angeles foi um empresário do ramo musical chamado Clark. Ele trabalhava na mesma gravadora que eu quando cheguei à cidade e estava sempre envolvido em algum esquema de enriquecimento rápido. Nós nos demos bem de imediato, mas quando isso aconteceu ele já estava indo embora. Ele estava farto do ambiente de Hollywood e resolvera mudar para Portland decidido a lançar uma gravadora independente para aproveitar o conhecimento expandido que tinha do cenário musical. Ele me ofereceu um emprego para quando estivesse com a empresa lançada no Oregon, e decidi aceitar depois de ter recebido meu mais recente aviso prévio. Simplesmente juntei tudo que pude em um trailer e comecei a dirigir em direção

ao norte. Fui embora no dia seguinte em que perdi meu emprego, sem me preocupar em me despedir de ninguém que conheci.

Depois de conduzir o carro por doze horas seguidas, cruzei a fronteira entre a Califórnia e o Oregon, e o motor de meu velho Volvo morreu dramaticamente na montanha Siskiyou, após uma forte explosão e uma espessa coluna de fumaça negra. Deveria ter parado em um posto de gasolina para fazer uma revisão antes de começar a subir, mesmo porque eu sabia muito bem como Siskiyou exigia demais dos carros velhos. Eu crescera numa cidadezinha no norte da Califórnia, cerca de 8

oitenta quilômetros ao sul da fronteira do Oregon, portanto havia escalado aquele desfiladeiro muitas vezes. Entretanto, minha família mudara-se para o Meio-Oeste alguns anos antes, e todos os meus velhos amigos tinham desaparecido havia muito tempo, de modo que não havia razão para fazer uma parada na viagem. Olhando a situação em retrospectiva, fazer uma boa checagem de óleo no Yreka teria sido uma boa idéia.

Felizmente, uma patrulha rodoviária estava um pouco atrás de mim quando meu carro explodiu, então os policiais fizeram um bloqueio naquela parte da estrada até que o guincho chegasse. Meu carro e o trailer foram levados ao primeiro mecânico disponível, que ficava justamente em Ashland. E quando eu soube quanto custaria o conserto do veículo precisei decidir se comprava uma passagem de ônibus para Portland ou se gastava todas as minhas economias para ressuscitar o Volvo.

Quase comprei uma passagem de ônibus para sair de Ashland, mas alguma coisa me disse para adiar a decisão por alguns dias e simplesmente permanecer ali. De fato, eu não estava tão interessado em Portland, mas sim em sair de Los Angeles.

Embora tecnicamente eu já tivesse um emprego esperando por mim lá, tinha dinheiro suficiente para me manter por alguns meses enquanto tentasse encontrar trabalho.

Tinha esquecido de quanto gostava de Ashland - era um dos meus lugares favoritos durante a adolescência. E me lembrava de visitar aquele lugar turístico idílico para fazer compras, comer nos restaurantes ou assistir vez ou outra a uma peça de Shakespeare. A cidade era linda, o ar muito limpo, havia 9

cultura e, mais importante, eu simplesmente gostava dela.

Sentia-me confortável em Ashland, e jamais me sentira confortável em nenhum outro lugar (incluindo em minha própria pele) desde que me conheço por gente.

Assim que me hospedei em Ashland por alguns dias, imediatamente a vida pareceu ficar mais fácil e abandonei depressa meu plano original, decidindo permanecer no sul do Oregon. Eu já estava até mesmo muito mais feliz do que em Los Angeles e logo me acostumei com a idéia de viver sem um carro. Eu andava a pé desde que chegara, e isso me liberava de ter um carro, embora tivesse mantido essa dependência por muitos anos.

CAPÍTULO 2

No dia seguinte, despertei no topo do mundo. Eu ainda estava cuidando de parte da mudança e nem tinha desfeito as malas, mas minhas reservas de adrenalina me mantinham em movimento e eu estava oficialmente morando na mais bela cidade em que já estivera. Desde que chegara, o tempo havia permanecido quente, ao contrário do costume, e às vezes até competia com as mais altas temperaturas do sul da Califórnia.

Foi uma coisa boa porque meu guarda-roupa estava restrito a camisetas de mangas curtas, jeans e tênis, tendo em vista que, durante muitos anos, eu trabalhara no ambiente casual da in-dústria do entretenimento. Os habitantes locais avisaram-me de que a temperatura ia cair vertiginosamente quando a estação mudasse, e comecei a perceber isso, embora tenha vivido uma única estação nos últimos anos.

10

Mais ou menos na mesma hora do dia anterior, retornei à cooperativa, ansioso para ver o que meu amigo teria para mim. Robert estava sentado de pernas cruzadas, com as costas apoiadas em uma árvore conífera, e o pequeno labrador negro dormia a seus pés. Ele ainda vestia as mesmas roupas marrons maltrapilhas do dia anterior, embora parecesse ter encontrado uma escova para pentear os cabelos. Quando me aproximei, o cãozinho, percebendo minha presença, abriu os olhos rapidamente, mas logo os fechou de novo, retornando ao sono aparentemente perpétuo.

- Olá - falei enquanto caminhava na direção deles.

- Olá, Scott. - Robert levantou-se depressa, juntou seus pertences e começou a

colocá-los numa grande sacola de lona.

Ele sacudiu casualmente o recém-escrito cartaz que estava mantendo no chão.

Não há diferença entre

_____ e _____.

Aquele escrito me desafiou. Eu poderia encontrar um par que desafiasse claramente essa aparente premissa de igualdade e comecei a pensar em várias duplas. Girafas e jacarés.

Debutantes e automóveis. Janelas e plumas. Por fim, disse uma em voz alta, na certeza de que iria surpreendê-lo:

- Cotovelos e cogumelos.

- Como?

- Seu cartaz... Não há diferença entre cotovelos e cogumelos -

disse, convencido.

- Concordo. - Ele continuou a guardar as coisas. - De fato, não 11

existe.

A resposta dele me confundiu, e, quando eu ia começar a protestar, ele balançou a cabeça como se dissesse: Não se preocupe. Você tem muito que aprender.

Então Robert guardou o cartaz na mochila e ajeitou com cuidado uma série de coisas que mantinha ali dentro. Em seguida, ele a ofereceu a mim e perguntou:

- Você se importa?

- De maneira nenhuma. - Peguei a sacola de tecido e ajustei-a nos ombros enquanto meu ego ainda estava um pouco perturbado pela resposta desdenhosa.

Vamos embora - ele disse, lançando o cachorro nas costas como se estivesse carregando um bichinho de pelúcia. O

cãozinho deixou escapar um grunhido de surpresa quando sua barriga tocou o ombro de Robert, mas suas pálpebras continuaram fechadas e ele retornou em silêncio ao seu estado de indiferença.

Andamos ladeira acima em direção à rua Main e viramos à direita, na base da montanha, perto da grande biblioteca cinza. Eu nunca havia estado naquele edifício público antes, mas sua presença imponente dominava com segurança o lado sul do centro da cidade.

- Para onde estamos indo? - perguntei.

Robert lançou um olhar cortante em minha direção, deixando bem claro que minha pergunta não seria respondida. Por um breve momento fiquei pensando se deveria confiar nele, uma vez que ele parecia ter o hábito de ser enigmático e reservado ocasionalmente. Mas a verdade é que me sentia confortável quando estava perto dele. Era como se tudo estivesse como 12

tinha de estar, e ele expressava certa inocência infantil que fazia tudo parecer estar perfeito. Embora não fizesse muito sentido confiar por completo em alguém que acabara de conhecer, decidi atribuir àquela apreensão um caráter de reminiscências de desconfiança adquirido em Los Angeles. Se eu iria mesmo permanecer em Ashland, precisaria fazer alguns amigos, de qualquer maneira, então tentei tirar minhas dúvidas da cabeça e aproveitar o dia sem pensar muito nisso.

- De onde você é? -perguntei, mudando de assunto.

- Sou de toda parte, mais recentemente de Eugene.

- E o que o trouxe aqui?

- Com certeza, vim para conhecer você.

Sorri, mas não estava certo de que ele estivesse brincando.

- Viajo para qualquer lugar onde sou necessário, e Ashland sempre parece ter pessoas que estão prontas para passar para o próximo nível.

- Próximo nível de quê ?

- Próximo nível de consciência. Como Ashland está em um vórtice, atrai pessoas que estão no caminho. E muitas, como você, não percebem que estão no caminho até que conheçam alguém como eu.

- Alguém como você? O que quer dizer com isso? Quer dizer que há outras pessoas como você?

- Claro que há outras pessoas como eu, assim como há outras pessoas como você. Você está prestes a despertar espiritualmente, e estou aqui para ajudá-lo a fazer isso.

Felizmente, agora mais do que nunca, muitas pessoas estão nessa jornada. Por fim, é chegada a hora deste planeta despertar para que possamos, como um todo, progredir para o 13

próximo nível.

Eu não pensava que estivesse prestes a nada espiritual. Apenas tive o carro quebrado numa pequena cidade montanhosa e estava tentando fazer o melhor com o pouco dinheiro de que dispunha. Na realidade, eu nunca havia pensado muito sobre espiritualidade antes. Embora meus pais tivessem nascido em famílias religiosas, decidiram criar os filhos para serem agnósticos, então eu não tinha muita experiência com essas coisas. Celebrávamos o Natal, mas essa festa estava mais para

"Papai Noel" que para "Jesus e Maria".

Enquanto continuávamos a caminhar pelas montanhas acima do centro da cidade, eu me dei conta do porquê Robert estava sendo tão gentil. Evidentemente era um religioso fanático que estava tentando me converter.

- A que religião você pertence? - Achei que já era tempo de abrir aquela questão.

- Religião? Não sou religioso! - ele respondeu, indignado. -

Quem disse qualquer coisa sobre religião? Espiritualidade e religião são duas coisas muito diferentes.

- Desculpe-me, pensei que...

- Religião é o conhecimento da verdade - ele interrompeu - e espiritualidade é a sabedoria da verdade.

- Você está dizendo que pessoas religiosas não são espiritualizadas? - Eu estava confuso.

- É claro que não. - A voz dele adquiriu um tom mais suave e mais inteligível quando explicou: - Há muitas pessoas religiosas que são bastante espiritualizadas. A religião é apenas um dos caminhos para o despertar espiritual.

Memorizando passagens, praticando rituais ou estudando a 14

ciência do universo, todos fazem a mesma coisa: mantêm a mente ocupada com conhecimento até que tenham experiência de vida suficiente para saber o que fazer com isso.

E isso é sabedoria. Sabedoria = conhecimento + experiência.

- Mas se religião é o conhecimento da verdade, como é possível que tantos livros religiosos se contradigam? - Minha educação agnóstica começava a se manifestar.

Existe uma única verdade subjacente que reúne todos esses livros, seja ela escrita ou não. E, embora todos tentem, as palavras não conseguem captar e traduzir a essência da verdade, e a contradição é uma de suas primeiras armadilhas.

Estava começando a ficar zonzo, de modo que fiz um sinal indicando a Robert que parasse, para que eu pudesse tomar fôlego antes de prosseguir. Pensei que estivesse em excelente forma, mas todos aqueles anos sentado naquele tráfego intenso, em que os carros ficavam quase grudados uns nos outros, claramente fizeram estragos e cobravam seu preço.

Robert colocou o pequeno cão preto na calçada e retomou o que estava dizendo:

- Contudo, para aqueles de nós que estão abertos a se aprofundar na sabedoria do universo, que já existe, é possível embarcar no caminho da verdade em muito menos tempo.

Recomecei a caminhar lentamente pela encosta, e, depois de se assegurar de que

o cãozinho estava bem, Robert lançou o labrador negro sobre os ombros e, sem o menor esforço, subiu a ladeira para me alcançar.

Após assimilar o que ele estava dizendo, acabei por perguntar:

- Então isso significa que posso absorver a sabedoria do universo?

- Sim, você pode. Todos nós podemos. A questão é: você está disposto a entregar as próprias experiências ao universo? - Ele sustentou meu olhar por alguns segundos, e desviei, olhando adiante.

- Isso parece difícil - falei.

- Difícil é lutar contra o destino. Mas é para isso que servem os erros: para mostrar o que é e o que não é seu destino. Você compreende?

- Sim. Não. Não sei. - Eu não tinha nenhuma energia para fingir.

- É disso que gosto em você - ele riu. - Sua honestidade é reconfortante.

Não sabia o que dizer para que ele fosse mais claro, então perguntei:

- Há quanto tempo você vem ajudando pessoas a despertar espiritualmente?

- Há cerca de mil e duzentos anos, até agora.

- Quase tropecei no meio-fio, sem a certeza de ter entendido bem.

- Você está muito bem para quem tem mil e duzentos anos.

- Muito engraçado. É claro que não estou neste corpo há mil e duzentos anos. Este é muito novo para mim.

- Novo... desde quando?

- Há apenas algumas semanas. Eu o obtive em Eugene, desse Don aqui - ele disse, acariciando o pequeno mascote, cujos olhos estavam semiabertos agora, à medida que o animal chacoalhava a cada passo de Robert.

- O cachorrinho Don deu a você o corpo em que está agora?

Como isso funciona?

16

- Cachorrinho Don... gosto disso. - Ele sorriu. - Sou o que chamam de Andarilho. Isso significa que procuro por um corpo hospedeiro para usar sempre que aquele em que estou não vai durar muito mais, aí passo para o novo. É muito semelhante ao que qualquer um faz antes de nascer, mas em vez de escolher um corpo recém-concebido pego um que já sabe andar e falar. Isso facilita muito meu trabalho. Após mil e duzentos anos, não preciso ser adolescente outra vez. É

muita distração.

Minha cabeça estava girando. Não sabia se devia ou não acreditar nele, mas tinha de admitir que ele não era enfadonho.

- E o que o cachorrinho Don tem a ver com tudo isso?

- Esse corpo em que estou era habitado antes por Don.

Infelizmente ele teve câncer e não tinha dinheiro para o tratamento. Estava tão confiante na ilusão da medicina moderna que não percebeu que poderia se tratar sozinho.

Então, quando estava prestes a partir, fiz um acordo com ele, dando-lhe outro corpo e cuidando dele se pudesse usar o seu, humano.

- Então você o transformou num cachorro?

- É claro que não! - Ele riu. - Só dei à alma dele algumas opções mais práticas e, entre algumas convincentes, ele escolheu o corpo em que está agora. Não vou ficar muito tempo neste, então ele precisou pegar um que estava no mesmo ciclo que eu.

- Ele precisava viver em anos de cão.

- Exatamente.

Após escalar a segunda colina, eu estava quase sem fôlego 17

novamente e não tinha certeza de que conseguiria encarar uma terceira. Robert entregou-me uma garrafa d'água e tomei um gole; em seguida, deu-me a chance de apreciar aquela linda vista do vale, lá embaixo. A água estava excepcionalmente refrescante, e, olhando para baixo, fizemos uma pausa longa o bastante para que eu pudesse ver o solo do vale, que parecia abraçar as colinas como se fosse um tapete feito à mão, próximo de uma majestosa lareira de pedra.

Havia muitos lugares nos quais eu nunca estivera em Ashland, e eu sempre ficava tomado pela beleza da cidade quando descobria uma nova perspectiva para vê-la.

- Aqui estamos - Robert disse quando chegamos ao topo da terceira colina. Na nossa frente havia um grande reservatório de cimento cheio de água, e, à direita, a estrada modificava-se. No lugar do pavimento, havia terra poeirenta meneando para o que parecia ser um pasto de cavalos. Segui Robert, saindo da estrada principal para a direita, e chegamos a uma escada escondida, sombreada por vários arbustos. Descemos cuidadosamente os precários degraus para encontrar o prado mais mágico que eu já tinha visto. Raios de luz dourados dançavam sobre toras repletas de musgo, e o solo estava coberto com uma combinação de grarna verde alta e das mais delicadas heras.

- Isso é inacreditável - murmurei, boquiaberto, diante daquela beleza mágica que parecia ter sido extraída de uma pintura de Maxfield Parrish. A luz que mergulhava no prado estava em constante movimento, e os tons das árvores e das gramíneas mudavam de azul para verde e de laranja para roxo, sucessivamente.

18

- É, sim. Este é o maior prado de fadas em toda Ashland.

Cuidado onde pisa... Você não vai querer esmagar a casa de ninguém, não é?

Eu não tinha certeza de que ele falava sério ou não, mas, a julgar pela testa franzida, não parecia se tratar de uma brincadeira.

- Você queria aprender a obter a sabedoria universal que já existe, então eu o trouxe aqui. A natureza está repleta da verdadeira sabedoria, e está tudo ao nosso

redor, todos os dias.

Há muitos espíritos naturais sábios que vivem neste prado, portanto é um lugar onde facilmente se sente a diferença entre a energia aqui presente e aquela criada pelo homem.

Fique bem quieto e apenas sinta essa presença.

Sentei-me numa pedra à margem do caminho e fechei os olhos para ver se podia sentir o que ele estava falando. Quase imediatamente senti cócegas na barriga e caí numa risada incontrolável.

- Sim, eles são muito brincalhões. E com certeza estão curiosos a seu respeito! Você sente isso?

- Hum, acho que sim. - Estava sentindo algo estranho, e brincalhão era definitivamente a melhor palavra para descrever isso. Abri os olhos e vi uma libélula azul brilhante pairar a poucos centímetros do meu nariz, como se estivesse me olhando de forma direta. E foi embora tão rápido quanto chegara, e então vi mais quatro, fazendo um caminho triangular, sobre minha cabeça. Em alguns segundos elas pareciam se multiplicar às dezenas, e, em menos de um minuto, havia literalmente centenas de libélulas entre as árvores, seguindo o mesmo padrão triangular. Uma por vez, 19

elas pairavam perto do meu nariz, até que comecei a ficar tonto.

- Libélulas! - Eu estava quase mudo enquanto meu coração batia acelerado de tanta emoção. Sempre me senti atraído por essas criaturas graciosas, mas nunca vira tantas num mesmo lugar.

- Sim, espíritos de fadas assumem a forma de libélulas quando querem que os humanos as vejam. Não são lindas?

- Há muitas! O que elas fazem aqui?

- Cada árvore da floresta tem um espírito natural para olhar por ela. Como estamos nas montanhas, há muitas fadas de árvores para cuidar delas. Todo mundo tem um trabalho a realizar neste planeta, e elas também têm o delas. São criaturas de sorte: sabem seu destino desde que nascem. É

mais difícil para os seres humanos porque na primeira parte da viagem eles precisam descobrir a que vieram.

Após algumas horas começou a escurecer sob as árvores do prado, e a luz passou a brincar de esconde-esconde com as sombras. Os verdes e azuis tornaram-se marrons e púrpuras, e, nas cascas das árvores, faces surgiam e desapareciam a cada segundo. As libélulas voaram para as respectivas casas, e Robert recolheu o cãozinho Don, que estava em sono profundo na grama.

Calmamente, Robert fez um gesto para que eu o seguisse, e caminhamos para outro lado, que ainda estava iluminado pelo crepúsculo. Aproximamo-nos de um ribeirão, com as margens cobertas de vegetação. Eu podia ouvir o barulho do fluxo, apesar de estarmos no verão, e me sentia confortado com aquele som calmante das águas que acariciavam as pedras e os 20

seixos em sua jornada pela floresta.

- Veja por onde anda - Robert disse enquanto andávamos por ali. - Tenho algo muito especial para lhe mostrar.

Seguimos o riacho durante cerca de dez minutos, até que chegamos a um campo aberto, exatamente quando a noite mergulhou por completo na escuridão.

- Olhe aquilo! - ele exclamou enquanto apontava para a grande lua que espreitava por trás das montanhas, ao longo do vale. Sentamo-nos na clareira e vimos a lua prateada subir para iluminar a escuridão do céu. O nascimento daquele corpo celeste era de tirar o fôlego, e eu não me lembrava se já havia tido tempo para realmente vê-la antes.

Tão logo o círculo prateado se revelou plenamente, Robert disse:

- Esta é uma noite muito especial de lua cheia. É chamada de Lua Abençoada e representa a união da terra e do céu. É

tradicionalmente um momento para começar uma jornada espiritual, pois o poder do verão provê a natureza de plenitude e abundância. Você está pronto? - ele perguntou.

- Pronto para quê?

- Pronto para respirar a energia da lua?

- O que isso quer dizer?

Ele ignorou minha pergunta e começou e me orientar para uma série de ações que acompanhei com relutância.

- Primeiro, levante-se e dobre ligeiramente os joelhos. Em seguida, flexione os cotovelos para que a parte superior do braço fique perpendicular ao antebraço e levante as mãos, com as palmas abertas, em cada lado da cabeça, de frente para a lua.

Robert fazia os movimentos enquanto falava, e eu o imitava, fazendo o melhor que podia.

- Bom - ele prosseguiu. - Agora levante a cabeça, virando-a para trás, de modo que suas narinas fiquem alinhadas à lua.

Estreite os olhos, como se estivesse olhando através das pestanas.

Como essa não era a posição mais confortável do mundo, meu pescoço e a parte inferior das costas começaram a doer quase imediatamente.

- Agora, inspire a energia da lua por meio de longas, vagarosas e profundas respirações. Mantenha a energia dentro de você, conte até cinco e, em seguida, exale-a lentamente pela boca.

Segui sua recomendação e, após certo tempo, achei que podia sentir a energia lunar entrando em minhas narinas, viajando pela garganta e acumulando-se no fundo do meu estômago.

Era uma sensação agradável, calmante, e, quanto mais consumia, mais eu sentia reservas de energia preenchendo meu interior. No entanto, minha empolgação foi rapidamente substituída por uma forte câimbra no pescoço e na parte inferior das costas. Poucos minutos depois, tive de me sentar.

Quando olhei para Robert, vi que tinha colocado o pé direito no interior da coxa esquerda, um pouco acima do joelho, e que se equilibrava sobre uma perna só.

Sem mover um único músculo, ele disse:

- Não se preocupe, é preciso tempo para que seu corpo se sinta confortável nessa posição. Mesmo algumas poucas respirações profundas lhe darão energia suficiente para durar até a próxima lua cheia. Tento inspirar a cada lua cheia, acumulando forças para o mês inteiro.

22

Percebi que ele fazia isso com regularidade e pensei que eu também deveria tentar. Senti-me mais poderoso do que nunca, e a energia da lua parecia estar esperando por meu chamado, sempre que eu precisasse de ajuda extra.

- Nas montanhas, a energia lunar é muito mais poderosa que em outros lugares - ele disse após um longo silêncio. - O

único lugar da Terra que tem acesso à energia realmente poderosa da lua é o coração do deserto.

Robert baixou a perna e abriu a sacola que estava no chão, ao lado do cachorrinho Don. Ele pegou uma pequena pulseira e a entregou a mim com as duas mãos enquanto fazia uma reverência com a cabeça. Era pontilhada de pedras redondas cor de laranja, com discos de prata entremeados de opalas brancas que reluziam ao luar.

- Fiz isso para você. Tem cornalina, para ajudá-lo a expressar sua verdade; pedra da lua, para nutrir sua intuição; e luas de prata, para conservar a energia que você recebeu esta noite.

Use-a durante os próximos vinte e oito dias e começará a sentir seu poder. O poder das pedras é um dos dons da natureza. Há muitas luas de energia contidas nessas pedras e você pode manter o objeto à luz do dia. No entanto, é importante manter o bracelete carregado, colocando-o em um prato de água salgada a cada lua cheia.

- Farei isso - disse enquanto colocava a pulseira. Eu nunca havia usado jóias antes, mas por algum motivo era como se aquela já fizesse parte de mim. Era como um amigo de longa data que acabara de encontrar o caminho de volta ao meu pulso.

Após alguns minutos, Robert olhou para o céu e disse: 23

- Tenho de ir. - Reuniu seus pertences e pegou o cachorrinho Don, que ainda estava dormindo. - Tenho muito a fazer esta noite e perdi totalmente a noção do tempo. Pode ficar, se quiser. Você sabe o caminho de volta?

- Acho que sim, mas também vou. - Eu começava a sentir frio e estava de mangas curtas. Não esperava ficar ali até a noite.

- Ok, vamos embora.

Voltamos a passos largos pela margem do riacho coberta de vegetação, e a água refletia a luz prateada da lua. Quando finalmente retornamos ao prado, ele parecia muito diferente do que me lembrava. Foi como se alguém tivesse arrumado todas as árvores caídas ao longo do caminho, fazendo com que os raios de luar confundissem deliberadamente qualquer visitante. Tenho certeza de que me perderia se estivesse sozinho.

Enquanto andávamos, Robert continuava a responder às minhas perguntas.

- Como a lua cheia pode dar energia a você?

- É simples. Tudo no universo é basicamente troca de energia.

Trata-se de coletar ou gastar energia. Os chineses chamam isso de yin e yang. Presumo que você esteja familiarizado com o símbolo yin-yang, não?

- É claro. Aquele círculo preto e branco.

- Exatamente. A luz da lua está repleta de energia yin, que é reparadora. E, durante a lua cheia, a energia yin está em seu pico, por isso é muito mais fácil recebê-la e guardá-la para usada depois. Por outro lado, o sol está repleto de energia yang, que lhe dá poder para se expressar caso tenha energia yin de reserva. Isso faz sentido?

24

- Quer dizer que a lua enche sua conta bancária e o sol ajuda a gastá-la.

- Essa é uma boa forma de descrever isso - ele riu. - O que eu queria lhe mostrar

é que a natureza pode lhe oferecer toda a energia de que você precisa se você permitir que ela o ajude.

A lua, o sol e tudo na natureza é oferecido pelo universo para nos ajudar com nossas necessidades terrenas. Infelizmente, ao longo dos últimos séculos, os seres humanos têm sido ensinados a ignorar a natureza em vez de usá-la a seu favor, o que, é provável, explica por que o meio ambiente ficou desse jeito.

Eu não gostava de pensar em questões ambientais porque eram deprimentes. E pareciam grandes demais para que eu pudesse fazer algo a respeito.

Robert continuou a narrativa e parecia captar minhas preocupações:

- Não é preciso ser ativista para fazer a diferença. O que fizemos hoje é suficiente para provocar enorme impacto, permitindo que recuperemos parte do ciclo da natureza que foi ignorado. A natureza é vida, algo que respira e que não é diferente de você ou de mim. Quando nos sentimos amados, temos mais energia para nos curar se estivermos doentes.

Quando nos sentimos ignorados ou rejeitados, a recuperação torna-se mais difícil. Ao comemorar os ciclos da natureza, expressamos nosso amor por ela, que, assim, pode começar a se curar. Não é a única coisa a fazer, mas é algo viável a todos como parte da vida cotidiana. E, com o poder de bilhões de almas deste planeta, é possível alcançar uma cura imensa, num período de tempo relativamente curto.

25

Eu não estava convencido de que poderíamos resolver todos os problemas do mundo com uma simples celebração dos ciclos da natureza. Mas, com certeza, podia sentir aquela energia da lua dentro de mim e pensei que, se ela fizera com que eu me sentisse tão bem, eu provavelmente poderia fazer alguma outra coisa viva se sentir bem se tentasse. Arquivei isso sob a definição de "mal não deve fazer" e me dispus a dedicar alguns minutos todos os dias para enviar bons desejos ao planeta.

Naquele momento, já estávamos nos aproximando do centro da cidade.

- Até logo - disse Robert, quando chegamos à base da colina.

- Quando? - perguntei e imediatamente me conscientizei de que estava parecendo carente.

- Quando for a hora certa. Agora temos uma ligação que não precisa mais se basear na arcaica medição do tempo. Quando o universo quiser que a gente se encontre, vamos nos encontrar.

Robert acenou em despedida e dirigiu-se para fora da cidade enquanto eu caminhava na direção oposta, rumo ao meu apartamento. Meus pensamentos estavam flutuando, concentrados em tudo que havia acontecido naquele dia.

Estava completamente exausto quando cheguei em casa.

Depois de cair na minha cama e de me deixar envolver pelo silêncio que me cercava, era capaz sentir a energia da lua, mais ainda que lá fora. Com a sensação de efervescência no interior do estômago e um sorriso nos lábios, rapidamente adormeci.

26

CAPÍTULO 3

Acordei durante a noite. Não conseguia dormir bem por causa do pesadelo recorrente. Alguns anos antes, eu havia sido noivo de uma moça chamada Cheryl e íamos nos casar na primavera seguinte. Conhecemo-nos na escola, mas não começamos o namoro naquela época, senão após passarmos um período separados para, em seguida, nos reencontrarmos na cidade vizinha de Yreka, onde ambos estávamos vivendo.

Após a redescoberta mútua, sentimos uma ligação instantânea, e sempre achei que tivera sorte por ter encontrado o amor verdadeiro em tão tenra idade.

Cheryl era miúda e tinha cabelos pretos encaracolados. Tinha um jeitinho especial para a arte culinária e também para me fazer rir. Imediatamente após terminar o colégio, ela conseguiu um emprego como subchefe num restaurante popular que era o favorito dos turistas da cidade vizinha.

Tornou-se muito bem-sucedida em curto espaço de tempo e começou a trabalhar também à noite para conseguir viabilizar o próprio negócio. Às vezes eu a ajudava com a contabilidade e até servia clientes quando havia contratos para

eventos.

Nosso sonho era mesmo ficar juntos, em tempo integral, quando o negócio deslanchasse e ambos pudéssemos sobreviver dele.

Um dos trabalhos de catering de mais prestígio que tivemos aconteceu em uma convenção de advogados num retiro nas montanhas. Era de longe o maior evento para o qual fomos contratados e nos daria dinheiro suficiente para que Cheryl 27

pudesse deixar o emprego diurno. Quando nos fizeram a proposta para realizar o serviço, Cheryl resolveu sair do emprego diurno para permanecer na empresa de catering em tempo integral. Faltando menos de uma semana para o evento, comecei a ter maus pressentimentos. Tentei desesperadamente fazer com que ela o cancelasse. Isso não seria fácil porque a comida já havia sido encomendada e Cheryl estava preocupada com nossa reputação, que poderia ser arruinada porque os advogados tinham muitos contatos. O

sentimento era tão forte que eu não podia ignorá-lo, então parei de ajudá-la nos preparativos. Brigávamos o tempo todo por causa disso e, quando chegara o dia do evento, nem estávamos mais conversando um com o outro, e me recusei a ir.

Ao voltar do evento, por volta das três horas da manhã, Cheryl estava dirigindo nas montanhas quando um motorista bêbado invadiu sua pista e bateu de frente com o carro dela.

Ela foi morta instantaneamente.

Infelizmente isso não foi um sonho. Esta parte é real.

No sonho, Cheryl sai sozinha das ferragens, com o rosto marcado por escoriações e os braços cobertos de sangue. As mãos estão estendidas e juntas, num gesto de dádiva, enquanto caminha lentamente em minha direção. Ela tenta me dar alguma coisa, mas não consigo olhar o que é, porque, seja o que for que esteja carregando, aquilo me deixa apavorado. Existem outras pessoas no sonho assistindo a tudo e esperando por minha reação, incluindo minha mãe, que 28

segura um bebê, um policial e uma menina do colégio, que também morrera num acidente de carro. No momento em que Cheryl chega perto o suficiente para me tocar, eu me viro, dou as costas para ela e vou embora. E esse o exato ponto em que acordo, com o coração aos saltos, batendo forte, e o lençol encharcado de

suor frio.

Tenho tido o mesmo sonho todas as noites, desde que ela morreu. Evidentemente, eu seria assombrado pelo resto da vida por não ter ido com ela naquela noite fatal. Eu achava que poderia ter feito algo para ajudá-la a evitar o motorista embriagado caso não tivesse sido tão teimoso e concordasse em ir. Talvez ela estivesse distraída com o rádio e eu poderia estar prestando mais atenção à estrada, ou talvez eu tivesse tido uma reação diferente, como virar bruscamente a direção, se estivesse ao volante.

CAPÍTULO 4

O novo apartamento estava, definitivamente, ultrapassando os limites de meu orçamento, e, conforme os dias iam passando, eu ficava mais inquieto em relação à minha situação financeira. Eu ainda não havia descoberto qual era a possibilidade de encontrar emprego em Ashland, mas parecia que as melhores opções eram o teatro Shakespeare, a universidade ou restaurantes e lojas, onde havia algumas vagas. Eu nem tinha qualificação para trabalhar na universidade ou no teatro, então literalmente consultei a lista telefônica, anotando todos os números de lojas e restaurantes 29

da cidade. Sabia que não conseguiria ganhar o mesmo salário que tinha em Los Angeles, mas decidi que era melhor ajustar meu estilo de vida a uma cidade da qual tanto gostara. No entanto, em quase todos os contatos que fiz, a conversa era a mesma:

- Olá, estou à procura de trabalho. Posso levar meu currículo?

- Desculpe, estamos com nosso quadro completo no momento, mas você pode tentar de novo depois do verão.

Uma mulher excepcionalmente gregária, que trabalhava na loja Native American, me deu uma explicação que afastou minhas inseguranças:

- Todos os estudantes universitários preenchem as vagas durante o verão, o que é perfeito para a temporada de turismo. Todavia, quando as aulas recomeçam, no outono, começamos a procurar por pessoas que não precisem de horário flexível.

Eu havia guardado dinheiro suficiente para me manter até a próxima estação, por isso decidi ver as negativas como uma oportunidade para desfrutar o verão sem

responsabilidades e retomar a busca por trabalho no final da temporada, quando começasse o outono. Isso me daria tempo suficiente para conhecer Ashland melhor e também para ir atrás do meu autoconhecimento. Sempre passei a maior parte do tempo trabalhando e não tinha férias de verão desde os tempos do colégio. Embora ainda estivesse preocupado com dinheiro, estava entusiasmado com o que poderia descobrir livre da responsabilidade de um trabalho.

Eu começava a ter fortes pressentimentos sobre a possibilidade de encontrar Robert de novo e me lembrei do 30

que ele dissera sobre saber quando seria a hora certa. Eu não sabia muito bem onde poderia encontrá-lo, mas me pareceu razoável voltar ao lugar em que tínhamos nos encontrado pela primeira vez.

Conforme me aproximei da cooperativa, quase não o reconheci, porque ele estava usando uma camisa de colorido vibrante,parecida com um poncho, e uma calça creme bem folgada. Fiquei aliviado ao descobrir que havia mais mudanças além da roupa, embora o estilo hippie sul-americano daqueles trajes fosse um pouco desanimador. Quando cheguei mais perto, observei que ele conversava com uma jovem mãe de cabelos rastafári, vestida com uma saia tie-dyed. Ela empurrava um bebê no carrinho, em cujas rodas estava escrito: "Movido a biodiesel".

- Ofereço minha humilde gratidão por compartilhar sua luz tão rara com o mundo. Você é realmente abençoado - disse ela em alto e bom som ao jogar uma moeda de um dólar no cobertor em que o cachorrinho Don estava deitado. Em seguida, acenou em despedida e foi embora, conduzindo o carrinho do bebê pela rampa de concreto, no lado oposto da calçada pela qual eu me aproximava.

- Parece que você está de bom humor - comentei depois que a hippie virou à esquerda.

- Está sendo um bom dia - Robert disse enquanto recolhia um punhado de notas amassadas e de moedas ao redor do cachorro adormecido. - É uma pena que o vento tenha começado mais cedo - ele riu entredentes. - Perdi quase metade do dinheiro.

- Por que você deixa tudo solto por aí? Não poderia colocá-lo 31

em um lugar mais seguro? - Por parecer tão esperto em alguns dias, ele parecia

bobo demais em outros.

- Não tenho nada que decidir sobre quem precisa de dinheiro

- ele comentou em tom bastante sério. - Meu trabalho é apenas angariar. O vento vai levá-lo a quem mais precisa dele.

Além disso, sempre fico com muito mais do que necessito. Dá para uma refeição quando fico com fome.

Ao absorver suas curiosas palavras, refleti sobre o cartaz que estava encostado à árvore e onde Robert escrevera: Lembre-se do útero.

Fiquei imaginando como eu poderia saber que estava com fome quando ainda permanecia no útero. Sempre tivera muito cuidado com o que comia - vinha sendo, mesmo, uma luta constante desde que eu podia me lembrar. E, a partir do momento em que me mudei para Los Angeles, uma cidade tão preocupada com as aparências, eu prestava muita atenção para garantir que as calorias não fossem parar no lugar errado. Mas no útero provavelmente eu era alimentado vinte e quatro horas por dia, ao longo de nove meses, e pesava cerca de dois quilos e novecentos gramas quando nasci, e, depois disso, não tive nenhum problema com sobrepeso.

- Venha comigo - disse Robert enquanto colocava o cachorrinho Don em um carregador de bebês, pendurado no peito, antes de começar a subir a rua Um.

O sol escondeu-se entre as nuvens, depois de permanecer brilhando durante toda a manhã, e a temperatura baixou imediatamente alguns graus - uma mudança agradável em 32

relação à onda de calor que se mantivera desde que eu chegara. Dessa vez eu estava preparado para praticar montanhismo - havia trazido minha própria garrafa de água, usava sapatos apropriados com meias bem grossas e levava um agasalho de flanela pendurado no pescoço para o caso de outra caminhada até depois do anoitecer.

O cachorrinho Don despertou por alguns instantes, quando Robert o introduziu no carregador de lona, e olhou para mim através das pálpebras entreabertas. No entanto, após alguns passos, ele se entregou de novo, tranquilamente, ao sono canino.

- Hoje é um dia muito especial para você - Robert disse quando estávamos a alguns quarteirões de distância da cooperativa. - Vamos procurar algo seu que foi perdido.

- Algo meu que foi perdido? O que foi que perdi?

- Você perdeu parte de sua alma. E uma parte bem grande!

- Perdi minha alma? Quando foi que isso aconteceu? -

perguntei.

- Não sei exatamente, mas acho que aconteceu há muitas estações.

Caminhamos por alguns quarteirões pela calçada que ladeava um cemitério, até que viramos à esquerda na direção da rua que conduzia à rodovia. O charme do centro da cidade de Ashland dissipou-se rapidamente quando nos aproximamos da periferia e, ao chegarmos à estrada, havia desaparecido por completo. A paisagem seria parecida com a de qualquer outra área suburbana da América, não fosse por estar circundada de florestas e montanhas.

- Como você pode saber que perdi parte de minha alma?

- Porque ela está com um grande buraco. Foi a primeira coisa que notei, na cooperativa, quando você rejeitou meu presente.

- Esperava que você não me reconhecesse - disse de modo tímido enquanto continuava a tentar imaginar exatamente que presente ele me havia oferecido.

- Como eu não o reconheceria? Você estava andando por aí com um grande buraco na alma. Qualquer um podia ver, apenas olhando para você!

Isso fez com que eu me retraísse imediatamente. Sempre me preocupara em manter minhas roupas limpas, bem passadas e combinando. Mas então acabara de descobrir que havia um grande buraco em minha alma, que qualquer um podia ver!

- Não se preocupe com isso. Muitas pessoas não vêem. -

Robert sempre parecia saber o que eu estava pensando. - Elas sempre estão muito ocupadas com a parte física, então não prestam atenção na parte espiritual. Sorte sua, também, porque seu lado espiritual está uma bagunça.

Não sabia se aquilo me faria sentir melhor.

- Então você realmente pensa que podemos encontrar hoje a parte da minha alma que falta?

- Não sei se encontraremos tudo hoje, mas sei que vamos começar. Tenho um palpite de que você já sabe onde procurar pela primeira parte.

Aquilo me levou a pensar: Onde será que a perdi? Como é possível, antes de tudo, perder uma alma? Quando atravessamos a rodovia, comecei a perceber que podia sentir os limites de minha alma. Quando os percorri, percebi uma área que não mostrava sinais de vida, como o restante. Parecia 34

mais uma espécie de calo, destituído de qualquer sensibilidade. Será que eu era uma aberração? Um bobo? Ou um cara esquecido? Quantas pessoas estariam andando por aí sem algumas partes de sua alma? E o que teria acontecido com elas quando perderam isso? Será que as almas passavam mal?

Eu tinha um milhão de perguntas, mas não sabia ao certo como fazê-las.

- Que parte de minha alma está faltando? - por fim perguntei.

- Não tenho certeza, mas vamos descobrir, filho.

Viramos na direção da estrada para o Memorial do Índio Morto, que me parecia um nome de mau agouro para um caminho deserto na periferia da cidade. Quando olhei ao redor, percebi que o horizonte estava colorido com tons muito diferentes daqueles do centro urbano. As montanhas sobre Ashland ostentavam folhas e flores de cores muito vibrantes, enquanto o vale abaixo estava atapetado de uma relva baixa com nuanças amarelo-claras. Até mesmo a terra parecia seca, e, a cada passo, minha boca ia perdendo a umidade... os lábios começaram a rachar. Ainda bem que eu trouxera minha própria garrafa de água. Mantive a tampa desenroscada para que pudesse ir sorvendo o líquido aos poucos enquanto nos embrenhávamos no interior da cidade.

Finalmente, chegamos a um portão de ferro pintado, acorrentado a uma grossa

estaca de cedro. Robert o abriu deixando apenas uma fresta, suficiente para que eu me esgueirasse com dificuldade. A estrada de terra estava abandonada, sem manutenção, havia muito tempo, de modo que tivemos de caminhar entre a grama alta e os arbustos, onde dezenas de gafanhotos tratavam de saltar, ficando a 35

salvo de nossos passos. Sobre a terceira colina havia uma tenda branca, de cume pontiagudo, instalada sobre o campo dourado. Eu nunca tinha visto uma montada assim, e a estrutura cónica - feita de faces de lona sustentadas por ripas de madeira, unidas no alto - era muito mais larga do que eu poderia imaginar.

- Aqui estamos - disse Robert, com orgulho, apontando para a tenda.

- Ela é sua?

- Sim - ele respondeu enquanto pegava o cachorrinho Don, que estava aninhado em seu peito, e o colocava no chão. -

Venha! - Robert desatou as abas de entrada sob seis suturas horizontais feitas no tecido, e o segui quando entrava com Don por uma abertura semelhante a um útero. Uma vez lá dentro, o cachorrinho esticou-se, saltou sobre uma almofada cheia de cobertores, enroscou-se nela e voltou a cochilar.

- Ele dorme muito - observei.

- Você também dormiria se tivesse acabado de retornar da morte. Isso exige muito da pessoa.

- Nossa!

O interior da tenda cheirava a fumaça, e a nebulosa escuridão era quebrada por um único foco de luz que estava imediatamente à direita do cachorrinho Don. Ali havia montes de roupas, sacolas de papel amassadas e alguns cobertores de lã com motivos ameríndios ao redor do perímetro do chão sujo daquele espaço circular. Bem no centro, havia sido cavado um buraco para abrigar uma pequena fogueira. Era rodeado por uma intricada formação de grandes pedras, sobre a qual estava suspensa uma chaleira de 36

ferro, sustentada por três galhos presos por fios. Robert desenrolou um dos cobertores artesanais no centro do foco de luz e fez um gesto, pedindo que eu me

sentasse. Quando me acomodei, ele acendeu o fogo e abriu quatro bolsinhas de couro cheias de ervas frescas.

- Esta manhã fui aos campos da vizinhança pegar remédios que podem ajudar você.

- Remédios? Que tipo de remédios?

- Plantas medicinais. Vou fazer com que se acalme para que possa viajar comigo ao passado e recuperar sua alma.

A chaleira começou a ferver e poucos minutos depois apitava para indicar que estava pronta. Robert pegou um dos sacos de papel e tirou de lá de dentro uma caneca de cerâmica turquesa de formato irregular. Nela colocou duas porções de cada uma das ervas que cortara. Quando jogou a água fervendo sobre elas, a tenda foi tomada por um aroma poderoso, ao mesmo tempo incomum e familiar.

- Aqui está... beba - ele disse enquanto me passava a caneca de chá de ervas medicinais.

Peguei o recipiente de cerâmica com ambas as mãos e o levei até o nariz, inalando o vapor. A fragrância herbal era doce e ao mesmo tempo lembrava o cheiro da poeira, algo semelhante ao dia quente de verão que fazia lá fora, e tinha leves resquícios de um tipo de mofo que poderia ser descrito com facilidade como sujeira. Sorvi a beberagem com cautela e, embora não se parecesse com nenhum chá que eu já provara, era surpreendentemente saborosa.

- Não vou alucinar, vou?

- Não por causa do chá - Robert deu risada.

O líquido começou a acalmar meus nervos e tentei me manter relaxado para aproveitar a experiência que estava tendo.

Estava de uma só vez entusiasmado e inquieto em relação ao que poderia acontecer em seguida, mas confiava em Robert e acreditava que ele tinha as melhores intenções.

Após verificar se eu estava mesmo confortável e de me oferecer um segundo cobertor caso eu precisasse, ele ateou fogo às ervas secas que havia colocado em quatro pratos de cerâmica, de modo que o aroma foi tomando todo o espaço interno da tenda. Reconheci traços de cedro e sálvia, mas as demais ervas não fui capaz de reconhecer.

Então, Robert pegou um tambor artesanal raso e começou a tocá-lo em ritmo lento. O grande instrumento era feito de duas camadas finas de couro branco esticadas ao redor de um círculo de madeira, com tiras amarelas e delgadas entrecruzadas. Havia também uma pluma cinza presa ao tambor, que dançava a cada batida no círculo de madeira talhado à mão.

- Muito bem, agora estamos prontos. Termine de tomar o remédio e deite-se de costas.

Bebi o chá, devolvendo-lhe o recipiente vazio, e estendi-me por completo sobre um dos cobertores de lã, depois de ajeitar o outro para que oferecesse um bom apoio para a parte de trás de minha cabeça.

- Feche os olhos e deixe um raio de sol aquecer sua face.

Fechei os olhos e sorri enquanto sentia o calor do raio de sol acariciando minhas faces. Minha cabeça pulsava ao ritmo do tambor, quando Robert começou a bater a intervalos mais curtos.

- Envolvi esta tenda com luz branca e hoje invocamos os anciães para nos ajudar a encontrar e recuperar as partes perdidas da alma de Scott, para que ele possa se tornar inteiro outra vez. Por favor, ajudem-nos em nossa jornada rumo ao passado, ao futuro e a todos os lugares por onde Scott esteve ou estará durante esta vida. E ajudem-nos a encontrar as partes da alma que estão prontas para reincorporar-se a Scott no presente caminho.

A respiração de Robert acelerou-se e preenchia os lapsos entre as batidas do tambor com um som de vento.

Após alguns minutos, ele finalmente falou.

- Seu animal de poder tomou a forma de um corvo e me conduziu a uma jovem

em um carro que tem parte de sua alma. Ela não está mais neste mundo, mas também ainda não atravessou para o outro lado.

Imediatamente comecei a sentir calafrios pelo corpo todo e tentei me envolver no cobertor sobre o qual me deitara.

- Você sabe quem é?

- Hum-hum. - Mal podia controlar as lágrimas. - Cheryl.

- Muito bem. Cheryl quer que você saiba que ela está bem e que deseja o mesmo a você. Mas agora ela tem de ir embora e você precisa aceitar sua alma de volta para que a jovem possa continuar a jornada dela.

Comecei a me sentir culpado. Será que eu estava impedindo Cheryl de atravessar para o outro lado?

O som do tambor foi ficando cada vez mais intenso, e me pareceu ouvir um gemido do cachorrinho Don.

- Scott, você está pronto para receber a parte que falta de sua alma?

- Sim. - Eu mal podia falar ao sentir que algo realmente grandioso estava prestes a acontecer.

- Invoco o apoio e a força do corvo sagrado, que representa o despertar do espírito e da intuição. Por favor, ajude-nos a recuperar a alma de Scott de Cheryl e a trazê-la segura e integramente de volta para esta dimensão, onde ela deve ficar com o verdadeiro dono.

Quase naquele exato momento, o sol deixou de brilhar lá fora e o ar dentro da tenda tornou-se extremamente frio. A atmosfera oscilou do verão para o inverno em questão de segundos, e o fogo aceso no centro apagou-se sem cerimônia.

A fumaça das ervas começou a irritar a parte posterior de minha garganta, ao mesmo tempo que a insistente batida do tambor fazia minhas têmporas latejarem a seu ritmo.

- Scott, abra as palmas das mãos para o céu e prepare-se para receber o que é seu.

- Certo - disse, esperando estar fazendo tudo direito.

- Seu coração está aberto e repleto de amor?

- Sim - murmurei. Concentrei-me em meu amor por Cheryl e intuitivamente arqueei o peito o mais que pude.

Robert começou a cantar algo que eu não conseguia entender e fui ficando nauseado enquanto meus pés formigavam. A sensação espalhou-se para a parte posterior de minhas pernas, chegando à base da espinha, seguindo caminho até a nuca. A batida do tambor continuou a aumentar de intensidade até que, de repente, parou, e o silêncio desceu sobre o interior da tenda com o peso de um grande cobertor de lã.

Abri os olhos e mal podia enxergar naquela escuridão, mas tão logo fui ajustando o foco pude ver Robert, que acendia um 40

estreito cachimbo com a ponta em brasa de um galho remanescente do fogo extinto.

- O corvo retornou com a parte que faltava de sua alma e está entre nós. Agora vou aspirar isso que foi recuperado e, quando exalar, você receberá o que é seu.

Robert colocou os lábios no estreito cabo oco do cachimbo e aspirou profundamente o que havia nele para o interior dos pulmões. Com delicadeza, depositou o cachimbo no chão com as duas mãos e então juntou-as como se fossem uma taça, do mesmo jeito que Cheryl fazia nos meus sonhos. Nesse exato instante, o vento penetrou nos ângulos do topo da tenda e o ar encheu-se de um som semelhante ao de asas batendo.

A fumaça pareceu esforçar-se para penetrar minha pele, infiltrando-se diretamente em meus órgãos internos. Aquilo provocou um aquecimento instantâneo, que rapidamente se espalhou, primeiro por meus pulmões, depois por meu coração e, em seguida, por meu estômago, pescoço e membros. Senti uma onda de emoção como jamais sentira antes e comecei a chorar. A fumaça enchia-me de tristeza e eu não podia controlar as lágrimas. Estava literalmente tomado pela dor, em uma espécie de convulsão, enquanto me esvaía em lágrimas

por um período que para mim parecia eterno. Não conseguia falar. Não conseguia pensar. Tudo que podia fazer era sentir... sentir tristeza e dor.

- Receba sua alma de volta. Faça com que ela saiba como você está feliz por tê-la de novo e prometa que cuidará muito bem dela e que jamais deixará que se vá.

Esforcei-me muito para seguir suas instruções, mas só conseguia chorar.

41

- Você deu a Cheryl parte de sua alma, que pensou ser seu último presente, mas ninguém pode usar sua alma a não ser você mesmo.

Minha alma reintegrada estava girando velozmente em mim e pude sentir que aquela nova parte de mim retornara como uma velha amiga. Estava sensível e me senti exposto aos elementos quando me movimentei. Aos poucos, minha visão começou a ficar nublada e achei que estivesse caindo nas profundezas da terra enquanto ia perdendo a consciência.

- Feche os olhos - disse Robert, delicadamente. - Você precisa descansar agora.

Segui seu conselho e me entreguei a um sono muito, muito profundo.

CAPÍTULO 5

Quando acordei na manhã seguinte, quase pude sentir o sabor rançoso da fumaça que impregnava minhas roupas. Assim que abri os olhos e vi a ponta estreita da lona da tenda, levei um instante para lembrar onde estava e o que andara fazendo.

Após recobrar minhas faculdades, virei-me, esperando encontrar Robert e o cachorrinho Don, mas eles não estavam ao alcance da vista. Havia alguns cobertores e peças de roupa espalhados no chão sujo, e o côncavo central já não mostrava nenhum sinal do fogo aceso à noite.

Saí da tenda e chamei meus amigos, mas obviamente eles tinham ido embora havia bastante tempo. Como lá dentro estava meio escuro, a luz do sol quase me cegou - parecia gritar comigo e tratei de cobrir os olhos, até que se 42

adaptassem à intensa luminosidade. Tão logo me senti capaz de ajustar o foco,

todas as cores pareceram mais brilhantes e todos os sons, mais altos. Era como se o volume de cada coisa tivesse sido sintonizado ao máximo e eu pudesse ver e ouvir com clareza pela primeira vez na vida. Andei por ali e fiquei encantado com a beleza do vale em que estava. A relva ressecada parecia um tapete dourado, com leves movimentos ao sabor da brisa, e as montanhas eram orgulhosas protetoras do vale abaixo. Era como se também estivesse observando a beleza pela primeira vez e estivesse vivo. A energia dessa beleza emanava de cada coisa viva ao meu redor e eu estava em êxtase.

Então, quase imediatamente, imaginei tudo aquilo desaparecendo no nada. Meu coração apertou quando me dei conta de que Cheryl se fora para sempre. Caí de joelhos e comecei a soluçar. Não podia controlar minhas emoções e, de um minuto a outro, continuei oscilando entre a extrema euforia e a mais profunda tristeza. Sentia as emoções de modo muito mais profundo agora, e, como não deixara Cheryl ir embora antes, sua morte, naquele instante, parecia um tremendo golpe.

Entrei na tenda pela última vez para pegar meu casaco e me assegurar de que não deixaria nada para trás e segui o cálido caminho ao longo do solo relvado, tomando o rumo da cidade. Quando comecei a ver de novo as casas, as caixas de correio e os carros, foi um choque - fiquei surpreso em perceber como me acostumara tão rápido a ficar cercado apenas pela natureza.

Enquanto me dirigia à cidade, refleti sobre o que acontecera 43

no dia anterior e tracei os limites do buraco que havia sentido na alma. Estava encantado em descobrir que ele já estava preenchido. A parte de mim antes morta agora estava muito viva e se ajustando ao mundo exterior, mas ainda bastante sensível e frágil.

Eu não havia comido nada desde a manhã anterior e decidi parar em minha lanchonete preferida assim que cheguei à cidade. Quando entrei, o contraste do interior com o exterior foi dramático - não só na luminosidade e no cheiro, mas também na sensação. Quando eu estava lá fora, sentia luz e arejamento, mas dentro havia uma energia turva que pesou em meu coração. Não ajudou em nada o fato de que cada centímetro da parede estivesse coberto, de alto a baixo, por fotos branco e preto e por cestas de vime com esculturas de diferentes coisas, de animais criados em fazendas a aviões.

Aquela profusão de itens, comparada à superfície nua da tenda de lona, me fez sentir claustrofobia, e eu provavelmente teria ido embora no mesmo instante se não estivesse tão esfomeado.

Encontrei uma mesa vazia na frente do restaurante e fiz o pedido a uma garçonete tatuada, de pequena estatura e voz rouca. Usava os cabelos vermelhos presos de modo displicente e o rímel parecia ser remanescente de uma noitada da qual ela ainda não conseguira se recuperar. Enquanto esperava a comida chegar, podia ver uma nuvem de fumaça escura vinda da cozinha, lá no fundo, invadir todo o salão. Ali sentado na cadeira forrada de vinil negro, descobri que podia sentir as emoções de cada pessoa, apenas me abrindo para elas. Era como se os sentimentos de cada um fluíssem em mim, como 44

ondas do oceano se quebrando - podia senti-los como se fossem meus. E, embora isso fosse divertido a princípio, muitas pessoas não estavam realmente felizes, então tentei ignorá-las da melhor maneira que pude.

Quando minha refeição chegou, fiquei surpreso ao descobrir que havia também uma energia emanando do sanduíche, no prato. Era quase idêntica à nuvem negra que sentira vindo da cozinha e fui ficando muito agitado quando peguei o lanche.

Não sabia muito bem o que estava acontecendo comigo, mas sabia que estava com fome e que precisava comer. Decidi largar o sanduíche e pegar uma das cenouras cruas que guarneciam a refeição. Ainda estavam frescas, e pude sentir a força vital que emanava delas mesclando-se à minha quando as mastiguei e engoli, sentindo que escorregavam garganta abaixo. As cenouras eram realmente deliciosas, mas infelizmente só havia três. Aquela sensação agradável desapareceu quando peguei o lanche de queijo e peito de peru que havia pedido. Mais uma vez, senti a energia escura começando a me perturbar. O sanduíche tinha boa aparência, mas assim que o mordi entrei em choque. Era como se estivesse engolindo a raiva alheia, algo que me intoxicou.

Não pude conter o impulso de cuspir o bocado no prato e esfreguei os olhos, tentando entender o que estava acontecendo comigo. Meu estômago estava ameaçadoramente vazio e a cabeça, rodando como se eu fosse desmaiar.

Empurrei o prato para o outro lado da mesa, o que me ajudou um pouco, mas ainda estava muito zonzo. Havia perdido o apetite por completo e não queria

permanecer ali nem mais um segundo. Quando passei os olhos pelo salão, senti que a 45

energia dos clientes estava se tornando mais escura que antes.

Era como se todos estivessem ali para engolir a raiva do chef e esta

estivesse

se

instalando

no

interior

deles,

independentemente de sua vontade.

Confuso, joguei algumas notas amassadas sobre a mesa e saí rápido daquele lugar. Lá fora, aos poucos, fui me sentindo melhor, à medida que a onda de náusea foi se dissipando ao ar livre. Algo no retiro espiritual me tornara ultrassensível à energia das outras pessoas e fiquei surpreso ao constatar como essa sensação era profunda. Também fiquei muito chateado com a terrível experiência que acabara de viver no restaurante. Deixar que o chef transferisse sua má energia para os alimentos era imperdoável. De acordo com o cartaz que havia na porta, aquele estabelecimento garantia orgulhar-se de usar apenas os ingredientes orgânicos mais frescos, mas a comida era completamente destruída pelo humor do responsável pelo preparo.

Decidi pegar leve e relaxar durante o restante do dia. Fui até a entrada do parque Lithia, onde entrei seguindo pelo gramado próximo ao centro da cidade. Havia estado ali algumas vezes, mas era como se visse tudo pela primeira vez. Ao longo do parque, plantas exóticas estavam assinaladas com placas de latão, onde se podiam ler seus nomes, e os caminhos eram traçados com tábuas de madeira, de textura suave ao contato com os pés. E o riacho que fluía produzia sons delicados sobre o leito de cascalho.

O lugar estava excepcionalmente tranquilo e passei o restante do dia explorando cada parte dele, determinado a encontrar o recanto ideal. Bem acima do lago superior, encontrei um 46

cálido espaço de relva, que parecia ter meu nome. Deitado sobre aquele cobertor verde, senti a brisa suave acariciar meu rosto enquanto ouvia o calmo rumo do curso d'água próximo.

Pela primeira vez, desde minha infância, caí no sono sob as nuvens e mergulhei num estado de inconsciência - ao que me pareceu - durante horas e horas. Eu ainda estava profundamente abatido pela lembrança de Cheryl, mas a beleza natural do parque era revigorante, e eu ia me sentindo mais purificado ao longo do transcorrer da tarde.

Quando o sol desapareceu, fui até a cooperativa para comprar arroz integral para amainar a fome que retornara durante o caminho para casa. Fiquei desapontado por não encontrar Robert e o cachorrinho Don e comecei a me sentir abandonado por eles. Após uma experiência tão intensa, achava que tinha de conversar com alguém para entender o que estava acontecendo. Fiquei imaginando por que Robert me deixara sem ao menos despedir. E, quanto mais pensava nisso, mais irritado ficava. Ele era diretamente responsável por tudo aquilo, e eu sentia que ele desertara sem nenhuma explicação.

Talvez eu estivesse supersensível, mas ainda me sentia aborrecido com ele quando voltei ao meu apartamento.

Depois de beber alguns copos d'água e de comer algumas porções de arroz integral, mergulhei em minha cama macia e fiz uma espécie de casulo com os cobertores, para que não pudesse ver nem sentir nada que viesse do mundo exterior.

47

CAPÍTULO 6

Na manhã seguinte, fui acordado por uma batida na porta.

Quando a abri, deparei com uma mulher pequena, de cabelos louros longos e ondulados. Ela usava um vestido branco solto, com muito movimento. Tinha nos olhos uma expressão amável, e seu sorriso de Mona Lisa emanava uma

satisfação que reconheci, mas raramente fui capaz de sentir. Talvez ainda estivesse na terra dos sonhos, mas parecia que ela não tinha nenhum limite separando o corpo do que havia ao redor.

- Scott? - ela perguntou.

- Hum-hum - respondi, ainda tentando afugentar o sono, esfregando os olhos.

- Olá. Sou Martika. Robert me disse que você tem feito um trabalho muito intenso e que trouxe de volta uma parte significativa de sua alma.

- Você conhece Robert?

Ela confirmou com a cabeça.

- Onde ele está? - Minha raiva começou a voltar. - Ele me deixou sem ao menos dizer adeus.

- Ele faz isso, às vezes. - Ela meneou de novo a cabeça, com compaixão. - Sei que ele está muito atarefado no momento, mas de fato precisa trabalhar do jeito dele.

- Como você sabia onde me encontrar? - Eu estava começando a acordar e tive uma estranha sensação sobre o que estava acontecendo. - Nunca disse a Robert onde moro.

Esta é uma cidade pequena - ela riu. - Todo mundo sabe o que acontece com todo mundo, e logo você perceberá isso. Minha 48

amiga Leslie alugou esse apartamento a você. Ela me falou a seu respeito assim que chegou à cidade. Minha filha também morou aqui. Há uma linda vista do quarto, não acha?

Concordei, lembrando-me de Leslie, a proprietária, com seu veículo utilitário esportivo. Fazendo uma retrospectiva mental, recordei que ela parecia falar muito sobre os vizinhos e pensei que seria melhor ser muito mais cuidadoso com as coisas que dizia na cidade.

- Posso entrar? - Martika perguntou.

- Sim, desculpe. Ainda estou um pouco fora de órbita nesse momento.

- Sem problemas - ela disse tão logo fechei a porta atrás dela.

Quando nos sentamos no sofá de módulos marrons e pretos, aos poucos ela foi ficando mais nítida, como se entrasse em foco; notei que seus lábios mal se mexiam quando ela falava.

- Como sua alma se sente? - ela perguntou em tom preocupado depois de ajeitar uma almofada para apoiar as costas.

Aquela era uma boa pergunta. Finalmente eu disse:

- Sensível, terna.

- Sim, terna é uma boa palavra. Fiz muitos retiros espirituais e a alma em recolhimento sempre se sente terna após a reintegração. Este é um período especial. E importante prestar atenção e sentir gratidão pelo retorno para que a alma possa se adaptar naturalmente.

Concordei com a cabeça.

- E como está seu humor. - continuou.

Sentia-me como se estivesse chorando havia dias e ainda estava muito melancólico. Jamais me permitira vivenciar o 49

luto pela morte de Cheryl; anos de tristeza estavam me machucando.

- Estou muito triste - admiti após longa pausa.

- É porque perdeu uma pessoa muito querida e não está sendo capaz de processar esse luto porque sua alma estava em choque quando a perdeu. Robert e eu achamos que será muito difícil para você lidar com isso sozinho. Acreditamos que você precisa de um grupo de apoio.

- Bem, não tenho certeza de que precise disso. - Na verdade, apavorava-me a idéia de estar em um lugar com luz fluorescente, cheio de café de péssima qualidade, rosquinhas com prazo de validade vencido e gente deprimida.

- Não é o que você está pensando - continuou Martika. - Você se desligou de seus ancestrais e eles estão ansiosos para ajudá-

lo a enfrentar essa situação. Mas, para isso, você precisa entrar em contato com eles, e o caminho mais fácil é fazendo uma constelação.

- O que é isso?

- Uma constelação lhe permite acessar a alma de sua família, abrindo-lhe a poderosa possibilidade de viver sua rotina diária com a ajuda dos antepassados. Recentemente, você recuperou a própria alma, mas o fardo está muito pesado para ser carregado sozinho. E demais para seus ombros. E por isso que você não pode lidar com a morte de Cheryl. Cada um de nós tem acesso à alma de nossa família, o que constitui um sistema de apoio incondicional.

Eu não tinha a menor ideia do que ela estava falando. Já me bastava a intensa experiência de ter ido buscar de volta um pedaço perdido da minha alma. Agora alguém vinha me dizer 50

que eu precisava recuperar a alma de minha família, algo que eu nem sequer imaginei que tivesse. Eu estava repleto de tristeza, mas também começava a ficar zangado. Quem era essa pessoa e por que vinha até mim desse jeito? Eu só queria cair no sono! Estava cansado demais. Por que ela simplesmente não me deixava dormir?

- Vamos lá, Scott, será bom para você. Há uma constelação começando daqui a uma hora e acho que você deveria ir.

De fato eu não queria ir a lugar nenhum, mas não tinha energia nem para protestar. Ainda estava um pouco zonzo, então Martika me ajudou a descer os mal preservados degraus de madeira para chegar à caminhonete dela, uma Subaru branca. Era a primeira vez que eu entrava em um carro depois que o meu parara de funcionar, e me senti inusitadamente confinado.

Seguimos pela estrada principal, na direção sudeste, e nos distanciamos do Memorial do Índio Morto em direção ao monte Ashland. Quando estávamos próximos dos limites da cidade, saímos da rodovia e passamos por uma área cheia de propriedades muito bem cuidadas. Eram acres e acres de cercas brancas, delineando campos de criação de animais, incluindo cavalos, ovelhas, lhamas e cabras. Após mais ou menos dois quilômetros e meio, Martika enveredou por um

caminho entre duas imponentes construções vermelhas, semelhantes a celeiros, que indicavam a entrada de um conjunto de casas de estilo campestre. Seguimos devagar pelo acesso circular e estacionamos perto de uma pequena edificação redonda e branca, com telhado de madeira, que estava parcialmente à sombra de dois majestosos carvalhos.

51

- Aqui estamos - disse Martika. - Espere no carro um instante, até que eu deixe tudo pronto para você.

Havia algumas pessoas andando no interior da habitação e me dei conta do cheiro de fumaça impregnado em minhas roupas.

Estava tão cansado na noite anterior que nem havia tomado banho ao voltar da estada na tenda. E, naquele meu estado de torpor, colocara as mesmas roupas que usara no dia anterior.

Comecei a me sentir muito desconfortável e imaginei se haveria um lapso de tempo para que eu pudesse me lavar antes de a constelação começar.

Martika apareceu alguns minutos depois e disse:

- Eles estão prontos para você. Venha, vamos entrar!

Naquele instante eu estava inexplicavelmente apavorado diante da iminência do início da sessão.

- Talvez este não seja o melhor dia para mim. - Tentei pensar em uma desculpa para ir embora.

- Vai dar tudo certo. Estarei com você o tempo todo. Não há nada com que se preocupar.

Embora mal conhecesse Martika, desejava acreditar nela porque parecia genuinamente repleta de amor e bondade. Eu ainda estava me sentindo muito sensível por causa do retiro espiritual e realmente não queria ficar sozinho. Era bom ser cuidado de novo após tantos anos.

- Vamos lá - ela disse, levando-me pela mão ao pequeno edifício.

O interior era tanto elegante quanto dramático. Havia um piso redondo, aberto, com uma imensa lareira e painéis de madeira no teto, decorados com motivos ameríndios.

Colocadas sobre o assoalho bege-escuro havia algumas caixas 52

de tecidos; as cadeiras estavam dispostas de acordo com o perímetro circular da sala. Cerca de quinze mulheres e dois homens estavam sentados nas cadeiras, todos usando crachás azul-claros e brancos com a informação: OLÁ, MEU NOME

É. A luz externa, filtrada pelas árvores, entrava pelas janelas, e o ambiente tinha o agradável aroma de serragem e flor de laranjeira.

- Este é Scott - Martika anunciou. - Ele acabou de fazer um intenso retiro espiritual e precisa de nossa ajuda.

- Olá, Scott - o grupo saudou em uníssono, e imediatamente me senti tão incomodado como não me sentia desde o colégio.

- E este é Hans. - Martika apontou para um homem alto, com cabelos grisalhos que lhe chegavam aos ombros. - Ele será o facilitador da constelação de hoje.

- Vamos começar com Scott - disse Hans. - Por favor, sente-se aqui perto de mim.

Meio indeciso, fiz o que ele pediu, enquanto Martika esboçava um sorriso como se dissesse "está tudo bem".

Hans continuou.

- Antes de começarmos, quero que todos se abram para o campo. Inspirem profundamente pelo nariz, com toda força do coração, e expirem lentamente pela boca.

Todos seguiram suas instruções e a sala ficou repleta do som da respiração, semelhante ao som do vento. Após alguns minutos, Hans falou diretamente para mim:

- O que está em seu coração hoje, Scott?

Olhei ao redor e os olhos de todos estavam fixos em mim. Não sabia o que dizer, mas por fim deixei escapar uma só palavra:

- Tristeza.

53

- E por que você está triste?

- Porque minha noiva foi morta. E eu me sinto só.

- Hum-hum. Qual era o nome de sua noiva?

- Cheryl.

- E de que maneira ela morreu?

- Foi morta por um motorista embriagado.

Imediatamente sons de piedade encheram a sala – ruídos com os quais eu estava bastante familiarizado, e essa era a principal razão pela qual eu não costumava falar sobre o que acontecera a Cheryl.

- Muito bem, Scott. Quem nesta sala lhe parece poder representá-lo?

Não entendi o que ele estava perguntando.

- Hum... acho que eu...

Uma gargalhada ecoou pela sala. Olhei para o chão, na tentativa de fazer uma saída rápida, sem que ninguém notasse.

- Você não pode ser um participante ativo da sessão. Tem de se sentar fora do círculo e ficar observando a constelação desde o início. Dentro, o círculo vai se transformar no que chamamos de o campo, que é a porta de acesso ao nosso inconsciente coletivo, que nos une pelo tempo e espaço. Use sua intuição e escolha alguém que lhe pareça ter sentimentos semelhantes aos seus agora.

Eu não compreendia tudo o que ele estava dizendo, mas percebi que tinha de eleger alguém para me representar durante o exercício, fosse o que fosse. Levantei-me e vi que havia apenas mais um homem no grupo além de Hans. Ele

tinha um enorme bigode negro de motociclista e usava um 54

cinturão com uma grande fivela de prata. Definitivamente, não era alguém com quem eu tivesse algo a ver.

- Não é preciso que seja um homem. - Hans parecia ler meus pensamentos. - Apenas escolha alguém que lhe pareça a pessoa indicada.

Dei uma olhada pela sala e imediatamente me fixei em uma garota de uns vinte e cinco anos de idade, com cabelos curtos e negros, maquiagem gótica e vestida de preto, que tentava evitar meu olhar para que eu não a notasse. Ao redor, todos os demais pareciam ter se fundido em uma imagem borrada enquanto apenas ela continuava em foco.

Aos poucos levantei a mão e apontei, sussurando para Hans:

- Ela.

- Lori, você pode ficar em pé, por favor? - ele pediu.

- Estou representando Scott - Lori disse enquanto caminhava para dentro do círculo.

- Bem, agora quem representará Cheryl?

Olhei para os nomes nos crachás, esperando que pudesse encontrar alguém com um nome parecido para tornar a tarefa mais fácil. Mas os crachás misturaram-se em um oceano de letrinhas, enquanto eu tremia e me sentia constrangido.

Minhas pernas quase sucumbiram ao peso de meu torso e decidi sentar antes que fosse tarde demais.

- Está bem - disse Hans. - Apenas escolha a primeira pessoa que lhe pareça certa.

- Martika - deixei escapar, esperando que ela ainda estivesse na sala. Ela estava atrás de mim, organizando o bufê, e caminhou até Lori.

- Estou representando Cheryl - disse Martika quando entrou 55

no círculo.

- Muito bem - falou Hans. - Deixe-me ajudá-lo com os demais. Gostaria de trazer seus avós para ajudar. Tudo bem para você?

Todos os meus avós e bisavós tinham morrido havia muitos anos. Eu tinha sido muito próximo de meu avô materno, mas somente o via uma vez a cada um dos poucos anos antes de sua morte. Os outros eu realmente não conhecera direito. Não tinha uma opinião segura sobre nenhum deles e me ouvi dizendo em voz alta:

- Sim, se você acha que isso pode ajudar.

Quando olhei ao redor, pude ver uma mistura de tristeza e compaixão em quase todos os olhos no momento em que eu falava.

Hans prosseguiu com a determinação de um guepardo ao acossar a presa:

- Allie, você representa o avô materno de Scott. Diana, você representa o avô paterno de Scott. Shelley, você representa o bisavô do lado paterno da mãe de Scott. Scott, de que país era seu bisavô?

Levei um instante para perceber exatamente de quem ele estava falando e, após fazer uma breve árvore genealógica mental de minha família usando o dedo indicador, disse:

- Ele era ameríndio. Da tribo Cherokee.

- Foi o que pensei. Isso faz muito sentido. Devora, você representa a nação Cherokee. Humm... parece que está tudo bem, mas algo não está em equilíbrio.

Hans inclinou a cabeça para trás e começou a andar em círculos. Do lugar em que eu estava, podia ver claramente seu 56

rosto, mas parecia que seus olhos se reviraram, com as órbitas para cima, quando fez um movimento que desenhava aquela espécie de oito, representando o infinito, com seus grandes pés. Aquilo durou alguns minutos e pude sentir que não era a única pessoa que estava desconfortável, quando notei que as outras pessoas se mexiam nos assentos, esperando que ele terminasse.

De repente, Hans parou, e seus olhos voltaram para o centro.

Em seguida, falou com um tom de comando que encheu a sala.

- James - sua voz ecoou -, você representa o motorista embriagado que matou Cheryl.

Quase imediatamente todo sangue de meu corpo pareceu concentrar-se acima do pescoço e senti o rosto ruborizar até ficar vermelho de raiva, quando o "bigode" entrou no círculo.

Não podia acreditar que ele estava trazendo aquele homem para o campo.

Tentei levantar, mas Hans gentilmente me puxou de volta para o lugar em que eu estava e sussurrou algo que não ouvi.

Fiquei completamente lívido. Queria ir até o motorista bêbado e bater nele até que não pudesse mais se mover.

Estava com náuseas e tremia tanto que mal conseguia me manter na cadeira.

Hans falou um pouco mais alto:

- O motorista embriagado sobreviveu?

Por alguma razão, isso me tocou fundo.

- Não, ele também morreu.

- Vamos lidar com isso mais adiante - Hans continuou -, mas agora quero que você conduza com gentileza cada um dos 57

apoiadores para dentro do campo, onde eles possam se sentir mais naturais. Apenas respire com toda força de seu coração e deixe o campo conduzi-lo.

Após levar um instante me recuperando, caminhei em direção a Martika e, quando coloquei as mãos com delicadeza atrás de seus ombros, uma sensação de formigamento fluiu pelo meu corpo, tomando minhas mãos e meus braços e descendo pela espinha. Aproximei-me o bastante para respirar o perfume de seus cabelos, sendo imediatamente transportado para o momento em que conheci Cheryl.

Martika ia se transformando em Cheryl a cada instante -

tinha seu cheiro, sua postura e sua aura. Em poucos segundos, todos os traços de Martika haviam sido apagados e só restou Cheryl.

- Apenas leve-a para onde ela se sinta mais à vontade - Hans repetiu.

Quase como se alguém estivesse me empurrando pelos ombros, comecei a guiá-la para o ponto mais distante do círculo, salva e longe do restante das pessoas.

- Muito bem - continuou Hans. - Agora, os outros.

Da mesma forma, guiei a pessoa que me representava para perto de Cheryl, de modo que ambas ficaram lado a lado, uma de frente para a outra. Olhei para o restante do grupo e a única pessoa que fui capaz de ver foi o motorista bêbado. A raiva retornou e encheu meu coração quando olhei para ele.

Sem pensar, empurrei-o para o lado oposto do círculo em relação ao ponto em que Cheryl estava e fiz com que seu corpo girasse, de maneira que ele ficasse olhando para fora. Se tinha mesmo de estar ali, eu não deixaria que se aproximasse 58

de Cheryl. Ele já fizera demais e, se dependesse de mim, eu não permitiria que aprontasse mais nada.

Olhei para o restante da minha família - meus avós, meu bisavô e a tribo Cherokee. Não me sentia ligado a nenhum deles. A morte de Cheryl não tinha nada a ver com eles e eu não podia entender por que Hans os trouxera ali. Olhei para Hans, sacudi os ombros e finalmente disse:

- Acho que é isso. - Dei uma olhada para trás, na direção de Cheryl, e fiquei chocado ao perceber que não conseguia reconhecer Martika de jeito nenhum. Ela havia se transformado em Cheryl e estava olhando para mim. Os pelos de minha nuca se eriçaram quando percebi que era a primeira vez que realmente via Cheryl em muitos anos.

- Muito bem, Scott, você acabou, por ora. Daqui para a frente, apenas preciso que você observe e sinta. E importante para você ficar quieto. Está pronto?

Balancei a cabeça, confirmando, e as luzes pareceram diminuir, embora eu não

estivesse vendo ninguém perto do interruptor.

Hans andou até meu representante e perguntou:

- O que você está sentindo?

- Sinto raiva do motorista bêbado.

Em seguida, ele foi até o motorista embriagado e repetiu a pergunta:

- O que você está sentindo?

Vergonha. Remorso - ele disse enquanto começava a chorar. -

Sinto muito.

Hans prosseguiu:

- Quero que diga a Scott: "Sinto muito por ter tirado Cheryl 59

de seu mundo. É minha culpa e só eu vou sofrer as consequências".

Lágrimas começaram a rolar pelos cantos de seu imenso bigode enquanto o motorista bêbado repetia:

- Sinto muito por ter tirado Cheryl de seu mundo. É minha culpa e só eu vou sofrer as consequências.

Olhei para aquilo, estupefato, e não podia mais sentir meus pés. Estava completamente zonzo e parecia que ia entrar em choque. Minhas emoções pareciam estar prestes a entrar em curto-circuito. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo, mas sabia que não estava gostando nada daquilo.

Hans andou até meu representante e falou:

- Diga ao motorista bêbado: "Estava enganado quando assumi sua culpa. A morte de Cheryl não é responsabilidade minha.

É você quem tem de carregar sua culpa".

Meu representante falou devagar e claramente:

- Estava enganado quando assumi sua culpa. A morte de Cheryl não é responsabilidade minha. É você quem tem de carregar sua culpa.

Após breve pausa, Hans continuou:

- Diga a ele: "Devolvo sua culpa a você e o deixo em paz".

Depois de um silêncio longo demais, meu representante olhou para mim e, aos poucos, dirigiu o olhar para o motorista bêbado, sussurrando com voz trêmula:

- Devolvo sua culpa a você... e o deixo em paz.

Segurei a cabeça com as mãos e comecei a soluçar incontrolavelmente. A tristeza no meu coração foi substituída por uma dor intensa e eu não podia parar de chorar. Estava liberando anos de raiva que havia imposto a mim mesmo e, 60

pela primeira vez após a morte de Cheryl, eu me sentia capaz de liberar também minha carga. Não é culpa minha. Comecei a repetir aquelas palavras vezes seguidas. Não é culpa minha.

Não é culpa minha. Não é culpa minha.

O choro dos outros me envolvia, e depois que minhas lágrimas secaram senti como se me tivessem passado um pano de limpeza emocional. Na mesma hora que a raiva e a culpa começaram a se dissipar de meu coração, parecia que eu estava iluminado. A constelação estava funcionando e pela primeira vez eu me sentia grato por estar ali.

- Mexam-se à vontade - Hans falou ao grupo, o que trouxe meu foco de volta aos representantes no círculo.

Todos começaram a se mover entre si, no centro do círculo, sem confortar minha representante. Alguns até tentaram evitá-la, enquanto outros agiam como se não a vissem, incluindo quando andavam em sua direção. Aí viraram-se literalmente, girando sem se aproximar. Cheryl, por sua vez, continuava tentando ficar longe de minha representante, e sempre que esta a procurava os outros se aproximavam e quase a nocauteavam. Isso perdurou por quase três minutos e me fez sentir extremamente desconfortável.

- Já basta - disse Hans. - Parem de se movimentar.

Fiquei aliviado e acalentei a esperança de que tudo aquilo acabasse.

Hans foi até cada uma das pessoas que estavam no campo e fez com que parassem diante de minha representante. Em seguida, perguntou:

- O que você está sentindo?

- Sinto-me sozinho. Como se ninguém quisesse estar comigo -

61

ela respondeu.

Lágrimas começaram a rolar pela minha face de novo e eu não conseguia manter os olhos abertos. Mergulhado em meu nevoeiro emocional, ouvi Hans continuar:

- Isso é porque você deveria estar morto. Você deveria ter morrido com Cheryl.

Eu não estava certo de ter ouvido direito. Ele, então, repetiu devagar e pausadamente:

- É porque... você deveria estar... morto. Você deveria ter morrido com Cheryl.

Eu havia pensado nisso um milhão de vezes, mas achava que pessoas como Hans eram obrigadas a fazer com que os outros se sentissem bem por estar vivos, não lhes dizer que deveriam ter morrido! Fiquei realmente com raiva dele e desejei sair dali e ir embora, mas minhas pernas não cooperavam. De fato, meu corpo inteiro não se movia. Eu estava congelado ali.

Parado e forçado a ouvir seu insulto.

- Em geral, o destino trabalha de mãos dadas com o livre-arbítrio, mas às vezes um pode se sobrepor ao outro, como aconteceu no seu caso. Provavelmente porque você desenvolveu sua intuição foi capaz de pressentir que seguir naquele carro não parecia correto. - Hans continuou, e suas palavras começaram a ficar mais claras. - Mas o universo é uma máquina de altíssima precisão, feita de bilhões de seres vivos, todos predeterminados a mover-se em dado caminho, seguindo para dentro ou para fora, sem interferência mútua.

Quando alguém morre, aquele caminho é liberado para que outro ser vivo possa

viajar por ali.

Minha cabeça começou a girar outra vez e eu já não tinha 62

mais certeza de que estava, de fato, acompanhando seu raciocínio. Então ele olhou direto para mim e continuou a falar:

- No seu caso, o universo esperava que você estivesse morto, e sua jornada está interferindo no destino de outras almas. É

como se uma velha estrada continuasse a ser usada depois que outra tivesse sido construída, nova, sobre a primeira.

Provavelmente haverá uma superposição, porque a antiga estrada não deveria mais ser usada.

Comecei a compreender.

- É por isso que você se sente tão sozinho e porque as coisas têm sido tão duras desde a morte de Cheryl.

Comecei a imaginar se minha recente onda de má sorte tinha algo a ver com o que ele estava dizendo. Antes da morte de Cheryl, eu sempre encontrava uma vaga para estacionar diante de qualquer loja para a qual estivesse me dirigindo, nunca tinha de ficar esperando na linha por mais de alguns minutos e possuía grandes amigos, que fariam qualquer coisa por mim. E era verdade que depois da morte de Cheryl tudo se tornara mais difícil: nunca conseguia encontrar vagas para estacionar, constantemente tinha de esperar muito tempo pelas coisas mais simples e quase todos os amigos me abandonaram.

Quanto mais eu pensava nisso, mais exemplos surgiam, como meu hábito recente de esbarrar nas pessoas ao caminhar pela calçada. Era como se desde a morte de Cheryl a maioria das pessoas simplesmente não pudesse ver que eu existia. Percebi que até mesmo colegas de trabalho tinham dificuldade de lembrar meu nome.

63

Hans explicou:

- Essa também é a razão pela qual você tem se apegado tanto a Cheryl, porque estava destinado a estar com ela na morte.

Entretanto, você não está morto e precisa se reintegrar à vida, enquanto ela tem de ser autorizada a continuar a própria jornada.

Minha cabeça não parava de girar. Eu acabava de ser informado de que deveria estar morto e que estava impedindo minha noiva de cruzar para o outro lado porque continuava apegado a ela depois de sua morte. Mesmo pensando que Hans estivesse certo, ainda assim era algo perturbador, e eu me sentia mais confuso do que nunca.

Ele me deu as costas e encarou o círculo outra vez.

- Cheryl, diga a Scott: "Era simplesmente minha hora de ir.

Eu o verei de novo, embora não tão cedo".

- Era simplesmente minha hora de ir. Eu o verei de novo, embora não tão cedo - Cheryl disse à minha representante.

- Eu o amo, mas você tem de me deixar ir - Hans continuou.

Cheryl repetiu:

- Eu o amo, mas você tem de me deixar ir.

Senti um nó na garganta. Tinha dificuldade de respirar, e as luzes se apagaram quando o espírito de Cheryl finalmente se afastou de mim. Minha tristeza foi se transformando em alívio, e, pela primeira vez desde a morte dela, comecei a me sentir em paz com sua partida.

- Como você não está mais seguindo seu caminho natural, não foi capaz de absorver a força e o apoio de seus ancestrais -

Hans disse à minha representante. - Seus antepassados estão ansiosos para ajudá-lo a se integrar em um novo caminho, ao 64

longo do qual você não se sentirá mais só. - Ele colocou as mãos nos ombros de meu avô materno e fez com que ele se dirigisse à esquerda da minha

representante. Em seguida, orientou meu avô paterno a postar-se à direita. Meu bisavô foi para a esquerda de meu avô materno e a nação Cherokee colocou-se no lado oposto.

Ver minha família ao meu redor era extremamente poderoso.

Senti-me amado e apoiado pela primeira vez em muitos anos.

Com meus ancestrais me ladeando como asas, eu era capaz de imaginar que podia voar para qualquer lugar com a ajuda deles.

Hans permaneceu estranhamente quieto, e cada uma das pessoas do círculo parecia tão cansada quanto eu. As faces estavam marcadas, e montes de tecido amassado estavam espalhados pelo chão.

- Muito bem - disse Hans após longo silêncio. - Todos que estão no círculo podem voltar a seus assentos.

Os representantes que haviam permanecido no círculo retornaram para suas cadeiras e, aos poucos, voltaram a ser um grupo de pessoas desconhecidas. Em seguida, pares de olhos preocupados voltaram-se para mim como se perguntassem, em silêncio, como eu estava.

Hans olhou ao redor, quando se dirigiu ao grupo todo:

- Cada um de vocês deve fechar os olhos e respirar profundamente mais uma vez, expirando depois qualquer energia do campo que ainda tenha permanecido em vocês. E

importante liberar a energia que está no corpo antes de deixar esta sala.

Segui as instruções dele e comecei a me sentir muito mais 65

leve e menos sofrido do que estivera durante a hora anterior.

Enfim, aquilo estava acabado, e senti uma imensa sensação de alívio.

- O que aconteceu hoje nesta constelação é um vínculo sagrado entre todos que aqui estão - Hans continuou - e é importante não falar sobre o que houve fora desta sala. De fato, isso será muito útil para todos... - e olhou diretamente para

mim -, incluindo para você, Scott, se tentar esquecer o que aconteceu e permitir que a energia trabalhe em si sem deixar que sua mente atravesse o caminho. Sei que é difícil, mas movimentamos muita energia hoje, e muitos anos vão se passar até que tudo isso se sedimente.

Eu não sabia muito bem o que fazer com essa informação, mas me sentia muito melhor e grato. Se ele queria dizer que eu ia me curar aos poucos ao longo dos próximos anos, eu realmente torcia por isso.

- Muito bem, acabamos, por ora - disse Hans, de repente. -

Vamos fazer uma breve respiração e dar a Scott algum tempo para se situar em seu novo sistema de apoio.

Martika me deu um copo-d'água e perguntou se eu estava bem. Tudo ainda estava nebuloso, mas eu me sentia melhor e definitivamente muito mais interessado em viver do que estivera desde que Cheryl morreu. Sabia que ela tinha ido embora e pela primeira vez em muitos anos estava pronto para viver de novo.

- Vamos - disse Martika. - Deixe-me dar uma carona a você até em casa. Acho que você precisa descansar.

66

CAPÍTULO 7

Durante os dias que se seguiram ao retiro espiritual e à constelação, meus sentidos aguçaram-se sobremaneira e meu espírito alcançou um nível de energia que eu não sentia havia anos. Era como se minha alma tivesse sentimentos próprios e sensibilidade altíssima. Quase tudo me lembrava de que minha alma estava ali e de que ainda era terna ao toque.

Quando abri a janela de meu apartamento, uma pessoa feliz, um pássaro voando - e até mesmo o vento -, tudo parecia atiçar meu espírito e dizer: Finalmente você está vivo.

Como eu estava me sentindo sensível demais, não saí do apartamento por mais de uma semana para me recuperar.

Enfim, decidi tomar um pouco de ar fresco. Caminhando, antes mesmo de completar um quarteirão, vi uma jovem de pouco mais de vinte anos, com cabelos cor-de-rosa brilhantes, usando uma minissaia e meias listradas de branco e preto. Ela saltitava ladeira abaixo.

- Olá - saudei, sentindo-me muito mais amigável do que costumava ser.

- Olá, sou Om - ela respondeu com um alegre tom de voz, fazendo uma pequena reverência.

Eu não tinha certeza de ter ouvido direito.

- M? Trata-se de uma inicial? O que significa?

- Não M, mas Om, sabe? Assim, tipo Ommmmmmmmmm.

- Ela juntou os polegares e os indicadores e levantou a cabeça, assumindo por um instante uma atitude de meditação. Contei oito brincos em uma de suas orelhas e apenas dois na outra, e fiquei preocupado com a possibilidade de ela pender para um 67

lado e cair se não se mantivesse ereta rapidamente.

- Sou Scott - falei, por fim. - Prazer em conhecê-la, Ommmmmmmmm.

Ela riu e disse:

- Estou tão contente! O dia está lindo e estou indo praticar kirtan que sempre eleva meu espírito.

Não sabia muito bem do que ela estava falando, mas sua energia era contagiante. Podia vê-la emanando do corpo da jovem e entrar no meu, onde minha alma recebia com entusiasmo a felicidade da moça. Era uma incrível demonstração do poder das boas intenções e de como era melhor estar perto de alguém como Om, que estava repleta de energia positiva.

- Você também está indo praticar kirtan? - ela perguntou.

- Não sei o que é isso.

- Nossa! Então você precisa vir comigo para conhecer meu namorado, Garuda. Kirtan é a mais bela experiência que há no mundo. Através dela você alcança um profundo sentido de paz interior e de conexão com o universo, quando canta com seus companheiros espirituais da Terra. Hoje vai acontecer no parque, com a participação de um maravilhoso flautista do Nepal. Eu o conheci numa festa, ontem à noite, e ele emite o som mais puro que já ouvi na vida. Ele pode curar a si mesmo e aos outros apenas tocando seu instrumento de bambu. É

muito mágico!

Eu não tinha planos para aquele dia e, embora não estivesse familiarizado com o que ela estava falando, podia sentir o entusiasmo que emanava até mesmo de cada uma de suas respirações. Também fazia tempo que eu não ouvia música ao

vivo e ir a um concerto no parque parecia ser uma grande idéia.

- Vamos lá - falei, e caminhamos juntos ladeira abaixo.

Andamos pela calçada que margeava o parque e, após atravessar duas pontes de madeira que se estendiam sobre um riacho, já dava para ver o jardim japonês no lado oposto da rua. Atravessamos e caminhamos pela área estreita repleta de bambus, miniaturas de carvalhos com as folhas avermelhadas e um riacho que serpenteava ladeira abaixo sobre um leito rochoso. Depois seguimos por uma grande área de relva, ladeada por três imensas sequóias. As árvores eram gigantescas e majestosas e pareciam encantadas com a multidão que se reunia abaixo, sentada em cobertores, na base de seus troncos. Eu jamais vira tanta gente reunida ali antes e fui tomado pelo silêncio e pela quietude que completavam seus movimentos. Algumas pessoas estavam vestidas com tecidos coloridos e fluidos; outras, porém, usavam apenas túnicas brancas e turbantes.

Encontramos

o namorado de

Om,

Garuda,

após

perambularmos alguns minutos no meio da multidão, e ele pareceu genuinamente satisfeito ao me conhecer. Sua cabeça era raspada e ele estava com uma túnica longa e branca, além de levar um cordão de sementes enrugadas enrolado no pescoço. Om me apresentou a ele com voz suave e, depois de murmurar nossas saudações, sentamo-nos para compartilhar um grande cobertor branco. Eles continuaram a conversar a meia-voz e, embora não conseguisse ouvir tudo o que diziam, podia sentir sua energia me acolhendo como um novo amigo.

Fui envolvido por um sentimento de pertencimento que 69

jamais sentira antes com pessoas que acabara de conhecer e apreciei o incondicional sentido de comunidade ali presente.

Garuda havia reservado um ponto no centro do gramado, de modo que tínhamos ampla vista do palco, que estava coberto por um largo retângulo de tecido dourado feito à mão. Havia instrumentos desconhecidos pousados entre almofadas cor de violeta, que refletiram a luz do sol quando os músicos apareceram diante da plateia e tomaram suas posições.

Os primeiros acordes vieram de um só deles, parecido com um violoncelo bem estreito, mas que emitia um som semelhante ao de uma cítara flutuando pelo ar em um longo e gracioso fluxo. Garuda sussurrou em meu ouvido o nome de todos aqueles instrumentos exóticos, explicando que o primeiro era um tampura, da índia. Após alguns instantes, um cavalheiro idoso começou a tocar outro, semelhante a um acordeom, mas chamado har-monium. Em seguida, ouviu-se um par de tambores que levavam a audiência a se movimentar em certo ritmo. Finalmente, um jovem asiático pegou uma delicada flauta de bambu e começou a tocar a música mais linda que eu ouvira na vida. As notas fluíam em seu instrumento oco e pairavam sobre a plateia, vindo direto ao meu coração. Eu ficava arrepiado a cada longa nota extraída de uma escala incomum, que era, ao mesmo tempo, estranha e familiar.

Eu jamais ouvira aquele tipo de música antes, mas aquilo revelava o que estava profundamente arraigado e que sempre estivera dentro de mim. A flauta contava uma história de amor e devoção. Lágrimas de puro amor começaram a rolar de meu rosto. Nunca antes havia chorado de felicidade, mas 70

pareceu tão certo que decidi que precisava fazer melhor uso de minhas lágrimas.

Os músicos deixaram que o flautista fizesse o solo até que uma mulher de aparência exótica, vestida com uma túnica branca e um turbante, emergiu graciosamente da plateia e foi até o centro do palco. Ela começou a cantar em uma língua estrangeira que não fui capaz de reconhecer e, intuitivamente, a plateia inteira repetiu o verso a uma só imensa e poderosa voz. A primeira vez que isso aconteceu houve uma onda de energia que circulou entre os espectadores antes de se dissipar, subindo para o céu. Ela repetiu o verso e, de novo, a platéia a seguiu, de maneira ainda mais intensa que antes.

A princípio, relutei em juntar minha voz à coletiva, mas ouvindo atentamente e reconhecendo que nem todos estavam afinados descobri que as vozes assim mescladas formavam um conjunto muito natural. Tão logo me familiarizei mais com o canto, comecei a murmurar a letra e depois cantei alto, como todos os demais.

- Govinda Jaya Jaya, Gopala Jaya Jaya

Govinda Jaya jaya, Gopala Jaya Jaya

- Radha Ramana Hari, Govinda Jaya Jaya

Radha Ramana Hari, Govinda Jaya Jaya

- Govinda Jaya Jaya, Gopala Jaya Jaya

Govinda Jaya Jaya, Gopala Jaya Jaya

- Radha Ramana Hari, Govinda Jaya Jaya

Radha Ramana Hari, Govinda Jaya Jaya

Aquelas palavras da letra tão singela foram repetidas com pequenas variações durante quase meia hora, como um refrão, até que a primeira canção terminasse. Assim que acabou, a platéia mergulhou em silêncio, permitindo que a quietude pairasse sobre todos ali presentes, até que os músicos começassem a ondular sua história melódica outra vez. No meio da segunda canção, fiquei parado, fechei os olhos e cantei do fundo de minha alma. A cada verso eu me sentia muito mais conectado a cada uma das pessoas que estavam ali no parque. As fronteiras entre

nosso corpo tornaram-se, aos poucos, imperceptíveis, e todos nos transformamos em uma única e pulsante massa de energia em movimento. Senti literalmente que estava transcendendo ao tempo e ao espaço a cada verso e depois de várias canções eu já não podia mais sentir meus pés tocando a relva. Meus olhos podiam ver que a força da gravidade ainda existia, mas meus outros sentidos não estavam convencidos disso.

O kirtan demorou cerca de quatro horas, e, quando acabou, eu estava nas nuvens e mal conseguia trilhar o caminho de volta para casa em companhia de Om e Garuda. Após andarmos alguns quarteirões em silêncio, Om olhou para o céu enquanto se abraçava e dizia: "Sou tão feliz!".

Imitei-a. Embora as estrelas estivessem brilhando, a lua estava escura.

- Deve ser lua nova - falei.

- Tempo de renascimento - disse Om quando chegamos à minha rua.

- Com certeza, é. - Sorri para ela e Garuda e deslizei pelo caminho em direção ao meu apartamento. - Obrigado.

72

- Namastê - eles responderam em uníssono enquanto juntavam as mãos em posição de prece, inclinando levemente a cabeça.

Naquela noite, tive o primeiro daquele que se tornaria outro sonho recorrente. Não sonhara mais com o acidente de Cheryl desde a constelação e, por fim, estava tendo noites repousantes pela primeira vez em muitos anos.

O novo sonho não era tão apavorante, mas nem por isso menos intenso. Acontecia no parque de uma pequena cidade que reconheci como sendo aquela em Yreka, onde Cheryl e eu costumávamos passar bastante tempo. Era um lugar muito especial para nós, onde caminhávamos ao anoitecer, durante o alto verão, assim que começamos a namorar.

No sonho, eu começava a me balançar em determinado balanço, lá no final da área onde ficavam esses brinquedos.

Sentia como se estivesse esperando por alguém ou por algo.

Após me balançar durante certo tempo, eu sentia o que parecia ser um portal de energia que se revelava bem acima de mim. Nunca cheguei perto o suficiente para tocá-lo, mas ele começou a aumentar de tamanho cada vez mais, até ficar maior que o próprio conjunto de balanços em que eu estava.

A princípio pensei que fosse um sonho simbólico que me permitiria, finalmente, lidar com a morte de Cheryl, mas a cada noite ele foi ficando mais poderoso, e a sensação que eu vivenciava enquanto estava mergulhado nele começou a permear as horas que se seguiam ao meu despertar. Depois que ele se repe¬tiu todas as noites, em uma sequência sem falhas, começou a me consumir e eu mal conseguia distinguir 73

quando estava acordado ou dormindo. Eu estava obcecado com o portal sobre o conjunto de balanços. Dava a impressão de que Yreka guardava a chave para outra dimensão de meu despertar espiritual.

Depois do que calculei serem umas duas semanas, desde que o sonho começou, ficou claro para mim que o portal se abriria no parque na próxima sexta-feira. Isso não fazia sentido do ponto de vista lógico, mas era como se o tempo e o espaço fossem se cruzar em um momento preciso, revelando um

"eclipse" para outra dimensão, cuja existência parecia que só eu sabia. Eu estava, ao mesmo tempo, curioso e amedrontado sobre o que ele representava, porém senti que não tinha outra escolha. Eu devia investigar para saber do que se tratava.

Sabia muito bem que minha jornada espiritual mal começara, mas de alguma maneira achei que aquele portal iria me transportar para outro plano de espiritualidade, acelerando essa jornada.

Desde meu retiro, eu ainda não havia visto Robert e me pareceu que seria uma boa ideia falar com ele sobre o fato de estar pensando em seguir meus sonhos, indo para Yreka. A raiva que sentira dele por ter-me abandonado já se dissipara, e eu começava a admitir que ele era um espírito livre, que flutuava para dentro e para fora de minha vida no tempo certo. E naquele dia tive a sensação de que deveria vê-lo de novo. Estava convencido de que saberia exatamente onde encontrá-lo.

Fui até a cooperativa e o vi sentado, com as pernas cruzadas e as costas apoiadas em sua árvore favorita, o cachorrinho Don a seus pés e um cartaz menor que o

habitual descansando em 74

seu colo:

Ouça seu coração.

- Olá, Robert!

- Nossa, você parece diferente - ele disse, olhando-me de cima a baixo. - Como andam seus sonhos?

- Engraçado você perguntar sobre isso, porque é a exata razão de eu estar aqui. - A capacidade intuitiva dele era formidável.

- Eu, de fato, percebi. O que dizem seus sonhos?

- Estão falando para eu ir até Yreka e balançar em um conjunto de balanços - tentei esclarecer.

- E o que existe nesse conjunto de balanços?

- Parece algo como um portal para outra dimensão. - Eu nunca havia dito aquilo em voz alta antes e soou meio sentimentaloide. - Isso é possível?

- Claro que é possível!

- Por que eu estaria sonhando com isso?

- Quando as pessoas sonham, parte de sua alma fica livre para deixar o corpo e vaga com o inconsciente coletivo. Às vezes é pura diversão, como os sonhos nos quais a gente voa. Outras vezes é para recuperar a sabedoria e o poder ancestrais. Agora que você tem orientação de seus antepassados, eles estão ajudando-o a ficar mais forte.

- Então você acha que devo ir?

- O que você acha?

- Acho que sim.

- O sonho lhe deu alguma indicação de tempo?

- Sim. Esta sexta-feira.

75

- Hummm... Isso me parece uma coisa real. Provavelmente algum tipo de visão missionária para você.

- E o que é uma visão missionária?

- É um rito de passagem na tradição dos nativos norte-americanos. Durante a adolescência, os jovens são mandados para a selva para vencer obstáculos e vislumbrar o futuro.

Parece que Yreka será a sua "selva". Isso o assusta?

- Um pouco.

- Bem... deveria mesmo. Se você resolver ir, precisa fazer isso com o coração e a mente abertos, sem pensamentos preconcebidos sobre o que poderá descobrir. A visão missionária pode ser uma das experiências mais poderosas de uma jornada espiritual e só faz sentido ir se você estiver totalmente presente. Muito bem.

- Parece que agora seu coração está muito mais aberto que antes. Quando o conheci, você estava fechado como uma ostra e nada podia entrar. Entendeu?

De fato, eu me sentia bem mais aberto e não desejava mais me fechar para o mundo outra vez.

- Acho que sim - por fim respondi em voz alta.

- Acho que você deve ir - ele disse após longa pausa. - Como pensa chegar lá? Seu carro não está com o motor fundido?

Eu ficara tão mergulhado no sonho que havia esquecido a parte prática.

- Nossa, é verdade! Um carro.

- Acho que Martika tem um carro reserva que ela empresta ocasionalmente a pessoas do grupo da constelação. Por que não pergunta se ela pode cedê-lo a você?

- É uma boa idéia.

- Boa sorte, Scott. Espero que encontre o que está procurando.

Você está em um estágio especial de sua jornada.

- Obrigado, Robert. Eu lhe direi o que encontrei.

- Conto com isso!

CAPÍTULO 8

Deixei Ashland bem cedo na manhã de sexta-feira.

Entusiasmado, atravessei as montanhas Siskiyous no carro reserva de Martika. O veículo enfrentava as subidas com muito mais elegância que o velho Volvo.

Ao me aproximar da fronteira da Califórnia, vi que os variados e vibrantes matizes verdes das florestas do Oregon tinham sido substituídos pelos tons apagados da morte, como se a Mãe Natureza tivesse desenhado uma linha imaginária que separava os verdes dos dourados.

Quando cruzei a fronteira, senti como se meu espírito -

minha força vital - começasse a escorrer por trás do pescoço, como se estivesse ligado a um cordão e preso no lado do Oregon. Quanto mais eu continuava a dirigir para longe daquela linha imaginária, mais me sentia vazio, até que cada um dos meus sentidos perdesse quase toda a agudeza. Tudo cheirava a poeira e tinha sabor de poeira. Mesmo bebendo da garrafa de água primaveril, eu podia sentir isso. Meus dedos começaram a ficar entorpecidos e, de repente, parecia que eu estava usando luvas. O som dos pneus do carro na pista parecia muito distante, como se minhas orelhas estivessem tampadas com bolas de algodão. Quase todos os tons vibrantes que estavam diante de meus olhos estavam pintados de sépia, 77

como se fossem fotografias antigas.

Felizmente, minha memória muscular pareceu assumir o controle e comecei a dirigir no piloto automático, sem que meu cérebro e minhas mãos se comunicassem. No início, comecei a ficar em pânico, mas passei a respirar profundamente e fechei os olhos. Estava lúcido o suficiente para saber que mesmo dirigindo no piloto automático precisava manter as pálpebras abertas, O que demandava muita força de vontade. Então, após cochilar ligeiramente, consegui acordar e a primeira coisa que vi quando abri os olhos foi o majestoso

monte Shasta. Ele parecia brilhar com um halo de luz branca contrastando com os tons apagados ao seu redor. Quando estava crescendo, eu sempre sentia uma ligação com o monte Shasta e, embora não tivesse planos de subir ao cume, naquele dia anotei mentalmente na memória para revisitá-lo o mais breve possível.

Quanto mais perto chegava de Yreka, mais me habituava àquele estado de entorpecimento dos sentidos. Assustei-me, porém, ao rodar em direção ao guardrail, em uma passagem nas montanhas, de modo que tratei de permanecer mais lúcido o restante da viagem.

Chegando à cidade, fiquei surpreso ao ver como estava vazia.

Sempre fora pequena, mas agora parecia quase deserta. Não havia carros nas ruas, nem pássaros no céu, nem pedestres nas calçadas. Talvez meus sentidos confusos estivessem brincando comigo, mas senti que até mesmo a brisa decidira abandonar a cidade mineira e deixar que o silêncio aprisionasse tudo o que restara.

Após estacionar em uma vaga do mercadinho local, caminhei 78

de volta à ilha de cimento que me dera as boas-vindas depois que saí da rodovia expressa. Pensei ter reconhecido algumas pessoas que vi de soslaio quando passei, dirigindo, pela escultura de bronze de um mineiro e sua mula, sob a placa azul e branca anunciando o nome da cidade: YREKA. Sabia que era impossível porque todos os que conheci no passado tinham deixado o lugar havia anos, mas mesmo assim permiti que uma ponta de excitação me envolvesse enquanto retornava à estátua para descobrir se o que vira era real ou imaginário.

Quando me aproximei da parte de trás da escultura, senti-me ao mesmo tempo entusiasmado e nervoso, envolvido na tarefa de esclarecer se as pessoas que vira ainda estavam lá. Perto do mineiro estavam um menino de cabelos castanhos e emaranhados, parecendo um capacete, e seu pai careca e com barba desordenada cor de areia. Quanto mais me aproximava, mais podia ouvir a conversa, e gelei ao reconhecer a voz deles.

- Muita gente veio para o condado de Siskiyou durante a corrida do ouro para conseguir fortunas - o pai explicava. -

Mas poucas tiveram sucesso, e a maioria ficou na penúria.

- Pai, vamos encontrar ouro aqui?

- Provavelmente, não. No entanto, se trabalharmos duro, podemos nos tornar os únicos a consertar os equipamentos dos mineiros quando quebrarem.

Lembrei, palavra por palavra, do diálogo que aconteceu quando minha família chegou a Yreka, vinda do sul da 79

Califórnia. A cidade ficava a pouco mais de trinta quilômetros de Greenview, onde realmente nos fixamos, mas era aquela escultura de bronze que representava o otimismo que todos nós sentíamos naquele primeiro momento. As possibilidades pareciam ilimitadas, e estávamos entusiasmados por ter terra suficiente para criar animais e cultivar nossa própria comida.

Meu bem-intencionado pai havia crescido no interior de Iowa e, embora mamãe fosse uma verdadeira moça do sul da Califórnia, ele a convenceu de que ali era um lugar muito melhor para criar filhos; a princípio, eu também comprei integralmente essa ideia.

Quando fiz a volta para ficar diante da escultura, o homem e a criança já não estavam mais ali. Imediatamente, caí de joelhos e comecei a chorar. Estava muito distante de minha família e, embora mantivéssemos contatos ocasionais por telefone, em aniversários e feriados, as lágrimas eram uma forma de expressar que sentia uma falta de conexão. A estátua de bronze era exatamente a mesma, porém eu não era mais o garotinho de olhos muito abertos, ansioso por vivenciar aquela nova aventura, da mesma forma que papai também não era mais o mecânico idealista, ávido por consertar equipamentos dos mineiros. Os anos haviam desgastado nosso otimismo a ponto de revelar uma camada de pessimismo - o dele, financeiro; o meu, social.

Quando, por fim, nos sentimos derrotados pelo condado de Siskiyou, ambos nos retiramos para nossos respectivos lugares de nascença: meu pai levou mamãe e minha irmã para Iowa, querendo ficar perto de sua família, e deixei Cheryl sepultada, seguindo a caminho do sul da Califórnia, onde pensei que 80

seria capaz de criar uma nova família, bem mais parecida comigo.

Após permanecer uns dez minutos aos pés da estátua de bronze, sequei as lágrimas, sacudi a poeira e comecei a caminhar na direção da rua Miner. Tinha vindo a Yreka para visitar o parque, mas não tinha certeza de que estava

realmente pronto para fazê-lo. Ainda me sentia frágil e nostálgico, então decidi começar minhas reminiscências visitando algumas lojas no centro, antes de me dirigir ao parque.

Na rua Miner, os edifícios ainda ostentavam as mesmas e antigas fachadas erigidas no final do século XIX; entretanto, anos e anos de descuido fizeram com que a aparência geral fosse de uma cidade fantasma, em vez da vibrante localidade dos velhos tempos. Algumas lojas ainda existiam - eram as mesmas. Velhas memórias espoucavam em minha consciência praticamente a cada passo. Estavam fluindo quando me encontrei diante da porta da loja especializada em artigos esportivos, que ficava no alto da rua.

Olhando para cima, reconheci, balançando na fachada, o letreiro de madeira com a figura de um peixe verde esculpida.

Abri a porta de vidro com cuidado. Reconheci as visões e os aromas de minha juventude e fui transportado, na mesma hora, para meu décimo terceiro aniversário. Meu pai me levara exatamente a esse lugar, naquele dia, e eu lembrava do cheiro característico de pólvora misturado com o fedor de queijo mofado e ovas de salmão. As prateleiras ainda estavam cheias de armas, varas de pescar, munição e toda a parafernália necessária para destruir rápida e violentamente 81

nossos amigos que vivem na natureza.

Quando a porta fechou atrás de mim, pude ver três gerações de veteranos sentadas no balcão coberto de vinil verde, tomando café expresso enquanto conversavam com o dono da loja. Todos vestiam camisas jeans de botões perolados, em estilo caubói, e bonés de beisebol com o logotipo de uma empresa de tratores colado na parte frontal. As vozes graves e roucas mesclavam-se à desconfortável lembrança de meu décimo terceiro aniversário.

- Vou comprar um rifle seis milímetros para meu neto no Natal.

- Hoje vou lhe mostrar a arma que será sua se você passar de ano.

- Esse é um rifle bem apropriado para um garoto de treze anos. Vai bater no traseiro dele.

A loja inteira caiu numa gargalhada tão grande que fez os mais velhos

começarem a tossir.

- Esta é a mesma arma que meu pai me deu quando eu tinha a sua idade, e, se você não fosse tão mal na escola, ela já seria sua. Uma arma como esta fará de você um homem!

- Sim, mas ele é um tremendo atirador, com sua calibre vinte e dois. Pode acertar uma lata de cerveja a trezentos metros de distância sem a mira.

- Quem me dera eu tivesse uma visão dessas. Teria aquela seis milímetros há um par de anos.

- Você e aquela seis milímetros. Acho que você nunca mais a viu.

Os outros dois caíram na gargalhada, e, dessa vez, a tosse perdurou por uns hons trinta segundos.

- Seria uma vergonha se sua displicente atitude na escola o impedisse de se tomar um homem. Você está me ouvindo?

Não sei de onde meu pai tirou a idéia de que eu compartilhava de sua teoria sobre ter de matar animais inocentes para tornar-se homem, porque sempre me orgulhei, em segredo, de salvar muitos seres, devolvendo-os à vida selvagem, abrindo as portas tias gaiolas. Para ser honesto, eu não estava interessado no currículo da nova escola porque ele estava quase dois anos atrasado em relação ao que eu estava aprendendo antes de mudar. E, quando me dei conta disso, senti-me superior a todos ali, incluindo a maioria dos professores, de modo que não me dignava a fazer os deveres de casa - até que caí fora três anos depois.

Instaladas no alto da parede da loja havia duas cabeças de cervos, congeladas no tempo, com os chifres ainda manchados de sangue. A língua de ambos pendia para fora da boca, e os dois pares de olhos permaneciam virados para cima, em plena agonia, como um claro sinal de que não haviam morrido de maneira pacífica. A visão daquelas cabeças de cervos transportou-me imediatamente para a primeira vez em que meu pai e eu fomos caçar, poucos meses depois de meu décimo terceiro aniversário. Como meu boletim escolar ainda não havia sido entregue, ele me emprestou um de seus rifles, que era grande demais para mim.

- Vamos contar para sua mãe que você pegou este aqui sozinho. Estou orgulhoso de você, filho.

Na realidade, eu havia ferido de raspão a perna traseira esquerda do animal, com minha fraca pontaria, e meu pai 83

terminara o serviço com um segundo e fatal tiro, antes que o pobre tivesse a chance de desaparecer, cambaleando, na floresta. Fiquei sem fala, ali ao lado dele, imaginando como poderia ter me envolvido em tirar uma vida tão bela de sua família. Meu pai colocou uma grande faca de caça em minhas mãos pequenas; com a dele, segurou meus dedos para que a mantivesse na posição enquanto dirigia a lâmina para a base do longo e suave pescoço do cervo.

- Vamos lá, filho, você tem de agir rápido. Se não sangrá-lo nos primeiros minutos, estragará toda a carne.

Bem que tentei afastar a faca dali com toda força, mas meu pai apertou meus dedos com tanta intensidade que estava prestes a esmagá-los. Então, enfiou a faca naquela carne inocente e o líquido vermelho brilhante começou a borbulhar e escorrer...

Meu estômago embrulhou na mesma hora e quase vomitei na loja de esportes. Tomado por náuseas, senti o rosto empalidecer. Corri para a porta e a abri, saindo em busca de ar.

- Só porque ele viu Bambi e seu irmãozinho - ouvi o responsável pela loja comentar, rindo, enquanto a porta fechava atrás de mim com uma batida seca.

Uma vez lá fora, tropecei na calçada e raspei o joelho direito, exatamente no ponto em que meu jeans estava rasgado.

Decidi permanecer sentado no meio-fio até que conseguisse retomar a respiração. Aquele retorno a Yreka estava me fazendo trazer à tona recordações tão profundas que eu nem sequer imaginara que ainda tivesse. Eu estava ficando perturbado diante da perspectiva de voltar ao parque porque 84

não tinha certeza de que poderia aguentar o que viria em seguida. Até pensei em pegar o carro e voltar para Ashland, sem ir mais longe com aquele intento, mas sabia que, se não o fizesse naquele momento, nunca mais conseguiria. E, se fosse justificado meu pressentimento de que aquele portal só estaria acessível

naquele dia, eu ficaria eternamente arrependido de não procurar saber para que serviria.

Depois de uns dez minutos - tão logo me senti recuperado da experiência vivida na loja esportiva para poder seguir adiante

-, levantei-me e iniciei a caminhada para o parque, no topo da colina. Estava a apenas dois quarteirões de distância quando meu estômago revirou assim que vi o granito escuro que revestia a porta de entrada do parque. Passara muitas horas com Cheryl ali, mas mesmo naquele tempo eu jamais prestara atenção aos dizeres gravados à mão naquela imponente passagem abobadada. Sob o nome do parque havia a palavra SISKIYOU escrita em letras grandes e fantasmagóricas, as quais pareciam dançar. O nome do condado em que Yreka se localizava parecia uma escolha estranha para constar ali, porém mais inquietantes eram as letras em si, que pareciam refletir cada um dos meus movimentos.

O parque era dividido em três seções. A mais próxima do arco de entrada era um caminho com algumas árvores imensas e imponentes, sob as quais havia bancos onde os visitantes podiam se sentar para aproveitar a larga sombra. No lado oposto ficava um campo de beisebol, do tamanho perfeito para jogos de ligas menores, e à esquerda, o playground com o balanço que vi em meus sonhos.

Fui lançado até os balanços com uma força incontrolável. Em 85

poucos segundos, estava parado perto do balanço que ficava próximo ao portal de meu sonho. Entretanto, o conjunto de balanços já estava sendo usado por duas jovens de cabelos ruivos, que eram empurradas por um homem de meia-idade, com a mesma cor de cabelo, porém cortado bem curto. Ele usava uma camisa abotoada, de listras verdes e vermelhas. Os vestidos das garotas eram de verão, estampados com flores amarelas; a mais jovem tinha curativos nos joelhos.

Tenho de admitir que o pai ali presente ficou nervoso, certamente considerando que não havia na cidade muitos homens adultos dispostos a ficar perambulando por aquele lugar. Resolvi sentar no outro conjunto de balanços que ficava próximo àquele em que as meninas estavam brincando, mas percebi que tinham sido feitos para crianças com menos da metade de meu tamanho. Mal consegui me acomodar no pequeno assento e meus joelhos quase raspavam a areia enquanto as correntes de sustentação guinchavam sob a pressão do meu peso. Tão logo comecei a me balançar, o pai, inquieto, começou a sussurrar algo para

as filhas, dizendo que estava na hora de ir embora, enquanto me fitava com os olhos verdes, em sinal de explícita desaprovação. Como minha intenção não era provocar desconforto a ninguém, saí de onde estava e fiquei andando entre os bancos que havia por ali enquanto esperava que a família se fosse.

Entediado, aproximei-me de novo do pequeno grupo e ten-tei acalmar o pessoal.

- Lindo dia - disse ao pai.

- Hum-hum. - Ele mal podia acreditar na minha iniciativa.

- Estou esperando por minha sobrinha - falei, na esperança de que a mentirinha fosse ajudar. - Ela gosta muito de se balançar.

- Ah... entendo. - O homem sorriu, e posso dizer que estava bem mais relaxado que antes, desde o momento em que me vira chegar. - Estamos prestes a ir embora. É o melhor conjunto de balanços do parque, então posso entender por que você está aguardando.

- Sim, é o único de que ela gosta. Ela me fez vir aqui para reservá-lo. - Ri ao perceber que a mentirinha ia ficando mais complicada a cada sílaba.

- Nós já deveríamos ter saído. Vamos, meninas, temos de ir embora agora mesmo! - Os três acenaram em despedida quando deixaram o parque e caminharam pela rua Miner na direção das casas na colina.

Tão logo a família se foi, sentei-me no mesmo instante no balanço de meu sonho. Parecia-se muito com o anterior -

pequeno e barulhento, nada satisfatório para alguém do meu tamanho. Mas o mais significativo foi que, definitivamente, não havia nenhum portal. Como o restante de Yreka, o parque parecia totalmente desprovido de qualquer energia espiritual.

Confuso e frustrado, comecei a andar pelo perímetro do parque para ver se podia encontrar o portal que aparecia em meu sonho. Tratei de refazer meus passos e coloquei as palmas das mãos em cada árvore da área de balanços para ver se podia sentir algo. Havia outro conjunto de balanços, perpendicular ao que eu via

em meus sonhos, e, em meu desespero, fui até lá e comecei a me balançar. Aqueles, sim, 87

eram apropriados para "gente grande", com assentos feitos de amplos retângulos de borracha e correntes de aço suspensas em barras situadas cerca de dois metros e meio acima do solo.

Os balanços maiores eram muito mais ajustados ao meu tamanho, e, embora eu não estivesse sentindo nada sobrenatural, realmente me diverti balançando por alguns minutos. Até considerei a possibilidade de me jogar, quando o brinquedo estivesse no ponto mais alto, para ver quão distante eu poderia voar antes de me estatelar no chão. Mas sabiamente resolvi esperar até que parasse, antes de sair.

Desanimado, sentei na grama e fiquei observando os balanços, imaginando se teria interpretado mal meu sonho. Talvez minha procura estivesse encerrada e eu já houvesse me reconciliado com minha infância. Ou talvez devesse escolher outro dia. De duas, uma: ou me adiantara demais ou perdera a oportunidade.

Exatamente quando eu estava prestes a desistir, percebi que havia um balanço enrolado ao poste de sustentação, fora de uso. Liberei-o com cuidado. Fiquei perplexo ao perceber que ele não tinha sombra. Olhei para os demais e todos eles tinham, exceto aquele que estava diante de mim. Eu sabia que isso era fisicamente impossível, então tentei me convencer de que talvez se tratasse de uma ilusão de ótica e me esforcei para ignorar o detalhe.

Com cautela, acomodei-me nele e dei o impulso com minhas pernas. Quase na mesma hora senti dor intensa na barriga.

Movimentei as pernas, para a frente e para trás, e a cada impulso a dor se tornava mais intensa. Comecei a suar profusamente e em poucos segundos saltei do balanço e bati, 88

como todo o peso, no solo duro. O impacto fez com que meu pulmão parasse de respirar, e, quando olhei para trás, na direção do balanço, fiquei chocado ao ver que estava imóvel, como se jamais tivesse estado ali.

Apavorado, levantei-me e tentei correr para o lado oposto do parque, mas minhas pernas não se moviam. Quanto mais eu tentava, mais meus músculos congelavam, e caí de costas em câmara lenta, até sentir o impacto do chão com tal violência que minha respiração parecia que não voltaria tão cedo.

Assim, estatelado diante do céu, eu podia ver as nuvens transformando-se. Passaram de um branco inofensivo para um cinza-escuro ameaçador, quando começaram a girar em redemoinho. A princípio, circulavam devagar, depois mais e mais rápido, até que se formou um funil que vinha em direção ao parque. Eu ainda não podia respirar nem mover o corpo, de modo que meu medo virou verdadeiro pânico conforme o tornado fazia o caminho descendente. Em segundos o céu inteiro escureceu e senti o furacão conectar-se ao meu abdome.

A dor era dilacerante - senti como se um funil estivesse sugando meus órgãos para fora do corpo, carregando-os para o céu. Tentei gritar com todas as minhas forças, mas só o silêncio saía de minha boca enquanto, sufocado, eu lutava para respirar sob violenta dor. Naquele exato momento, o parque foi tomado pelo som mais petrificante que eu já ouvira. Era o barulho de toda a raiva que fluíra de cada bramido já lançado, o som do medo que impregnara cada grito desde o começo dos tempos e o choro de cada bebê nascido no mundo. O som era totalmente ensurdecedor, e, 89

quando a luz quase se apagou, minha sensação era de que eu começava a flutuar sobre o solo.

Mergulhado na escuridão, eu mal podia perceber as bocas grotescas responsáveis por todos aqueles gritos. Suas faces retorcidas giravam com o ciclone e começaram a me atravessar, uma após a outra, entrando em meu abdome. A cada alma que me invadia, a dor ficava mais insuportável, até que fechei os olhos e cerrei os dentes tão forte quanto podia.

Segundos depois, o barulho ensurdecedor foi substituído pelo som do choro de um único bebê, e, quando abri os olhos, pude ver que estava deitado de cabeça para baixo em um berço e que o bebê gritava para mim. As veias das têmporas dele estavam quase saltando da cabeça, e posso dizer que eu estava apavorando a criança com minha simples presença. À

direita do berço, vi a tela de uma televisão que estava mostrando apenas imagens estáticas em branco e preto. No mesmo instante, reconheci que o bebê era eu mesmo.

Quando eu tinha apenas alguns meses, meus pais costumavam deixar a televisão ligada no meu quarto e, quando as estações saíam do ar, a tela ficava com aquela imagem. Naquele momento, quase todas as noites, uma grande figura negra

ficava suspensa no ar, em cima do berço, e fazia gestos para que eu me juntasse a ela. Instintivamente eu sabia que, fosse quem fosse, não tinha as melhores intenções. Então, eu fechava os olhos e soltava um longo e inaudível grito, até que ela ia embora. Sempre desejei que alguém pudesse ouvir meus gritos de socorro, mas todas as vezes que aquela criatura aparecia minhas cordas vocais ficavam paralisadas e eu era obrigado a enfrentá-la sozinho. Ao relembrar, estou 90

convencido de que aquilo vinha de minha própria alma. Não sei como conseguia me proteger sendo tão pequeno, mas felizmente aquilo deixou de aparecer na época em que comecei a falar.

Agora, porém, voltara e novamente vinha à minha procura, dessa vez muito menos contida que antes.

Àquela altura, meu abdome já estava lotado com, literalmente, centenas de almas, todas ligadas à mesma entidade escura com a qual deparei na infância, e elas me conectaram, fibra por fibra, a um cordão grotesco que desaparecia na distância, mergulhando na escuridão.

Lutei para recuperar minha força e, quando já estava quase resignado a me render, uma cena familiar se revelou. Estava de novo de volta ao acidente com Cheryl, mas dessa vez o motorista embriagado saiu do carro e começou a se aproximar de mim às gargalhadas. Ele continuou a fazer aquele apavorante ruído enquanto passava por Cheryl, por minha mãe, pelo policial, até vir direto em minha direção.

Nas centenas de vezes em que sonhei com aquilo antes, eu sempre tinha sido um observador. Mas isso não era um sonho, e o bêbado definitivamente me viu ali. Jamais vira seu rosto, mas, quando ele chegou perto, eu o reconheci - e meu sangue congelou nas veias. Perdi completamente a consciência quando vi sua face. Era eu.

CAPÍTULO 9

Não me lembro de ter dirigido de volta a Ashland, mas devo ter feito isso, porque a próxima coisa de que me recordo foi de 91

ter acordado no chão de meu apartamento, ainda totalmente vestido e calçado - havia evidências de que eu tentara fazer uma cama ali mesmo, na sala de visitas,

com almofadas e mantas. Não tinha a menor idéia de por que não fora para o quarto, porém, provavelmente, eu estava alterado, porque havia duas luminárias caídas e a mesa de café tinha sido empurrada contra a parede.

Minha barriga ainda estava muito dolorida. Sentia-me completamente esgotado e com uma terrível dor de cabeça.

Aos poucos, comecei a me lembrar de tudo o que acontecera em Yreka e, à medida que as memórias apavorantes retornavam, soube que precisaria de ajuda consistente.

Considerei a possibilidade de ir ao hospital, mas não sabia muito bem como explicar aos médicos o que se passara. De fato, não tinha certeza sequer de como explicar a mim mesmo o que houve. Por fim, concluí que a melhor alternativa seria falar com Robert e acalentei a esperança de encontrá-lo na cooperativa, pois não teria energia suficiente para procurá-lo em sua cabana.

Quando saí, vi o carro de Martika estacionado na calçada, em diagonal, com a traseira na rua. Sob o pára-choques, duas latas de lixo tombadas com o conteúdo espalhado pelo chão. Sabia que teria de tirar o carro dali e recolher o lixo, porém mal tinha forças para caminhar. A cabeça flutuando não me dava condições de dirigir. Então, aos tropeços, fui à cooperativa e, tão logo me aproximei, Robert correu em minha direção.

- O que aconteceu com você? - ele perguntou com genuína preocupação, de um jeito que eu jamais ouvira dele antes.

- O balanço... - falei com voz trêmula. - Meu estômago dói.

- Aposto que está doendo mesmo. Você tem uma enorme nuvem negra ao redor do tronco. Temos de ir ao seu apartamento agora! Você está precisando de tratamento sério.

Ele colocou o cachorrinho Don sobre os ombros, como um saco de arroz, e, com a mão apoiando minhas costas, ajudou-me a subir a ladeira. Quando nos aproximamos do apartamento, ele viu o carro de Martika e balançou a cabeça compassivamente.

- Eu tinha de ter-lhe dado alguma proteção - disse enquanto abria a porta. - Não pensei que estariam atrás de você tão rápido.

- Quem está atrás de mim?

- Falaremos disso mais tarde. Por que não pega um travesseiro e alguns cobertores e me encontra no quintal? Será mais fácil em meio à natureza.

Peguei o que Robert pediu e encontrei-o lá fora, puxando a mesa de piquenique de cedro para baixo do grande madronheiro.

Ele ajeitou os cobertores sobre a mesa e disse:

- Deite-se de rosto para cima e feche os olhos. Temos de começar a trabalhar.

Robert colocou uma das mãos sobre meu abdome e outra em minha fronte. Começou a respirar profundamente. Moveu as mãos para diferentes partes de meu corpo, sempre inalando e exalando pela boca com ruído. Então, passou a murmurar algumas palavras entre os dentes, com voz quase inaudível.

- Hum-hum. Sim, eu sei. Sim. Hum, vejo. Você ficará bem.

Pode abrir-se, sem permanecer vulnerável. Hum. Ok. Lá.

Entendo.

Colocou o polegar e o indicador em ambos os lados de meu braço e apertou com firmeza em direção à minha mão, puxando abruptamente meus dedos, como se estivesse extraindo alcatrão de cada um deles.

Abri os olhos e vi sete libélulas voando em triângulos sobre minha cabeça - quase podia tocá-las com o nariz enquanto elas pareciam investigar o espaço imediatamente acima de mim. Havia também uma libélula brilhante, sozinha, posicionada alguns centímetros acima do triângulo - parecia supervisionar o cortejo.

- Espíritos de fadas - falei, debilmente.

- Sim, você tem sorte. Elas estão ajudando muito hoje.

Tão logo Robert terminou o que fazia com os dez dedos, movimentou-se em direção às minhas pernas e repetiu tudo com meus dedos dos pés. Quando fez isso, uma sensação quente fluiu através de meus membros e pude sentir a cor voltar ao rosto. Assim que acabou, a dor no estômago começou a vibrar com mais intensidade.

- Meu estômago - eu disse.

- Quieto! Eu sei. Vou trabalhar nele em seguida.

Aos poucos, ele moveu as mãos da parte superior de meu tronco até o baixo abdome. Passou a respirar ainda mais devagar e, ao expirar, começou a tossir de maneira incontrolável, mas, ainda assim, manteve as mãos onde estavam. Após a terceira respiração e tosse, senti um enorme fluxo de energia invadir meu torso inteiro, a começar pela barriga, seguindo até o coração, e daí para a espinha. Senti-me íntegro outra vez, como se tivesse despertado da morte. Abri os olhos e vi lágrimas escorrendo pelo rosto de Robert.

- Lamento muito - ele disse, sem fazer nenhum esforço para esconder o choro.

- O que aconteceu?

- Você foi picado...

- Picado por quem? - perguntei, mas ele continuou a falar como se não tivesse ouvido a pergunta.

- ... e ataram um cordão ao seu abdome, de modo que você estava sendo drenado. Estavam literalmente sugando sua energia.

- Quem fez isso? - Eu estava começando a ficar nervoso. - E

por que o fez?

- Porque você estava ficando muito poderoso.

- Quem fez isso comigo? - Irritava-me muito que ele não se dispusse a responder. - Robert, diga-me quem me fez isso!

- Há duas maneiras de pensar sobre esse tipo de coisa. A visão mais popular é não admitir isso sob nenhuma circunstância, e as pessoas mais espiritualizadas vão ainda mais longe, negando que isso existe.

- O que existe? Robert, pare dar voltas e diga-me o que aconteceu!

- Diabo - ele disse enquanto olhava para o chão. - Diabo -

repetiu após longa pausa. - Muitos curadores acreditam que, se você admite a existência do Diabo, então lhe confere mais poder. Mas, às vezes, não saber que ele existe é mais perigoso que ignorá-lo. É um dilema que tive de enfrentar durante muitos anos, e, embora muitos sábios digam que é preciso impedir a todo custo a possibilidade de lhe dar qualquer poder, no seu caso você precisa saber para que possa se proteger.

Minha cabeça estava girando.

- O que o Diabo tem que ver comigo?

- Ele quer parar você e, infelizmente, não acho que será a última tentativa dele.

- Parar de fazer o quê?

- De trazer mais luz ao mundo. Você está destinado a ser um grande curador, e isso atraiu a atenção dele. Agora, por exemplo, você não está de posse de todas as suas ferramentas, portanto está muito vulnerável. Se ele pudesse pará-lo agora, então você nunca mais iria ameaçá-lo.

- Mas por que isso aconteceu em Yreka, no parque?

- Yreka tem muitos portais de energia negativa, pois fica entre os montes Ashland e Shasta, que são poderosos vórtices de energia positiva. Shasta é um dos mais poderosos da América do Norte.

- Mas por que existe tanta energia negativa entre dois lugares tão positivos?

- Porque a escuridão segue a luz. É como uma mariposa em relação à luz: não pode se aproximar demais senão perecerá, mas não pode impedir de se sentir atraída. Todos os líderes espirituais mantêm uma luta constante com as forças negativas, e, quando alguém está em transição para se transformar em uma alma iluminada, é quando se torna mais vulnerável.

- Por que você não me alertou?

- Não pensei... - Suas palavras arrastavam-se. - Sim, eu deveria tê-lo avisado e peço-lhe desculpas.

- Mas por que isso aconteceu? Por que era tão importante para mim ir a Yreka?

- Você foi conduzido até lá porque sua alma está começando a se comunicar em múltiplos níveis e você está se abrindo, rapidamente, para outras dimensões.

- O que isso significa? - Eu estava mais confuso que nunca.

- Significa que você está se abrindo para o mundo espiritual. E

você pode ver, ouvir e, nesse caso, sentir energia em um nível de alma, além da realidade física. A maioria dos sentidos das pessoas tem sido treinada para o que acontece no mundo físico, mas você está superando depressa essas limitações arbitrárias.

- Então isso quer dizer que fui a Yreka porque fui capaz de ouvir o chamado do mundo espiritual?

- Sim, mas isso é só uma parte. Agora você precisa aprender a se proteger, até que possa distinguir entre energia de luz e energia negra.

- E como vou fazer isso?

- Você precisará encontrar um mestre que possa treiná-lo sobre essas coisas, mas nesse meio-tempo precisará ter cuidado e abster-se de atender ao chamado desse mundo espiritual enquanto permanecer vulnerável.

- Você não pode me ensinar?

- Não - ele sorriu. - Estou no mundo físico no momento. E

você precisa encontrar um mestre em que possa confiar, mas que ainda esteja no mundo espiritual.

- E como vou saber em quem posso confiar?

- Ouça seu coração e você saberá. Se não tiver certeza, então provavelmente a resposta será não. Podemos falar sobre isso mais tarde, mas agora vou até a loja buscar alguns elementos para terminar a cura de hoje. Voltarei logo!

97

Depois que ele saiu, entrei no apartamento. Abri a geladeira para pegar um copo-d'água e encontrei as chaves do carro repousando dentro da manteigueira. Balançando a cabeça, dei um longo suspiro e decidi tirar o carro de onde estava para estacioná-lo em um lugar mais respeitável. Em seguida, recolheria o lixo, para recolocá-lo nas latas amassadas.

Enquanto cuidava do lixo, refleti sobre o que Robert dissera.

Não queria voltar a Yreka, com certeza. E, definitivamente, também não desejava me arriscar, expondo-me a uma situação como aquela, mas senti que havia algo no mundo espiritual que fazia parte de meu destino. Embora soubesse que tinha de me recuperar do ocorrido em Yreka, percebi que, fosse o que fosse, havia me transformado de maneira permanente. Não havia como retroceder.

Cerca de vinte minutos depois, Robert entrou em meu apartamento carregando um pequeno saco de papel.

- Vou lhe preparar um banho terapêutico - ele disse. Eu o segui, quando entrou no meu banheiro e abriu a torneira. -

Cortei um largo cordão de energia que estava atado a você e o que restou naquele lugar do abdome foi um grande buraco.

Este banho de sal marinho e vinagre de cidra vai ajudar na cura.

O apartamento inteiro ficou repleto daquele cheiro acre de vinagre. Após alguns minutos, Robert fechou a torneira e fez um sinal para que eu entrasse na

banheira.

- Quero que você fique aqui de molho por uns vinte minutos e depois vá para a cama. Fique de repouso. Virei ver como está amanhã, mas acho que ficará bem.

Ele foi embora e mergulhei naquele banho. Permaneci o 98

tempo que ele prescreveu e comecei a me sentir muito melhor - exaurido, mas bem. Eu estava realmente irritado com Robert porque ele não me alertara sobre o que poderia estar atrás de mim, mas também me senti abençoado por ter alguém me guiando ao longo dessas experiências.

Não tinha certeza do que estava reservado para mim, mas sentia que estava prestes a viver algo muito significativo. Era como se minha vida estivesse ficando maior que eu e eu estivesse prestes a assumir responsabilidades que teriam grandes consequências. Entretanto, eu estava preocupado: se um simples balanço fizera aquilo comigo, como eu teria força para estar a serviço de mais alguém? Tentei me apegar à verdade de que o universo não me ofereceria nada que eu não pudesse suportar e resolvi permanecer agarrado ao mundo físico, com os pés na terra, durante o que parecia estar se transformando em uma jornada inesquecível.

CAPÍTULO 10

Na manhã seguinte, o telefone me acordou, e quem estava do outro lado da linha era Martika.

- Alô, Scott. Como você está se sentindo?

- Muito melhor, obrigado. Robert lhe contou o que aconteceu em Yreka?

- Sim. Lamento que tenha tido de passar por isso. Mas foi uma espécie de, como se costuma dizer, rito de passagem.

- Sim, também acho.

- Significa apenas que você está no caminho certo.

- É o que Robert diz.

- Ele é um grande mestre. Eu o conheço há muitas vidas.

- Você acredita no mal? - Ainda estava digerindo o que acontecera em Yreka.

- Ah, nada sei a respeito. Sei que Robert tem opiniões muito definidas sobre essas coisas, mas minha experiência tem me mostrado que a energia negativa pode ser revertida com cura.

- Então ser mau é apenas uma doença?

- Acho que você pode pôr as coisas nesses termos - ela riu. -

Não estou dizendo que não há energia escura, mas tenho visto algumas almas horrorosas curar-se, tornando-se inofensivas, quando lidaram com suas questões fundamentais.

Eu não havia contado a Robert sobre que rosto vira no motorista bêbado, mas sentia que precisava compartilhar o que acontecera. Contei a Martika tudo que pude lembrar e lhe perguntei o que pensava a respeito.

- Quando você viu sua face no motorista bêbado, o que sentiu? - ela me perguntou após longo silêncio.

- Não sei. Desfaleci.

- O que você sente agora?

- Raiva. Não sei bem. Culpa?

- A culpa é um passo na direção certa. Significa que você está começando a se identificar com ele de alguma maneira.

Muitas pessoas tentam enfrentar a própria sombra, mas a maior meta é confrontar-se com a sombra da humanidade. E

aí que acontece a grande cura.

- O que você quer dizer com "sombra"? - Achei que talvez devesse saber o significado do que Martika estava dizendo, mas ela me fez sentir à vontade para

perguntas que Robert consideraria entediantes.

100

- Todos têm interiormente um lado claro e um lado escuro.

Não podemos ser integrados e equilibrados por completo se não aceitarmos que ambos são aspectos importantes do ser humano. As pessoas ignoram ou tentam esconder o lado escuro de si mesmas, outras tornam-se deprimidas ou, em alguns casos, pioram muito. Quando a escuridão por fim sobe à superfície, porque não pode mais ser controlada, algumas coisas muito extremas podem acontecer.

- Como quando uma pessoa grita com você sem nenhuma razão?

- Sim. Tanto isso quanto, infelizmente, algo muito, muito pior.

Pensei em temas do noticiário vespertino e fiquei imaginando quantas tragédias poderiam ter sido evitadas se as pessoas não ficassem tentando subverter as próprias sombras.

- E a dádiva que foi concedida - Martika prosseguiu - é a consciência de que a humanidade tem um lado de luz coletiva e outro de sombra coletiva, do qual todos fazemos parte.

Estamos todos conectados, e você teve um exemplo literal disso. Sim, seu amor por Cheryl era uma dádiva. Mas você também é o motorista bêbado que a matou. Eu também sou.

Nós todos somos amor e ódio. Nós somos um, com todas as nossas cores.

- Isso é um pouco difícil de aceitar. - Eu estava tentando ser o mais diplomático possível enquanto tratava de distinguir entre minhas sensações de raiva e de confusão mental. Não podia sequer imaginar assumir a responsabilidade de ser o motorista embriagado que me separou de Cheryl, levando-a para longe.

101

- Sim, é difícil aceitar, Scott. Lamento que você tenha tido de aprender isso com uma lição tão dolorosa. De verdade, meu coração pulsa por você.

- Então você está dizendo que todo mundo é intrinsecamente bom? - perguntei com uma indignação difícil de esconder. -

Acho que isso vai contra a visão de Robert.

- É verdade - ela riu nós não concordamos em tudo. E Robert tem mais experiência que eu nesse tipo de coisas, portanto siga as recomendações dele e tenha cuidado. Mas lembre-se também de olhar para o lado bom de cada pessoa, não importa quão difícil seja encontrá-lo. Porque, quando você ajuda alguém a se curar, ajuda todos a se curarem.

- Estamos todos conectados.

- Sim, estamos. - Ela fez uma pausa. - Lamento mudar de assunto, mas um amigo meu precisa usar o carro amanhã.

- Ah, sinto muito. Vou trazê-lo agora mesmo.

- Não preciso dele senão à noite. E, se estiver disposto, estou fazendo uma pequena reunião... Pode trazer o carro à noite e conhecer algumas pessoas.

- Isso parece fantástico. Vou, sim.

Martika me deu os detalhes e comecei a me preparar para regressar ao mundo pela primeira vez, desde minha visão de Yreka.

Cheguei dez minutos adiantado à bela casa de campo de Martika, após colocar um pouco de gasolina no carro dela, e fiquei surpreso ao notar que a festa já estava bastante animada. Ela atendeu à campainha usando um vestido de seda azul e branco pintado à mão e uma enorme flor, também 102

branca, nos cabelos.

- Você parece bem - Martika disse enquanto me dava um grande abraço. - Está completamente recuperado?

- Acho que sim. Obrigado por perguntar. - Martika sempre parecia ter a coisa certa a dizer.

O interior da casa estava decorado com uma mistura incomum de elementos

contemporâneos e típicos de fazendas. O assoalho parecia ser original, de tábuas de madeira, com o charme e a história de muitos anos de vida. E

esse tipo de acabamento era acentuado com peças de arte atuais de inspiração oriental enfeitando as paredes. Na entrada, um imponente Buda de cor creme saudava os convidados. Havia algo misterioso sobre uma imensa colagem, e, quando me aproximei para olhar melhor, fiquei chocado com o que vi.

- Isso é feito de cigarros?

- Sim - disse Martika. - Um artista local desenrola cigarros usados, que coleta em bares da cidade, e usa para fazer as mais extraordinárias colagens.

- Você fuma? - Eu estava achando muito difícil encarar a disparidade entre a imagem de Martika e uma parede repleta de cigarros. Quando olhei de perto, retrocedi, enojado ao notar que a boca vermelho-carmim do Buda era feita de papéis manchados de batom.

- Ah, por Deus do céu, não! Mas essa peça me provocou tamanha repulsa que eu simplesmente tinha de tê-la. E

prometi a mim mesma que a colocaria em um lugar de destaque até que fosse capaz de aceitá-la completa e integralmente. Acho que sou uma espécie de viciada em cura.

Sou imediatamente atraída por algo que faz com que eu me sinta desconfortável, porque sei que, no fundo, ali existe algo que preciso trabalhar.

Martika fez um gesto para que a seguisse e, enquanto andávamos pelo hall de entrada até o interior da linda casa, ela acrescentou uma última coisa sobre o assunto:

- Meu pai fumava.

Quando entramos na cozinha, havia algumas pessoas que reconheci do grupo de constelação e outras que não me pareceram familiares. Eram de todas as idades, mas outra vez mulheres, na maioria. A impressão que dava era que aquela grande cozinha de estilo interiorano era o coração da festa.

Muitos convidados estavam reunidos perto de panelas de cores vivas, azuis e vermelhas, que ferviam no fogão bem grande, de aço, semelhante aos usados nos restaurantes.

- Aqui há um grupo de pessoas muito interessantes para você conhecer - disse Martika. - Posso lhe oferecer água ou chá?

- Chá seria ótimo.

- Espero que goste de rooibos - ela disse enquanto me oferecia uma xícara de um líquido vermelho.

- Este sabor é incrível! - Gostei daquele sabor com toques ácidos e amendoados, que não se parecia com nenhum outro chá que eu experimentara antes. - Onde você o encontra?

- É originário da África, mas você pode comprá-lo na cooperativa, com certeza.

- Com certeza - sorri.

- Scott, quero que conheça Lisa. Ela estava no mesmo grupo de constelação do qual você participou e acho que ambos têm muito em comum. - Martika apresentou-me a uma pequena e 104

alegre morena, com cabelos ondulados e batom vermelho brilhante. Após assegurar-se de que estávamos familiarizados de forma adequada, Martika levou o bule de chá a outro aposento e nos deixou conversando na cozinha.

- Nossa! Sua constelação foi muito intensa - Lisa comentou, falando muito mais depressa do que eu estava acostumado a ouvir. - Sei que não deveríamos falar sobre isso, mas nunca tinha visto nada semelhante antes.

- Você já viu muitos desses grupos? - disse, lembrando que ela estava sentada perto do "bigode" na constelação.

- Estou num programa intensivo, que dura um ano, então participo de um fim de semana de três dias, todos os meses, e também de alguns outros encontros, como aquele do qual você participou.

- É demais. Não sei se eu poderia lidar com um compromisso mensal desses,

tendo de reservar três dias seguidos.

- Você se acostuma, mas penso que sua sessão foi um pouco mais intensa que a da maioria.

Isso me fez sentir um pouco melhor. Não podia imaginar que houvesse algo mais intenso que aquilo!

- Fiquei chocada quando Hans disse que você deveria estar morto - Lisa continuou. - Foi como se tivesse levado um soco diante da afirmação dele.

- Um soco?

- Você sabe... Fiquei toda arrepiada, com calafrios, ou seja lá como queira chamar a sensação. É como quando a gente diz que ficou com os pelos da nuca em pé.

- Nossa!

- Sabe por que esses golpes acontecem?

- Não, de jeito nenhum.

- Ocorrem quando a ligação com seu espírito é mais forte que aquela com seu corpo. É porque eu sabia que o que Hans disse era verdade. Como se sentiu quando ele disse que você deveria estar morto?

- A princípio, fiquei irritado, mas depois me senti aliviado. -

Fiquei surpreso comigo mesmo por estar me abrindo daquela maneira com alguém que mal conhecia, mas estar na casa de Martika fazia com que me sentisse seguro. - Estou aliviado porque agora sei que não estava imaginando coisas. Sempre achei que deveria ter morrido, mas isso não fazia nenhum sentido, até que ele explicou.

- Nossa, foi muito intenso!

Martika reapareceu, batendo em uma taça de vidro com o cabo do garfo.

- Por favor, dirijam-se à sala. O jantar está pronto! Dirigimo-nos àquele aposento, onde havia duas grandes mesas unidas por uma das extremidades. Na extensa parede atrás delas, havia uma grande colagem de papéis de cigarro reproduzindo a Última Ceia, que provocava a sensação inquietante de que vigiava tudo o que seria consumido ali. Havia cerca de vinte lugares indicados, e cada pessoa colocou-se diante de sua posição atrás das cadeiras. Intuitivamente, todos nos demos as mãos. Eu não tinha o costume de segurar a mão de pessoas desconhecidas, mas havia uma inocência genuína naquele movimento, de modo que pareceu tornar a ceia ainda mais encantadora.

Estava entre duas senhoras de cabelos grisalhos às quais não 106

tinha sido apresentado ainda. Uma delas usava um vestido de veludo vermelho, e os cabelos ficavam à altura dos ombros; os da outra, que também usava veludo, porém verde, eram crespos e curtos. A primeira segurou minha mão esquerda frouxamente, ambas as palmas se tocando - a dela estava úmida. A outra agarrou meus dedos com força, com um largo sorriso. Ela fez com que eu me sentisse desconfortável com sua suposta intimidade, mas tentei ser simpático e devolvi o sorriso, tentando ser o mais caloroso possível.

- Agradeço por terem vindo - disse Martika, levantando sua taça. - Todos vocês são muito queridos e estou feliz por reuni-los nesta noite especial. Como muitos não se conheciam antes, por favor, reservem alguns segundos para se apresentar uns aos outros antes de nossa refeição.

Cada um se apresentou e quase todos pareciam muito semelhantes ao falar. "Sou tal ou qual pessoa e estou no ano intensivo "xis", ou "Sou quem está à sua frente e vou fazer minha primeira constelação na próxima semana". Entretanto, apenas uma pessoa se destacou durante as apresentação - uma jovem muito bem-vestida, com longos e ondulados cabelos loiros, que, pela aparência, bem poderia ser a irmã caçula de Martika. Usava uma blusa branca muito simples e uma saia de algodão azul bem clarinho, ampla, que chegava até o chão, como se fosse um bolo de três andares.

- Olá! Sou Madisyn, com y. S-Y-N, e não S-O-N - ela soletrou delicadamente. - Acabei de mudar de Seattle para cá e Martika me acolheu sob suas asas. Não sei se estou pronta para o trabalho de constelação porque parece intenso demais para mim.

107

Por fim, alguém que falava com honestidade! Gostaria de ter sido informado antes sobre o que ia acontecer para que tivesse a chance de sair correndo. Achava que, no final, tinha sido uma coisa boa, embora não tivesse certeza de que poderia fazer aquilo de novo.

Não ouvi as outras apresentações porque estava tentando, com afinco, pensar na melhor maneira de me expressar quando chegasse a hora; então, fiquei repassando mentalmente todas as alternativas. Morria de medo de falar em público e provavelmente não teria aceitado o convite para jantar se soubesse antes que teria de fazer isso. Como estava chegando minha vez, fiquei ainda mais nervoso e, quando quem estava antes de mim terminou o que tinha a dizer, pacientemente todos esperaram que eu começasse.

- Olá! Meu nome é Scott - falei, por fim, após longo silêncio. -

Hans me disse que eu deveria ter morrido.

Quase todas as pessoas presentes começaram a rir, e me peguei sorrindo enquanto dava uma olhada geral para me assegurar de que Hans não estava ali. Não fiquei chateado porque sentia que todos usavam as risadas para me oferecer apoio, mostrando que de fato se importavam comigo.

Eu não tinha certeza se todos que estavam ali haviam entendido o que eu quisera dizer, mas enquanto olhava para aquelas faces sorridentes reconheci muitos dos que haviam constelado comigo, e eles pareciam lembrar o que acontecera.

- E obrigado a você, Martika, por ter-me apoiado tanto desde que me mudei para Ashland e por me incluir, esta noite, entre seus familiares e amigos.

O jantar estava delicioso, e aquela foi a primeira vez que 108

consegui comer uma refeição completa desde meu retiro espiritual. Estava comendo apenas pão e vegetais cozidos após aquele decepcionante incidente com o sanduíche de peito de peru e queijo, e essa ceia de macarrão artesanal cabelo de anjo com tomates e manjericão era um verdadeiro banquete. A comida recendia a amor e felicidade. Minha alma sentiu-se nutrida e rejuvenescida. Foi uma das refeições mais gratificantes que fiz na vida e podia sentir o amor e a solidariedade de Martika em cada porção.

Quando a sobremesa de mirtilos frescos foi servida, todos trocaram de lugar e tive a grande sorte de ficar diante de Madisyn, com y. Com a vantagem da proximidade, pude observar que os olhos dela eram de um azul luminoso e que ela usava uma flor branca nos cabelos, tal como a de Martika, porém muito menor.

- Sinto esta incrível refeição! - Madisyn disse ao sentar-se.

- Você disse sinto!

- Sim, aqui a energia é tão linda... e esta comida está repleta de boas intenções.

- Concordo. Não sabia que alguém mais podia sentir a energia dos alimentos. Descobri isso recentemente. Tentei comer em um restaurante, mas não consegui, porque senti como se estivesse comendo a raiva de alguém.

Ela fez um movimento afirmativo com a cabeça.

- Não entendo por que muitos restaurantes não fazem culinária consciente. Essa é a principal razão que me impede de comer fora. Não consigo mais fazer isso.

- Culinária consciente? Não sabia que isso existia. É algo 109

novo?

- Isso existe desde o início dos tempos. A questão é que muitos restaurantes não se importam com a intenção. E por isso que a comida feita em casa sempre tem melhor sabor. -

Ela tomou fôlego por um instante e acrescentou: - Se eu tivesse um restaurante, obrigaria os empregados a voltar para casa se chegassem ao trabalho de mau humor. Você não pode ter um restaurante e permitir que os chefs coloquem má energia na comida servida aos clientes. Acho que agora tenho de abrir meu próprio restaurante! Será que terei de fazer tudo sozinha? - Ela riu, e seus olhos azuis resplandeceram.

Eu jamais conhecera alguém com tamanha capacidade de manter força e compaixão em equilíbrio, sem esforço, como ela. Em seu mundo, parecia que ambos faziam parte de um mesmo elemento contínuo. E eu estava realmente impressionado com a graça como ela os reunia.

- É uma bela pulseira artesanal. - Ela mudou de assunto de repente, apontando para o bracelete que Robert me dera.

- Obrigado. Um amigo fez para mim.

- Conte-me como foi isso.

- É feito de cornalina e tem pedra da lua e prata por causa de minha ligação com a lua. Ele me conforta.

- Ah, isso faz sentido - ela sorriu. - Acho que sinto alguma energia lunar vinda de você. Tenho uma joalheria de caráter espiritual. Esta é uma de minhas peças. - Ela fez um gesto em direção ao colar que estava usando. Tinha três peças ovais de prata com caracteres chineses e um pendente de cristal transparente.

- É muito bonito!

- Sim. Gosto muito dele. E uma peça produzida para mim, por um amigo de Martika. Tenho procurado novas criações que possam ser usadas por homens. Talvez seu amigo se interesse em trabalhar comigo.

- Isso seria muito bom. Falarei com ele a respeito. - Pensei que conseguir algum ganho extra para Robert poderia fazer com que precisasse ficar menos tempo ali na frente da cooperativa suplicando por dinheiro e que, assim, ele teria mais tempo para se dedicar ao seu trabalho de guru.

- Dê-me seu número de telefone e ligarei para você quando puder agregar mais criações. Nesse meio-tempo, procure saber se seu amigo está interessado.

- Farei isso. - Dei a ela meu número, esperando que ela não demorasse muito para ligar. Quando lhe estendi o papel onde escrevera, um amigo dela apareceu e sussurrou algo em seu ouvido.

- É minha carona - disse Madisyn enquanto se levantava. -

Tenho de ir embora. Foi um prazer falar com você.

- Digo o mesmo!

- Adeus, Garoto Lunar! - Ela piscou o olho enquanto caminhava até a porta.

- Adeus. - Quase fiquei ruborizado.

Depois que Madisyn saiu, percebi que ainda não estava completamente recuperado do que acontecera em Yreka e começava a me sentir cansado. Achei que estava na hora de ir e encontrei Martika lá fora, na varanda, despedindo-se dos outros convidados. Também apresentei meus cumprimentos e desci os degraus pintados de branco para mergulhar na noite, rumo ao meu apartamento. Ao chegar em casa, 111

imediatamente fui para a cama, repleto de gratidão por participar da comunidade que me recebera de forma tão completa. Fechei os olhos e caí no sono - o mais feliz que tive em muitos anos.

CAPÍTULO 11

Depois que voltei de Yreka, meus padrões de sono jamais voltaram ao normal. Durante muitos anos, tive pesadelos sobre o acidente com Cheryl, mas a traumática experiência em Yreka levara meus sonhos a um nível totalmente novo.

Reviver um medo da minha infância, que eu tentava afastar de minha mente desde a época em que ainda nem sabia andar, mexeu com meu núcleo mais profundo. E, à medida que as semanas passavam, comecei a sentir pavor de cair no sono, porque inevitáveis retrospectivas daquele dia em Yreka por certo aconteceriam. Robert me garantiu que eu estava a salvo, mas eu continuava a sentir que havia algo atrás de mim e que parecia ficar mais próximo quando eu dormia.

Passadas duas semanas de um violento distúrbio de sono, comecei a ficar preocupado de fato, de modo que iniciei uma pesquisa obsessiva sobre o que os sonhos significavam e sobre como podiam ser controlados. A falta de descanso estava afetando de forma decisiva os períodos em que me mantinha acordado, e cada vez mais eu me tornava inseguro em relação à linha que separava ambos - o sono e o período acordado.

Passei a consultar quase todas as prateleiras da biblioteca e, por fim, fiquei bastante aliviado ao descobrir um livro sobre sonhos lúcidos, que ensinava, em termos bem práticos, as 112

ferramentas necessárias para controlá-los. Esperava que, se pudesse fazê-lo, seria capaz de colocar minha mente em ordem para ter uma noite inteira de descanso, sem interrupções.

Comecei a seguir literalmente as instruções do livro e, antes de me recolher para dormir, manifestava a intenção de encontrar os guias de meus sonhos tão logo ficasse inconsciente. Eu os escolhi entre meus ancestrais da constelação porque eles eram as únicas pessoas que eu sabia que estavam mortas além de Cheryl. Esperava que aceitassem meu convite, embora os tivesse conhecido de passagem durante a constelação e não tivera oportunidade de permanecer muito tempo ao lado deles quando ainda estavam vivos.

A princípio, não fui muito bem-sucedido, e cada vez que tentava influenciar meus sonhos acordava ou era sugado por outra retrospectiva de Yreka. No final, o que funcionou foi imaginar que estava em determinado lugar e começar a girar rapidamente em torno dele, tão logo começava a dormir.

Assim que parava, podia continuar a dormir e permanecer no controle. Após algumas noites de prática, eu já era capaz de conduzir meus sonhos sem aquele processo inicial de girar.

Quando, por fim, alcancei meu primeiro estado de sono lúcido, quase tropecei em um senhor idoso que estava sentado em uma cadeira de balanço de madeira deteriorada.

Estávamos na varanda de uma casa cinza, familiar, com uma cerca branca separando-a de um imenso milharal, que pensei reconhecer, mas não sabia onde ficava localizado. Quase anoitecia, e o ar estava quente e úmido. O ruído vibrante dos 113

grilos preenchia o silêncio. Após alguns momentos apreciando a cena, reconheci aquela como a varanda de uma casa em Iowa, para onde uma de minhas avós me levou quando, ainda criança, fui visitá-la. A residência estava para ser demolida e ela quis me mostrar o lugar em que havia crescido.

- Olá, Scott - disse o senhor idoso que ali estava, movimentando a cadeira de balanço com seus grandes pés descalços.

Fiquei olhando para ele, completamente inexpressivo.

- Sou seu bisavô.

- Lamento muito. Não o reconheci.

- Não tem problema. Você nunca me viu antes, nem quando estávamos vivendo no mesmo plano.

Ele morrera em um acidente de caça, antes de meu nascimento, o que provavelmente explicava por que minha avó ficara tão brava quando soube que meu pai queria me dar uma arma de presente em meu décimo terceiro aniversário.

Ninguém falava sobre meu bisavô ao longo do meu crescimento, e a única vez que o encontrei foi ao vivenciar a experiência da constelação, quando ele estava representado por uma mulher.

- Você tem passado muito tempo por aqui - continuou meu bisavô. - Não gosta de viver na Terra?

- Está tudo bem, eu acho. - Nunca havia pensado nisso antes.

- Imagino que vim parar aqui só para descobrir alguma coisa.

- O que você está procurando?

- Não sei. Mas parece importante.

- É, sim. Você está começando a prestar atenção em sua 114

intuição, o que é bom. Vai perceber que é o único sentido no qual pode confiar. Seus olhos e ouvidos podem ser facilmente enganados, mas a intuição é sua bússola.

Naquele momento, a cerca branca que rodeava a casa se transformou em uma brilhante e colorida parede de alvenaria, pintada com retângulos alternados de cores primárias. A grama virou areia bem diante de meus olhos e, em poucos segundos, surgiram um escorregador e uma gangorra de metal prateado. Na mesma hora, reconheci o playground da pré-

escola que frequentei durante minha mais tenra infância.

Quando olhei para trás, na direção de meu bisavô, percebi que sua casa havia sido substituída pelo edifício térreo e cinza da instituição de ensino.

- Onde estamos? - gritei para me sobrepor aos gritos que começavam a ser ouvidos por toda aquela área própria para brincadeiras.

- Estamos em sua terra dos sonhos.

- Minha terra dos sonhos? O que é isso?

- O que você quiser que seja. Você pode usá-la para trabalhar seus problemas terrenos e encontrar as melhores soluções antes de retornar. É também uma boa forma de manter contato com o plano espiritual enquanto você permanece na Terra.

Embora nada disso parecesse fazer sentido, eu podia sentir em meu coração que o que ele estava dizendo era verdade.

- Então este é o plano espiritual?

- Não, é uma zona segura entre a consciência e o plano espiritual. Muitas regras são as mesmas, podendo assim ser aplicadas, mas ninguém pode entrar se você não convidar.

- Posso alcançar o plano espiritual a partir daqui?

- Sim, pode, mas você ainda não está pronto. Sugiro que passe mais algum tempo aqui e que primeiro se familiarize com sua terra dos sonhos. Depois, se continuar interessado no tema, podemos falar a respeito mais tarde.

Passar algum tempo na minha terra dos sonhos foi muito divertido. Eu podia evocar praticamente qualquer tempo e lugar que quisesse e encontrar amigos e parentes do passado, com qualquer idade que imaginasse que tivessem. Comecei com minhas lembranças favoritas, revivendo-as uma a uma. A primeira vez que aprendi a andar de bicicleta. Meu primeiro cachorrinho. As férias em Yosemite. Revisitei aqueles momentos em sequência, até que não podia lembrar mais nada.

Então passei a recordar minhas piores lembranças e transformá-las em boas. Fui

até meu primeiro dia na escola primária, quando fiz xixi nas calças durante o recreio. Percebi que poderia desejar um curso diferente para os acontecimentos e tentei arduamente fazê-lo. Então, tratei de usar o banheiro antes de entrar na classe e, quando chegou a hora do recreio, eu estava completamente seco e brinquei na gangorra sem nenhum incidente. Percorri todas as minhas piores memórias e as consertei. Podia reinventar o passado e, mesmo sabendo que isso não alteraria o curso de minha própria história, fiquei muito mais satisfeito comigo mesmo.

Era reconfortante saber que podia aprender com meus erros.

Mas havia uma coisa que eu não podia compreender.

- Por que não posso reviver memórias com Cheryl? -

perguntei ao meu bisavô.

- Como já lhe disse, você é capaz de convidar pessoas e lugares para virem ao seu mundo dos sonhos de acordo com sua vontade. Mas as pessoas e os lugares têm de aceitar esse convite antes de virem. Na realidade, as almas de pessoas que você convoca participam de seus sonhos.

- Mas por que ela não quer vir? Até mesmo gente que eu não via desde a pré-escola aceitou.

- Você aprisionou Cheryl em sua terra dos sonhos durante muitos anos e ela estava impedida de progredir para onde precisava ir. No momento, ela está um pouco receosa de voltar aqui.

- Como eu poderia aprisioná-la aqui se ela precisava aceitar meu convite para vir?

- Bem, de fato a princípio ela aceitou. Vocês tinham um vínculo muito especial. Mas, assim que ela chegou, você a manteve segura por laços energéticos.

- Verdade? E por que fiz isso?

- Há muitas razões que levam a nos prender à energia de outras pessoas. No seu

caso, era o medo de perder alguma parte de si mesmo quando ela morreu.

As palavras dele ecoaram em mim com tanta força que percebi que aquilo era verdade. Quanto mais compreendia, mais me horrorizava pelo que fizera a Cheryl depois que ela morreu.

- Não seja tão duro consigo mesmo - aconselhou meu bisavô. -

Essa é uma situação muito comum para muitas pessoas que se amam.

- Ela está brava comigo?

- Duvido. Você apenas precisa dar a ela algum tempo até que 117

consiga estabilizar a própria vida após a morte e estou certo de que ela virá visitá-lo, no futuro, tão logo esteja mais equilibrada.

Percebi que um dos principais fatores que mantiveram vivo meu interesse pela terra dos sonhos foi a procura por Chervl.

Quando descobri que ela não desejava ser encontrada, comecei a me aborrecer com aquilo. Perguntei ao meu bisavô novamente sobre a possibilidade de ele me mostrar o plano espiritual, e, embora ele tivesse dito que eu ainda não estava pronto, adiantou que eu estava me aproximando disso. Até concordou em ajudar a me preparar.

- A primeira coisa que você tem de fazer é aprender a se proteger energeticamente de outras almas - ele começou explicando. - Aqui você não tem a barreira do corpo como escudo para impedir que energias estranhas cheguem à sua alma, então precisa saber como se manter íntegro.

- Manter-me íntegro? O que isso quer dizer?

- Que você precisa se cercar de luz branca protetora, porque assim só a energia boa entrará. Você será capaz de sentir tudo, mas não haverá nenhum risco sério como o que aconteceu em Yreka.

- Você sabe o que houve lá?

- Claro. Eu estava com você naquele dia. Tenho caminhado ao seu lado desde

que nasceu. É que você só não prestou atenção.

Fiquei imaginando por que levara tanto tempo para permitir que meus ancestrais me ajudassem. Sempre achei que era mais nobre cuidar de mim mesmo, mas comecei a entender que se basear na força da família soava bastante natural.

- Você acredita no mal? - Eu ainda estava tentando assimilar o 118

que me parecia apenas uma idéia, mas a coisa foi se tornando mais complicada à medida que eu passava a refletir mais sobre ela. - Não tenho certeza se acredito que todos somos bons e maus ou se creio apenas que o mal está fora de mim. Penso que, se somos todos um só, então eu não precisaria de proteção, certo?

- Não necessariamente. A verdade reside em algum ponto entre os extremos. Sim, é verdade que todos formamos uma unidade, mas isso também tem que ver com poder relativo.

Força relativa.

- O que você quer dizer com isso?

- Por exemplo: se uma força negativa estiver sendo direcionada a partir de toda a energia negativa da humanidade e você estiver contando apenas com sua energia positiva, o resultado é que você será dominado, sufocado.

- Como fui em Yreka?

- Exatamente. No final do processo você aprenderá a utilizar a energia de outras almas que estiverem solidárias com você.

Todavia, não recomendo que tente fazer isso agora, mas apenas quando estiver aberto e vulnerável a se alinhar com outros. Você precisa acumular mais experiência para ser capaz de discernir o que é útil do que não é.

- Então o que devo fazer?

- Por ora, limite-se a se proteger. Quando você ampliar seu poder pessoal, naturalmente atrairá outros com interesses semelhantes, mas depois do que lhe aconteceu em Yreka você deverá ser muito cuidadoso porque já atraiu algum tipo de atenção que absolutamente não deseja.

- Você pode me mostrar como devo fazer para me proteger? -

119

De fato eu não queria vivenciar outra experiência como a de Yreka.

- É muito simples. Apenas se imagine envolvido em uma bolha de luz branca e relaxe. Quanto mais fizer isso, mais a luz branca se impregnará em sua alma e o protegerá.

- Mas de onde vem a luz branca?

- Vem de dentro. O branco é feito de todas as cores que estão em seu interior. Liberando a energia de todas elas simultaneamente, você faz uma limpeza e ao mesmo tempo se protege contra energias indesejáveis enquanto as tonalidades se misturam na cor branca.

Tudo aquilo me parecia muito abstrato e complicado, e fiquei frustrado quando tentei lembrar como misturava as cores nas aulas de arte da escola de verão.

- Não creio que eu esteja fazendo isso direito.

- Isso é porque você está pensando demais. Apenas sinta-se protegido. Sinta-se em segurança. Não deixe sua mente perturbá-lo. As cores cuidarão de si mesmas. Só relaxe e sinta-se seguro. Estou bem aqui. Não vou decepcioná-lo.

Quando comecei a respirar tranquilamente e imaginei que estava salvo e protegido, comecei a ter a sensação de que um brilho quente emanava das profundezas de meu ser. No início senti que estava satisfeito, e, quando abri os olhos, parecia que eu estava sob um foco de luz muito brilhante. Contudo, eu podia ver que a fonte da luminosidade vinha de meu interior.

Sua energia espalhava-se por cerca de sessenta centímetros em todas as direções e me senti muito confortável. Quanto mais eu relaxava, mais brilhante ficava a luz, mas, quando comecei a pensar sobre o que estava acontecendo, ela perdia a
120

intensidade, ia diminuindo. E, embora fosse muito incomum essa visão que eu tinha de mim mesmo aceso como uma lâmpada, aquilo também me parecia muito natural.

- Muito bem - disse meu bisavô. - Pratique isso com regularidade e, assim que estiver acostumado à sua luz, eu o levarei para o outro lado. A proteção é muito importante no plano espiritual. Não queremos que algo de mal aconteça.

Passei os próximos dias dedicado à prática de me envolver na luz protetora e, ao fazê-lo, fiquei menos temeroso de pegar no sono à noite. Por fim, parecia que eu dispunha das ferramentas para me manter a salvo e protegido caso algo terrível acontecesse de novo, como ocorrera em Yreka.

Também mudei sobremaneira minha dieta. Tive de parar de comer em restaurantes porque não podia mais ter certeza de que os empregados estariam de bom humor quando preparavam minha comida. E, como eu ia comer a energia deles nas refeições, seu estado de espírito se tornaria o meu.

Nunca aprendera a cozinhar para mim, mas agora eu não tinha outra alternativa porque estava muito sensível.

Com minha sensibilidade emocional, meu corpo também estava muito mudado - eu não conseguia mais digerir com facilidade

refeições

muito

gordurosas.

Simplifiquei

radicalmente meu menu, a ponto de me limitar ao arroz integral e ao chá de rooibos. Era muito purificador e, embora eu não tivesse muita energia quando comecei, após certo tempo me sentia melhor que nunca. Sabia que não seria muito saudável a longo prazo, mas aquelas eram as únicas coisas que conseguia manter no estômago, com todas as mudanças que estavam acontecendo. Eu percebia ainda que, 121

quanto mais peso começava a perder, mais fácil ficava permanecer em minha terra dos sonhos. Os quilos extras funcionavam como uma espécie de lastro, fazendo com que eu pendesse para baixo, e, quanto mais eu emagrecia, mais liberdade tinha para manter o estado de consciência ou sair dele.

Quando chegou o dia de explorar o mundo espiritual, meu bisavô me levou para uma parte de meu mundo dos sonhos que eu nunca tinha visto antes. Andamos pelo playground de minha pré-escola, ao longo da passagem sobre a rodovia onde andava na adolescência e das trilhas montanhosas de minha juventude. No lado oposto da serra, aproximamo-nos do pico de um enorme precipício, que era alto em relação ao vale a ponto de não me impedir de ter a visão da base. Tudo que se via dali era um campo ininterrupto de nuvens que se estendia por quilômetros, com pássaros voando para cima e para baixo do véu de névoa como se fossem golfinhos brincando de pegar onda. Eu achava que já havia explorado meu mundo dos sonhos por completo, mas não me lembrava desse precipício em particular. É como se ele tivesse surgido do nada quando eu estava pronto para vê-lo e fizesse sinais para mim com nuvens que quebravam como ondas contra o rochedo. Enquanto eu permanecia extasiado pela beleza espetacular que ali estava diante de mim, um pequeno bando de corvos grandes circulava sobre minha cabeça e formava uma sombra sinistra aos meus pés.

- Os corvos anunciam mudança - disse meu bisavô.

- Eles parecem estar me seguindo - falei, dando risada.

- É porque eles também são seu espírito animal. Você tem 122

muitas mudanças para vivenciar nesta vida e os corvos ajudarão a mantê-lo na trilha. Eles agem como sinalizadores para indicar que você está no caminho certo.

Meu bisavô pegou minha mão esquerda com a direita dele e estendeu a outra para fora. Intuitivamente, imitei seu gesto enquanto caminhávamos em direção ao pico mais alto.

- Você está pronto? - ele perguntou.

Balancei a cabeça afirmativamente e ambos saltamos daquele precipício. No momento em que nossos pés deixaram o solo, mergulhamos para o vale lá embaixo, e meu estômago parecia querer sair pela boca. Senti uma pontada de pânico enquanto passávamos velozmente pelas nuvens e podia ver que a base do vale se aproximava muito depressa. Meu bisavô apertou gentilmente minha mão e vi, por sua expressão, que tudo estava indo bem. Fixei-me em seus olhos sorridentes, profundos e sábios e senti que meus ombros começavam a relaxar.

Uma tranquilidade tomou conta do restante de meu corpo, e nossa queda livre fluiu graciosamente com um voo em forma de arco, que começara lá em cima, nas nuvens. Quando atravessamos a cobertura de nuvens, a neblina branca foi substituída por um arco-íris como o dos cristais quando atravessados pelo sol, em feixes que ondulavam por um oceano de bolsões de energia sob a forma de amebas. E, quando olhei para meu bisavô, fiquei surpreso ao constatar que ele também se transformara em uma membrana de energia disforme. Mas era estranho porque, mesmo assim, eu quase podia reconhecê-lo com mais facilidade sem seu corpo do que quando ele estava nele. Era como se eu o estivesse 123

vendo tal qual era realmente, sem o ruído arbitrário do mundo físico envolvendo seu corpo.

Continuamos a voar entre as cores vívidas com uma facilidade de liberdade totalmente estimulante. Entretanto, não era exatamente como voar, porém mais como nadar - nadar em um mar de almas. E, desde que minha alma também estava livre do corpo, eu era capaz de sentir coisas com muito mais intensidade do que podia sentir na Terra. Tratava-se de uma sensação semelhante à de estar usando óculos sujos durante toda a vida e de, por fim, poder ver o pôr do sol pela primeira vez sem nenhum anteparo.

Mas não era apenas olhar e sentir. Todos os meus senti¬dos tornaram-se um só e eu podia, simultaneamente, ver, ouvir, sentir, cheirar e provar tudo ao meu redor. Meus sentidos terrenos eram pequenos buracos estreitos que permitiam a passagem de apenas parte do que estava em volta de mim, e eu estava impressionado com minha capacidade de sentir com meu ser integral. Não havia diferença entre ver, sentir, provar, ouvir e cheirar. Havia apenas ser e sentir.

- Isso é incrível! - eu disse ao meu bisavô telepaticamente, o que parecia muito mais natural que minhas próprias cordas vocais. Falar era tão simples quanto pensar, e eu não tinha mais de me preocupar com um vocabulário que tornasse meus pensamentos obscuros.

- Sim, é mesmo. É pura energia. A essência da vida sem as limitações do mundo físico. O mundo físico tem muitas vantagens, mas nada se compara ao imediatismo do mundo espiritual. Há muito tempo os filósofos vêm escrevendo sobre a importância de viver o momento, mas aqui você realmente 124

nem tem outra alternativa.

- Com certeza. - Era fácil compreender o que ele queria dizer.

Tudo estava em constante movimento, e eu era compelido a permanecer atento a cada momento que vivenciava.

Entretanto, o que levou mais tempo para ser absorvido foi a falta de espaço pessoal. Os limites da minha alma estavam em total contato com a alma dos outros, o que soava um pouco claustrofóbico a princípio. Mas logo me senti mais confortável com a sensação de estar flutuando em um mar de almas, o que se assemelhava a um tecido que tivesse sido esticado em um enorme e ondulante acolchoado.

No início eu estava bastante cauteloso e permaneci próximo ao meu bisavô. Todavia, à medida que me tornava mais confiante, perambulava para mais longe dele, antes de retornar ao seu lado. Quanto mais eu penetrava no mundo espiritual,

mais

alegria

experimentava,

apenas

me

movimentando. Como a gravidade não funcionava como na Terra, senti-me como uma criança de novo, escorregando de meias nos assoalhos de madeira da casa de minha tia. De fato, como não havia fricção de minhas meias (nem mesmo de meus pés), pude deslizar pelo mar de almas por algo semelhante a quilômetros sem demora.

Após um deslizamento particularmente longo, percebi que não conseguia reduzir a velocidade e achei que, ao contrário, estava acelerando meu distanciamento de meu bisavô.

Chamei por ele um pouco antes de reconhecer que uma entidade escura estava se aproximando. No instante em que senti o que estava acontecendo, ela começou a me puxar depressa para seu núcleo escuro. Comecei a girar em círculos, 125

como se estivesse num redemoinho, à medida que os escuros cabos de energia se enroscavam em minha alma e me puxavam para perto. Felizmente meu bisavô apareceu e assumiu o controle da situação.

- Scott, proteja-se com sua luz branca. Você deixou que ela apagasse e está sem nenhuma proteção!

Olhei para baixo e vi que ele estava certo: minha luz estava completamente extinta. Tentei fazer com que brotasse de meu interior, mas o pânico me impedia de permanecer focado.

- Não posso! - gritei. - Não está funcionando!

- Acalme-se e relaxe. Sua força continua em você. Lembre-se apenas do que praticamos e deixe que se manifeste.

De modo surpreendente, fui capaz de relaxar quando me sintonizei com a confiança que meu ancestral depositava em mim. Meu bisavô me ensinara muitas habilidades, mas sua fé incondicional fez com que brotasse em mim muito mais força do que eu imaginava ser possível. Em poucos instantes, uma onda de calma encheu minha alma e senti a sensação familiar de minha luz interior me protegendo com a bolha branca.

Tão logo a bolha se formou, percebi que ela havia me tirado daquela trajetória, longe da escuridão. Meu bisavô me seguiu de perto. Quando, por fim, estávamos bem distantes do perigo, ele me deu uma última recomendação.

- Você tem de lembrar de verificar regularmente sua proteção até que ela se torne uma segunda natureza. A princípio é fácil baixar a guarda e esquecer de manter-se iluminado, mas após algum tempo isso se tornará parte de você. No entanto, como você pode ver, este é um ambiente escorregadio, e os erros que se fizer vão durar uma eternidade.

126

Mesmo depois do susto, fui ficando cada vez mais preocupado em permanecer o maior tempo possível no mundo espiritual, e o retorno à consciência parecia muito menos interessante do que costumava ser antes. Eu não saía de casa senão quando era absolutamente necessário e diminuí meu interesse pelas pessoas que estavam presas ao corpo físico. Sabia que Robert e Martika provavelmente

compreenderiam o que estava acontecendo comigo, mas não queria permanecer consciente por tempo bastante para vê-los. A vida na Terra parecia tão arcaica, com meus minúsculos buracos sensoriais que permitiam a passagem de uma fração do mundo ao meu redor, que comecei a achar a manifestação física dos corpos completamente pesada e deselegante.

Bem depressa comecei a ficar entediado diante de tudo o que o plano terreno tinha a oferecer, até que fiquei irritado mesmo quando comecei a receber avisos, pelo correio, porque não estava cumprindo minhas obrigações financeiras para viver "confortavelmente" no mundo físico. Havia uma parte de mim que queria permanecer como cidadão responsável, mas a maioria do tempo eu não conseguia parar de pensar no outro lado, sempre que estava em estado consciente.

Após retornar ao mundo espiritual, comecei a explorar meus arredores com um enfoque mais deliberado. As outras almas com as quais eu entrava em contato constante me fascinavam, mas cada vez que tentava me comunicar com elas achava que seria quase impossível. Os pensamentos delas eram tão tangíveis quanto qualquer outra de suas partes, mas todas estavam mescladas e era difícil separar uma da outra. Era algo como tentar ouvir sussurros estando no meio de uma 127

multidão e perto de uma cachoeira.

Desde o início, eu conseguia me sintonizar com facilidade com meu bisavô, porque já estava familiarizado com sua energia, mas repetir o mesmo processo com almas que não conhecia era bem mais desafiador. Meu bisavô explicou-me que o problema era que na Terra eu estava acostumado à rotina multitarefa - ou seja, a fazer, com frequência, muitas coisas simultaneamente para economizar tempo. No plano espiritual, tudo sempre existira, estava completamente acessível e em constante movimento, de modo que não era possível se concentrar em mais de uma coisa por vez sem ficar sobrecarregado.

Com essa ajuda, reciclei minha preparação inicial, fazendo o possível para permanecer totalmente presente, e, quando consegui, comecei a travar os diálogos mais profundos que tivera, mesmo quando se tratava de simples saudações. Pude perceber que todas as almas queriam ser ouvidas de forma integral e completa e logo me dei conta de que antes acabava perdendo a maior parte das coisas que estavam acontecendo ao meu redor justamente por adotar

aquela atitude

"multitarefa", alterando a todo momento meu foco do que ocorria na realidade.

Após certo tempo, eu já me sentia bem mais confortável com os fundamentos de permanência no plano espiritual e, conforme retomava com mais frequência, a multidão ia aumentando. Depois da quinta vez, as almas estavam reunidas de maneira tão densa que era quase impossível se mover.

- Isso aqui está se tornando um ambiente muito popular -

comentei.

- Você é que é o sujeito popular - disse meu bisavô. - Estão chegando almas dos lugares mais distantes do mundo espiritual para ficar perto de você.

- O que me torna tão especial? O fato de ser novo aqui?

- Isso é apenas parte da coisa, mas a principal razão é porque você está envolto em luz branca. Sua energia faz com que essas almas se sintam bem e então elas querem chegar pertinho.

- Mas elas podem se envolver com sua própria luz. Ainda não sabem o que há em seu próprio interior?

- Infelizmente, não. A maioria das pessoas pensa que a felicidade está fora delas, e aqui não é diferente. Essa é uma das grandes tragédias da vida e a razão pela qual muitos vivem sem alegria boa parte dos dias.

- Mas é tão fácil! Você deveria ensinar a elas como fez comigo.

- Meu destino não é esse. Estou feliz em ajudá-lo em tudo de que precisar, mas não estou interessado em ajudar todo mundo. Talvez essa seja a sua missão.

Naquele momento, uma pequena alma flutuou ali perto, e, quando passou por mim, pude sentir sua história de vida.

Quanto mais tempo passava no mundo espiritual, mais era capaz de focar minha

atenção em uma alma em particular para ler sua energia. Era como um conhecimento interior, e, quanto mais aberta fosse a alma, mais eu podia intuir. Parecia estranho que eu pudesse sentir se uma alma era pequena ou grande, velha ou nova, feliz ou triste, mas eu de fato podia.

Havia uma noção de conhecimento muito mais certa que qualquer outra coisa que eu pensava haver sabido na Terra.

129

A pequena alma que flutuara perto de mim pertencia a um menino que perdera os pais em um incêndio doméstico. Este, após perambular de um lar adotivo a outro, sem nenhum carinho, morreu em tenra idade, aos sete anos, em decorrência de uma pneumonia de que fora acometido no final do inverno. Ele estava perdido e apavorado, sem compreender por que estava ali.

- Qual é seu nome? - perguntei.

- Tamlin.

- Tamlin, não precisa se apavorar. Você gostaria de cercar-se dessa luz branca, como eu?

- Hum-hum.

- O segredo é que ela já está em você. Tenha bons pensamentos e lembre-se do amor de seus pais. Eles continuam cuidando de você e querem que seja feliz. - Eu não sabia de onde vinham minhas palavras, mas quando deixei que fluíssem me pareceu que o confortaram.

Devagar, uma luz pequena e brilhante começou a brotar da alma de Tamlin. A princípio, era muito pequena, do tamanho de um grão de areia, mas foi expandindo-se aos poucos e ficando cada vez maior. Aproximei-me e acolhi gentilmente a luz, até que ela ficasse brilhante o bastante para envolvê-lo. A alma de Tamlin começou a mostrar-se iluminada e cada vez mais feliz à medida que a tristeza ia diminuindo. Em poucos segundos, os pais dele apareceram do meio da multidão e o abraçaram.

- Onde vocês estavam? - perguntou o menino enquanto sua alma emanava ressentimento e euforia ao mesmo tempo.

- Estávamos procurando por você em toda parte - disse a mãe.

130

- Você sempre foi um farol de luz na Terra, mas aqui não podíamos encontrá-lo, embora soubéssemos que estava em algum ponto. Tão logo vimos sua luz, há poucos instantes, soubemos que finalmente o havíamos encontrado.

- Acredito que eu não seja mais necessário por aqui. - Meu bisavô sorriu e começou a desaparecer. - Chame, se precisar de mim.

Eu permanecia muito mais tempo no mundo espiritual, ajudando tantas almas quantas pudesse. Aquilo me parecia tão natural que parecia mesmo ter nascido para isso. Estava trazendo muita alegria e felicidade a tantas almas e podia dizer que, de fato, estava fazendo a diferença. Era uma experiência muitíssimo poderosa, e cada vez que eu retornava havia mais almas feridas esperando para ser curadas. Enfim, eu encontrara meu propósito anímico, e era extremamente gratificante ser capaz de fazer uma coisa tão significativa.

Ocasionalmente, eu captava um vislumbre de Cheryl, mas ela mantinha distância e apenas saudava. Era bom vê-la de novo, mas eu não estava mais obcecado como antes. Ficava contente ao deixá-la ir e sabia que ela, por certo, se aproximaria quando estivesse pronta. E, como eu estava passando mais tempo em meu mundo inconsciente, comecei a perceber a presença de uma menininha que estava quase próxima ao pico do desfiladeiro de acesso ao mundo espiritual. A energia dela era familiar, mas eu não conseguia lembrar de onde vinha.

Após algum tempo, comecei a procurar por ela e trocávamos sorrisos quando nos víamos. A princípio, eu não estava certo se ela era de luz ou de escuridão, porque sua energia era muito poderosa, mas com o passar dos dias senti que era
131

amigável. Tive coragem de perguntar quem ela era.

- Olá - por fim a saudei.

- Olá - ela disse, pragmática.

- Quem é você?

- Meu nome é Autumn. Sou sua filha.

Com isso ela deu uma risadinha divertida e, bem diante de meus olhos, se transformou em uma libélula azul brilhante, que ficou flutuando no ar a poucos centímetros do meu nariz.

- Você é minha filha?! - exclamei ali, estupefato, concentrando-me nos olhos da libélula.

E, superposto ao ruído de suas asas translúcidas, ouvi sua risadinha brincalhona de novo, enquanto ela desaparecia, cada vez menos nítida.

CAPÍTULO 12

Após a primeira vez que falei com Autumn, minha mente ficou repleta de dúvidas. Eram dezenas delas e do tipo: Quando ela nascera? Há quanto tempo está esperando por mim? E mais importante ainda: Se sou o pai, quem é a mãe?

Eu a vi mais algumas vezes na terra dos sonhos, porém cada vez mais pressentia sua presença quando rapidamente recobrava a consciência para pausas dedicadas a comer, tomar água e ir ao banheiro. Era como se ela estivesse se preparando para nascer e quisesse começar explorando sobre o que se tratava aquele plano físico.

Certa tarde, ao anoitecer, rompendo meus costumes normais, fiquei uma noite inteira sobre a Terra e sentei-me na varanda posterior de minha casa. Fiquei observando o nascer da lua e 132

as sombras mais lindas que jamais vira das árvores no quintal.

E, como eu já havia tido a revelação, pude sentir aquela sensação familiar de ter Autumn por perto. Quando olhei ao redor, vi que a luz da lua e as sombras tinham se fundido, tomando a forma de um coelho gigante, com os galhos torcidos de uma grande cerejeira.

- Autumn? - perguntei. - É você?

As orelhas do coelho começaram a se mover como se estivessem me saudando, e justamente quando eu estava prestes a ignorar aquilo, creditando o fato a uma brincadeira de minha imaginação, percebi que o ar estava muito parado.

Não havia sequer uma ligeira brisa no ar cálido de verão, e todos os galhos ao redor estavam completamente imóveis enquanto as orelhas do coelho continuavam a se movimentar.

Meu estômago parecia repleto de milhares de borboletas, e fiquei ali, observando as orelhas dançantes do coelho da cerejeira por mais ou menos meia hora. Quando minha atenção começava a se dissipar, Autumn sentiu minha distração e instantaneamente se transformou em um cisne gracioso, que parecia flutuar nos reflexos prateados do luar.

Ela então preparou uma completa coreografia com diversos animais dançando na árvore, um após outro, pelas próximas horas. Os cisnes transformaram-se em girafas. As girafas tomaram a forma de ursos-polares. Os ursos-polares viraram galinhas. As galinhas, gatos. Eu estava impressionado com sua criatividade e engenhosidade, mas na verdade foram sua alegria e genuína inocência os elementos que capturaram meu coração.

A partir de então, quanto mais tempo eu passava no mundo 133

espiritual, de menos comida parecia necessitar. Contudo, mesmo com minhas restritas refeições, finalmente abandonei o arroz integral e o chá vermelho. Pela primeira vez, desde que começara a permanecer mais tempo no mundo espiritual, precisei voltar ao mundo físico para me reabastecer de suprimentos. Embora nervoso diante da perspectiva de entrar em contato com outras pessoas de novo, estava ansioso para compartilhar minhas novidades com Robert e tinha esperança de que ele oferecesse sua perspectiva sobre Autumn. Após me preparar mentalmente, vesti, de modo quase instintivo, uma camisa de mangas compridas, chapéu e óculos de sol para me proteger do mundo exterior e aventurei-me de volta à cooperativa. Agora eu sabia, com certeza, que Robert estaria lá, de modo que fiquei imaginando se o cartaz dele me daria alguma resposta.

Sem cumprimentá-lo, aproximei-me dele e li sua nova mensagem:

Não há linhas retas na natureza.

- Seja honesto - brinquei -, você escreve essas coisas para mim, não?

- Claro que não. - Pelo canto do olho, pareceu-me ver Robert piscando para o cachorrinho Don. - Você saberá quando um cartaz for feito para você.

- Como você descobre todas essas frases?

- Elas são reveladas a mim por aqueles que precisam ser ouvidos. E as gravo para aqueles que desejam ouvi-las. E, às vezes, eles são a mesma pessoa.

- Entendo. - Fiquei imaginando, em silêncio, se alguma vez ele havia escrito uma coisa que eu dissera. Em seguida, contei-lhe minhas recentes aventuras, na esperança de que ele tivesse uma revelação.

- Então você conheceu Autumn? - Robert perguntou assim que terminei meu relato. - O que você pensa a respeito dela?

- Ela é muito alegre!

- Sim, ela é assim mesmo. - Ele riu.

- Você a conhece ?

- Eu a conheci durante sua recuperação anímica.

- Por que não me contou?

- Não achei que você poderia suportar que eu falasse, naquele momento, sobre sua filha ainda não nascida. Você já tinha muito com que lidar.

- Sim, acho que sim.

- Parece que você passou muito tempo do outro lado, não é mesmo?

- É verdade. Como sabe disso?

- Porque você está completamente fora do corpo agora. Está pairando no ar e voltado para a esquerda. Tem de tentar permanecer com os pés no chão enquanto está na Terra, senão não terá a menor chance de escolha.

- De escolha de quê?

- De onde vai viver. Você quer viver neste planeta ou no plano espiritual?

- Por que tenho de escolher? Não posso continuar a visitar?

- Acho que você fez mais que visitar, não foi?

- Apenas me sinto tão poderoso quando estou lá!

Definitivamente, estou ajudando muitas almas a curar-se.

135

Minha vida parece muito mais repleta de significado no mundo espiritual. É como se eu tivesse a missão de curar os outros.

- Sim, você tem esse dom. Mas ele sempre estará com você.

Viver neste planeta também é um dom, e você tem muito que fazer aqui. A escolha é sua, e você tem muita sorte de ter outra oportunidade de decidir.

- Quer dizer que essa não foi a primeira vez que tive de escolher?

- Todo mundo se defronta com algum tipo de escolha imediatamente após nascer. As almas entram no corpo humano quando estão no útero e muitas vezes permanecem ali até o nascimento. E, quando nascem, têm de decidir se estão prontas para lidar com as limitações de viver aqui. As poucas que não querem permanecer resolvem ir embora, e isso é comumente denominado SMSI.

- Síndrome da Morte Súbita Infantil?

- Sim. E uma denominação paradoxal, porque está longe de ser súbita. A transição em si é instantânea, mas a decisão demora algumas semanas. É a coisa mais importante com a qual nos confrontamos tão logo nascemos neste mundo: decidir se estamos prontos para ser limitados por estes corpos para que possamos experimentar a vida aqui.

- Mas por que alguém desejaria viver aqui? Há muitas coisas erradas neste lugar. E estes corpos são muito limitados em comparação ao plano espiritual.

- Porque há muitas experiências e lições que só podem ocorrer aqui.

- Dê-me um exemplo.

- Ter filhos, para citar um.

Meus pensamentos voltaram para Autumn e comecei a imaginar como seria ser pai. Havia algo em mim que desejava cuidar dela e ensinar-lhe sobre a vida neste planeta. Era quase como a coisa que eu mais desejava fazer!

- Por que não posso viver nos dois lugares, como já fiz?

- Porque seu corpo não suportaria. Quanto mais tempo você passar lá, mais se desligará do corpo, e ele então morrerá.

Quanto tempo você acha que passou desde que mudou de seu apartamento?

- Não sei... talvez uma semana.

- Na verdade, umas três. Olhe para si mesmo. Deve ter perdido entre seis e nove quilos. Seu espírito está pairando no ar sobre o corpo, como um balão de hélio, e suas calças estão quase caindo dos quadris.

- Sim, provavelmente eu deveria comer mais, mas não acho que tenham se passado três semanas.

- Olhe aqui... - ele disse, mostrando-me um jornal.

A data ali registrada era 10 de setembro. Fiquei chocado.

Tinha ido à festa de Martika havia umas cinco semanas. Isso explicava por que minha caixa de correio estava abarrotada de avisos de contas vencidas e de ameaças das companhias de serviço.

- Você tem de escolher - ele repetiu, e dessa vez suas palavras chegaram direto ao meu íntimo.

- Mas e Autumn? O que ela faria caso eu não queira permanecer aqui?

- Está tudo bem com ela. Autumn é uma alma poderosa e ficará bem, não importando a escolha que você faça. Ela tem 137

muitas alternativas, de modo que você não precisa se preocupar com ela. Não é a

primeira vez que ela vem aqui e sabe muito bem o que está fazendo. Mas você perderá uma das mais incríveis alegrias do universo se resolver partir agora. Seu trabalho do outro lado estará lá para sempre, mas a alegria que traz uma criança é uma oportunidade especial que não acontece todos os dias.

- Quando vou conhecer a mãe dela?

- Depois que sua alma decidir ficar. Agora, vá até a loja e arranje alguma comida, pois você parece estar para morrer.

Comprei um grande pacote de arroz integral e um de roiboos.

Após me despedir de Robert e do cachorrinho Don, fiz minha tradicional caminhada, subindo a ladeira. Quando estava mais ou menos na metade do caminho de casa, notei a presença de três libélulas, que pareciam estar me seguindo. Havia algo muito familiar naquelas libélulas, em especial nas duas que estavam mais perto de mim. Como eu já havia me acostumado com as brincadeiras de Autumn, pensei que ela fosse um daqueles insetos.

- Então, Autumn, quem são essas suas duas amigas? - Eu costumava falar com ela em voz alta, independentemente da forma como se apresentava. Parei no meio da rua e as três libélulas começaram a voar em círculos sobre mim. O

caminho que traçavam no ar as aproximava cada vez mais do topo de minha cabeça, até que senti estar usando uma coroa de libélulas e que eu era seu rei. Em meu coração, surgiu uma revelação. Uma silenciosa resposta à minha pergunta, que soava mais alta que quaisquer outras palavras que pudessem ser ditas: Papai e Mamãe.

CAPÍTULO 13

Passei a próxima semana e meia refletindo sobre a mais importante decisão que tive de fazer nesta vida. Enfim descobri o propósito de minha alma e achei aquilo muito bom. Mas tinha de decidir entre seguir o chamado do mundo espiritual ou criar minha filha ainda não nascida.

Quanto mais eu meditava, mais sentia que qualquer uma das duas decisões provavelmente seria a certa. Sabia que meu trabalho ainda estaria esperando por

mim depois que deixasse o planeta e também sabia, do fundo do coração, que Autumn entenderia se eu continuasse minha jornada antes de ter a oportunidade de vê-la nesta dimensão. E, embora eu estivesse honrado que ela tivesse me escolhido, deveria fazer o que era certo para mim, porque não queria que ela sentisse rancor se decidisse ter uma família sem obrigação.

Queria perguntar a Autumn o que ela pensava que eu deveria fazer, mas ela parou de aparecer em meus sonhos. Podia sentir, de fato, sua presença no mundo físico, porém tinha a sensação de que ela queria que eu chegasse à minha própria conclusão.

Tentei passar mais tempo na Terra e cuidar de meu corpo para que pudesse fazer uma escolha equilibrada. Não era fácil voltar a comer com regularidade, mas mais difícil ainda era negligenciar as almas que estavam esperando por mim. Podia senti-las chamando e sabia que poderia ajudá-las, mas também tinha certeza de que teria de decidir rapidamente sobre trazer Autumn para este mundo.

Ao anoitecer do dia da próxima lua cheia, minha 139

contemplação foi interrompida por uma batida na porta da frente. Quando a abri, vi um homem magro, careca e parecido com um monge, usando uma toga branca e um colar vermelho trançado no pescoço. Aos seus pés estava um cachorrinho que lembrava muito o companheiro de Robert.

- Cachorrinho Don? - perguntei.

Em seguida ouvi a inconfundível voz de Robert, embora estivesse mais tranquila e fraca que de costume:

- Sim, Scott, somos nós. Podemos entrar?

Fiquei observando a criatura naquela vestimenta larga e, quando me fixei em seu rosto, quase caí para trás ao me deparar com os olhos dela.

- Robert, é você?

- Claro que sou eu! Quem você pensa que é?

- Seu cabelo... - Dei um passo para o lado e fiz um gesto, convidando-o a entrar.

- Sim, cortei o cabelo.

- E se barbeou - falei, ressaltando o óbvio. - Com certeza você parece diferente sem cabelos.

Uma vez lá dentro, sentamos à mesa na pequena sala de jantar que separava a cozinha da área de visitas. Após acender a luz sobre a mesa, olhei para baixo, em direção ao cachorrinho Don, e percebi que ele estava usando uma coleira vermelha trançada semelhante ao colar de Robert. Instintivamente, curvei-me para olhar de perto e retrocedi quando reconheci as mechas dos cabelos recém-desaparecidos de Robert.

- Você fez um colar de seus cabelos?! - Meu rosto se contorceu. Não pude esconder minha repugnância.

Robert apenas balançou a cabeça enquanto amarrava um fino 140

cordão branco entre seu colar e a coleira do cachorrinho Don.

Como sempre fazia, o animal enroscou-se nos pés de meu amigo e fechou os olhos. Sob a luz eu podia ver o rosto de Robert com muito mais clareza e notei que tinha círculos escuros debaixo dos olhos fundos e que os cantos de sua boca estavam curvados para baixo.

- Você está bem? - perguntei. - Você não parece nada bem.

Ele replicou com tom de voz suave e rouca:

- Parece que a doença deste corpo foi mais longe do que eu imaginava. - Ele fez uma pausa suficientemente demorada para dar um longo e profundo suspiro. - E não serei capaz de usá-lo por muito mais tempo.

- O que quer dizer com isso? Você me disse que essa doença era algo que podia ser controlado pela vontade. E falou que qualquer um pode fazer isso, se desejar! O que você está dizendo? Não pode me deixar agora! - Eu estava confuso e chateado. Robert era a única pessoa que sabia tudo que estava acontecendo, e eu não estava pronto, ainda, para ficar sem ele.

- Você nem sequer sabe se vai permanecer neste planeta. E, se realmente for ficar, terá de ter Autumn.

- Mas por que você não pode simplesmente curar seu corpo?

Você me garantiu que podia fazer isso.

- Pensei que pudesse, mas este já foi longe demais. Além disso, meu trabalho em Ashland está terminado. Você não precisa mais de mim.

- Preciso, com certeza! Você ainda não pode me deixar. -

Sabia que estava beirando à súplica, mas me sentia desesperado.

- Preciso lhe pedir um imenso favor - disse Robert.

- Qualquer coisa - respondi, secando as lágrimas que desciam pelo meu rosto.

- Preciso que tome conta de Don. Fiz uma promessa a ele de que seria bem cuidado enquanto permanecesse nesse formato.

- Mas eu não sei...

- E, se você decidir ir embora - ele interrompeu -, Martika já aceitou tomar conta dele. Ela não pode assumir o compromisso esta semana porque vai viajar até São Francisco para um seminário. Você poderia esperar para tomar sua decisão até que ela regresse?

- Claro! - Era o mínimo que eu poderia fazer depois de tudo que ele fizera por mim.

- Muito obrigado. Isso significa muito para nós dois. - Ele começou a fuçar em sua sacola de roupas enquanto continuava a falar. - Não quero lhe impor nada além do que já fiz. - Queria assegurar a ele de que não houve nenhuma imposição, mas ele fez um gesto com as mãos para pedir que ficasse em silêncio. - Mas, além do que se refere a Don, preciso realizar uma cerimônia para honrar o corpo que ele me cedeu de empréstimo e celebrar a vida que ambos vivemos nele.

Fiquei assustado ao ouvir suas palavras tão pungentes e entendi a gravidade da situação. E, quando mergulhei profundamente em seus olhos, percebi algo que

jamais vira antes: gratidão. Imensa gratidão. Ele olhou para baixo, em direção ao cachorrinho adormecido, e pude sentir uma misericórdia - e uma sensação gratificante - mais poderosa que qualquer palavra que pudesse ser dita. E, com um 142

sussurro quase inaudível, ele murmurou:

- Obrigado.

Eu não sabia o que dizer e quase esqueci que também estava ali. Embora parecesse completamente desconectado de meu próprio corpo, ouvi minha voz dizendo:

- Com certeza... qualquer coisa de que você precise.

Robert sorriu gentilmente enquanto retirava com todo cuidado uma linda folha de papel de arroz artesanal; em seguida, com as duas mãos, colocou-a diante dele, na mesa de jantar. A lâmina texturada, de cor creme, era enfeitada nas bordas por flores de framboesa vermelhas e por uma sinuosa luz amarela que cintilava de seus talos dourados. Ele pegou também uma longa pena branca, com uma ponta esculpida na extremidade inferior, e um pequeno frasco de tinta negra antiga.

Com um fósforo comprido, acendeu cerimoniosamente cada um dos três candelabros verdes que havia sobre minha mesa.

Devagar, deslizou um deles para colocá-lo diante de mim, outro na frente dele e o terceiro no chão, amorosamente, ao lado do cachorrinho Don. Após acender as velas, ele fez sinais para que eu apagasse as luzes e, tão logo o atendi, fechou os olhos, sentando-se sem dizer uma só palavra por alguns segundos. A única coisa que quebrava aquele silêncio profundo era o ruído produzido por seus pulmões, à medida que ele lutava respirar, em curtas e superficiais aspirações.

Quando abriu os olhos, Robert pegou a pena e a introduziu no frasco. Depois de esperar que o excesso de tinta pingasse de volta à base, começou a escrever no papel com longos e precisos movimentos. Do lugar em que me encontrava eu não 143

tinha ângulo para ver o que ele estava registrando ali, mas pude observar que seus olhos estavam mais focados do que eu jamais vira. Ele continuou a escrever

com intensidade e deliberado senso de propósito, abrindo ligeiras pausas para encher a pena de tinta antes de seguir adiante. Quando acabou, depositou com delicadeza a pena sobre a mesa e, instintivamente, o cachorrinho Don despertou e ficou observando Robert, com ambas as orelhas empinadas, evidenciando sua atenção concentrada.

Robert levantou-se da cadeira e, com as duas mãos, pegou o papel em que escrevera e começou a falar, com a voz clara e poderosa, pela primeira vez naquela noite.

- Com este Jisei, nosso Poema da Morte, humildemente homenageio a vida de Donald Newport e a viagem que fizemos juntos neste corpo tão digno. Embora a carne seja mera vestimenta, serviu-nos muito bem, protegeu-nos e carregou-nos em muitas viagens importantes ao longo desta vida. - Em seguida, Robert ajoelhou-se diante do cachorrinho Don, para que ambos pudessem se fitar direto nos olhos, e continuou: - Sou eternamente grato por seu generoso presente e agora serei seu servo pelas próximas três vidas.

Permanecerei ao seu lado e lhe darei a minha vida para que você faça com ela o que desejar.

Então Robert colocou o papel diante do cachorrinho Don e abaixou a cabeça até o chão, até ficar no mesmo nível das patas do animal. Don olhou para baixo, fitando a folha em que Robert havia escrito, e parecia estar lendo o que ali estava.

Após alguns minutos, ele lambeu uma das faces de Robert e deixou escapar um triste lamento.

Devagar, Robert levantou-se de novo, pegou o papel e colocou-o diante de mim, antes de retornar para sua cadeira.

Quando olhei para baixo, fiquei maravilhado com a beleza da caligrafia. Cada movimento da pena havia acariciado amorosamente o papel, deixando um rastro de tinta que tinha muito mais que ver com a arte japonesa que com a língua inglesa. Depois de apreciar o belo contorno das letras, comecei a ler lentamente o poema haiku, uma palavra por vez, até finalmente mergulhar no sentido: O véu nevado do inverno

Que cobre as árvores de branco

É água novamente

Li as palavras de novo, e meus olhos começaram a marejar.

Uma solitária lágrima escapou e escorregou pela minha narina até cair sobre a última linha do poema, transformando as letras em uma piscina de líquido negro. Olhei para Robert, e as lágrimas continuaram a percorrer ambos os lados de meu rosto.

Ele pegou o papel e com um único movimento aproximou o canto da folha da chama da vela, até que pegasse fogo. Eu e o cachorrinho Don ficamos ali, pasmados, enquanto ele queimava o poema, e esperei até que Robert estremeceu, quando a labareda começou a chamuscar os pêlos do dorso de sua mão. No instante exato em que aquela cena começava a parecer desconfortável, ele colocou a poesia incandescente no prato de cerâmica verde-claro que tirara da sacola. As chamas percorreram devagar as bordas do papel, e, em poucos 145

segundos, o fogo havia-se extinguido, deixando em sua esteira um frágil traço de cinzas.

Robert fuçou mais uma vez a sacola, de onde retirou outro instrumento cerimonial. Dessa vez, era um pequeno jogo de tesouras desgastadas, as quais usou para liberar o fio que havia atado â coleira do cachorrinho Don, fazendo outro corte onde o mesmo fio estava preso a seu próprio colar vermelho. Ele segurou o fio com a mão esquerda e depois guardou as tesouras na sacola. Andou ao redor da mesa até parar de repente diante de mim. Instintivamente, levantei-me e empurrei a cadeira para baixo da mesa, para que não houvesse nenhum obstáculo entre nós.

- Scott, agora você é o fio que me une a Donald - disse Robert, recuperando a tonitruante voz cheia de autoridade. - Onde quer que esteja, no plano terreno ou seguindo seu caminho, você é o elo que nos mantém unidos. Durante a próxima vida, Donald e eu nos sentiremos honrados se você continuar aceitando essa responsabilidade e sendo nosso guia. Sua visão se tornará cada vez mais poderosa nas estações que virão, e você será capaz de reconhecer de imediato cada um de nós, não importa a forma como nos apresentemos. Scott, você vai aceitar essa responsabilidade?

Embora eu não soubesse sequer o que faria na próxima semana, quanto mais na vida seguinte, sentia-me em débito com Robert e, de qualquer maneira, queria lhe oferecer uma retribuição. Eu não tinha a menor ideia do que isso implicava, mas sentia que Robert confiava em mim, portanto provavelmente seria algo que eu pudesse fazer.

- Será uma honra para mim - disse por fim. Em seguida, ele 146

tomou minhas mãos nas dele e gentilmente transferiu o fio para as palmas das minhas.

Apertei o delgado fio branco com os dedos, até que ficasse cada vez mais quente para que pudesse sentir a vibração da energia de Robert e do cachorrinho Don. Aquilo me parecia muito familiar, e, com humildade, segurei a relíquia sagrada da ligação deles. Eu já sabia que havia amor real entre as pessoas, mas aquela era a primeira vez que de fato podia sentir a energia do verdadeiro amor em minhas próprias mãos.

Ao olhar para cima, vi que Robert estava em pé diante de seu candelabro, com as palmas das mãos unidas e a cabeça tombada.

Está na hora de eu ir embora - ele disse enquanto se curvava em direção à vela para apagá-la. Quando a chama se extinguiu, a luz do ambiente ficou reduzida a menos da metade. Ainda havia dois candelabros acesos, mas o dele produzira mais luminosidade que os outros e já fazia muita falta.

- Onde você vai nascer da próxima vez? - Comecei a tremer de maneira incontrolável.

- Não tenho certeza. Provavelmente em Cassadaga. Ali existe um escritor muito talentoso que transformará milhões de corações.

Eu não sabia onde ficava Cassadaga, mas não me parecia um lugar próximo.

- Quando você vai embora?

- Esta noite - ele disse, e seu sorriso partiu meu coração. -

Cuide-se, Scott.

Com isso, bateu a porta atrás de si. Fiquei olhando pela janela 147

enquanto ele descia a rua e virava a esquina, até que fui tomado por uma onda de tristeza.

Tão logo ele foi embora, minhas lágrimas voltaram com força total, e, quando os outros candelabros se apagaram, vi a lua cheia suspensa no céu, diante de minha janela. Tinha planejado ficar em comunhão com a energia lunar daquela noite para ajudar em minha decisão sobre Autumn, mas já não tinha mais disposição para aquilo. Minha decisão parecia sem sentido à luz do que acabara de acontecer. Então, numa atitude dramática, fechei a persiana para evitar que a luz prateada entrasse em meu quarto.

Quando despenquei na cama, as lágrimas escorriam do rosto para os cantos de minha boca, deixando um sabor salgado em minha língua. Naquele exato momento, odiei tudo que dizia respeito ao mundo físico, com todas as suas arbitrárias limitações, e só desejei ir embora. Entretanto, prometera a Robert que cuidaria do cachorrinho Don ao menos até que Martika voltasse. Se não fosse por esse compromisso, por certo teria tomado a decisão de ir para o mundo dos espíritos, sem jamais retornar.

CAPÍTULO 14

Na manhã seguinte, acordei com um estado de ânimo muito melhor e, surpreendentemente, meu apetite tinha voltado.

Estava faminto pela primeira vez em várias semanas e decidi levar o cãozinho Don para um passeio, porque assim poderia comer um burrito no desjejum, no quiosque ao ar livre que havia nas proximidades do parque.

148

Após comprar a comida, andei com ele pelo interior do parque e percebi que o tempo começava a mudar. Havia um friozinho no ar, daquele tipo que anuncia uma estação prestes a chegar, e fiquei surpreso ao constatar como as folhas estavam diferentes.

Eu não andava por ali havia algumas semanas e, enquanto caminhávamos pelas trilhas repletas de gravetos, fui ficando impressionado com os diferentes matizes de laranja e amarelo que adornavam os galhos do arvoredo. O lugar estava cheio

de cores porque o outono estava definitivamente alterando tudo. E, à medida que nos aproximávamos do riacho, podiam-se ver as folhas caídas flutuando na água resplandecente, como se fossem canoas preguiçosas.

Robert não estava longe de meus pensamentos naquela manhã, e tudo parecia contribuir para que eu me lembrasse dele. Peguei-me olhando fixamente para a base de um imenso carvalho e fiquei observando suas folhas amarelecidas desprendendo-se dos galhos, os quais as mantiveram em segurança durante tantos meses. Com delicadeza, elas deslizavam para o chão, onde se juntavam às amigas que haviam feito a mesma viagem recentemente. Refleti sobre o humilde estado de graça em que Robert havia partido na noite anterior e me senti honrado de ter sido testemunha de uma cerimônia tão profunda.

Enquanto

observava

as

folhas

caindo

no

chão,

instintivamente acariciei as orelhas de Don e senti meus dedos tocarem a coleira trançada que havia em seu pescoço.

As lágrimas ameaçavam reaparecer porque as emoções que sentira na noite anterior começavam a aflorar de novo, mas 149

depressa me forcei a sentir gratidão pelo fato de nossos caminhos terem se cruzado, não importando se de maneira tão breve. Robert tivera grande impacto em mim em um curto espaço de tempo e senti, no fundo do coração, que voltaria a me encontrar com ele outra vez, no futuro.

Eu parecia menos seguro que na noite anterior em relação aos meus desejos: se queria permanecer na Terra ou ir para o mundo dos espíritos. Era afortunado por

ter sido informado sobre meu trabalho no plano espiritual e sabia que seria abençoado com uma família se ficasse na Terra. Eu não estava certo, porém, sobre qual dessas opções seria mais significativa no grande plano do universo. Ali, sozinho com meus pensamentos serenos, estava confiante no fato de que o outono seria muito mais poderoso espiritualmente do que eu jamais poderia esperar. A mesma questão ainda permanecia: Como posso promover o impacto mais positivo em minha vida?

Quando chegamos ao final do lago de patos, na área inferior do terreno, vi a sacola de Robert abandonada sobre uma pilha de folhas, embaixo de uma pequeno plátano. Ele deve tê-la deixado ali no parque antes de ir embora na noite anterior.

Não pude evitar pegá-la e, após alguns segundos, instintivamente desatei os cordões esfarrapados que mantinham aquele objeto fechado e dei uma olhada lá dentro.

Havia alguns cartões escritos na inconfundível caligrafia de Robert. Contei um total de sete. Fui tirando um a um, com cuidado, e os depositei na grama, em minha frente. Cada um era quase idêntico ao outro e tinha uma única palavra boiando bem no centro:

150

Sim.

- Típico! - exclamei em voz alta depois de inspecionar os dois lados de cada um deles, na vã esperança de encontrar alguma outra palavra escondida em algum canto. Robert jamais pareceu responder a nenhuma de minhas perguntas de maneira direta e, mesmo após ter ido embora, mostrava-se mais enigmático que nunca.

Sentei no gramado com os sete cartões ao meu redor e ouvi a voz de Robert sussurar:

- Encha seu coração de "sim" e tomará a decisão certa. Voltei-me, esperando poder mergulhar profundamente, de novo, em seus olhos azul-clarinhos, mas não havia ninguém nas proximidades. Dei uma olhada para baixo, em direção ao cachorrinho Don - suas orelhas estavam em posição de alerta e ele se mostrava todo animado pela primeira vez desde que Robert partira na noite anterior.

De repente, um corvo surgiu atrás de nós, voando baixo, em círculos. Como o som do bater de suas asas chegava até nós, o cachorrinho Don foi na direção do pássaro. Eu jamais vira o animal se movimentar tão rápido antes. Corri atrás dele e, quando virei a esquina, ele estava dando voltas em torno de uma mulher de longos cabelos louros, que usava um suéter azul-claro, comprido até os joelhos. Quando cheguei perto, a reconheci: era Madisyn, com y, e tinha estado no jantar de Martika.

- Olá - eu disse.

- Oi, Garoto Lunar. Você tem um belo cachorrinho - ela falou enquanto o acariciava delicadamente em um dos lados do 151

focinho. - Qual é o nome dele?

- Don.

Ela franziu o cenho.

- Ele não gosta mais desse nome. Precisa de um bem mais distinto. Que tal Ônix? Você gosta disso, Ônix?

Ônix saltou nos braços dela e começou a lamber seu rosto ao mesmo tempo em que balançava a cauda, manifestando sua concordância.

- Acho que ele gostou. - Dei risada. E, quando olhei para baixo, na direção do bichinho ansioso, percebi que havia algo diferente. Estava faltando alguma coisa.

- A coleira dele desapareceu. - Tentei permanecer calmo, mas meu pânico ficou evidente quando comecei a esquadrinhar o solo à procura do colar vermelho trançado.

- Ele não precisa disso - Madisyn afirmou com um sorriso. -

Todos nós sabemos quem ele é, não é mesmo, Ônix?

Ônix balançou o rabo e deixou escapar um breve e alegre latido.

- Você ainda está morando em Ashland? - perguntei.

- Sim, estou. Encontrei uma casa a apenas alguns quarteirões daqui e a amei. É cheia de luz e é maravilhoso poder chegar ao parque tão rápido. Sou amante da natureza e estar com as árvores todos os dias me enche de alegria.

Nós três começamos a andar juntos pelo caminho, apreciando aquele confortável silêncio, como se nos conhecêssemos por muitas e muitas vidas. E, por alguma razão, senti como se isso realmente tivesse acontecido.

Os delicados sons da natureza misturavam-se naturalmente com os dos nossos passos, e, pela primeira vez na vida, senti 152

que tudo estava exatamente como deveria estar e como sempre estivera.

Continuamos a explorar as trilhas menos conhecidas da parte final do parque e, quando subimos uma ladeira íngreme, chegamos a uma grande árvore que acabara de cair sobre o caminho.

Madisyn graciosamente encontrou a maneira mais fácil de contornar essa barreira e, sem a menor cerimônia, disse:

- Não há linhas retas na natureza.

- Onde você leu isso? - perguntei, imaginando se ela também havia conhecido Robert.

- Não li em lugar nenhum. Foi uma visão que tive quando criança e que sempre mantive com carinho em meu coração.

Vinda de sabe-se lá que lugar, uma familiar libélula azul brilhante baixou do céu e pousou nas douradas madeixas de Madisyn. Parou de bater as asas e manteve-se sobre as delgadas pernas de fada, fazendo o próprio caminho naquele espaço.

- Você tem uma fada na cabeça - sorri.

- São gente minha. - Ela riu e estendeu o dedo indicador até o alto da cabeça para que a libélula pudesse subir a bordo. O

inseto veio devagar, e ela, com a maior naturalidade, colocou-o entre nós para que pudéssemos lhe dar uma boa olhada. A libélula pousou por alguns segundos e depois voou rapidamente para o interior das árvores.

Enquanto Madisyn andava pelo bosque, a luz filtrada por entre as árvores incidia sobre seus cabelos, fazendo as mechas louras começarem a resplandecer. Pela primeira vez em muitos anos, vislumbrei o amor no horizonte e percebi que, 153

por fim, deixara Cheryl ir embora.

De repente, sem mais nem menos, Madisyn parou no meio do caminho, olhou para o alto das árvores e disse:

- Amo o outono.

Ohei para ela, encantado, sentindo meu corpo inteiro tremer.

- Queria que o outono estivesse aqui todos os dias! - ela exclamou, com os braços estendidos para o céu.

- Eu também - sorri. - Eu também.